Raul Seixas • Creed • Lulu Santos • AC/DC • Jota Quest

# SHOW BIZZ

Edição 184 - Ano 15
nº 11 - novembro 2000 - R$ 5,00

**Raimundos**
soltam o verbo

Esta é sua nova SHOWBIZZ

**Offspring**
compra a briga do **Napster**

SIMBOLO

# MUTANTES

## Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias relembram a maior viagem do rock nacional

Psicodelismo no Brasil • Até Ronnie Von embarcou na loucura, pode?

Com um
presente
desses,
você vai até
desconfiar se
Papai Noel
realmente
é seu pai.

Honda C100 Biz. Neste Natal, saia dessa onda. Peça esta Honda.

HONDA
Asas da liberdade

Pilote sempre equipado. Produzida no Pólo Industrial de Manaus.

Capa: ilustração de Antonio Peticov sobre foto de J. Ferreira da Silva

No jornalismo, há um troço chamado gancho. É quando se usa um episódio, uma data, um acontecimento específico como pretexto para abordar determinado assunto. Pois bem: o gancho para estampar Mutantes na capa seria a caixa *It's Very Nice Pra Xuxu*, reunindo os seis primeiros discos da banda, mais *Tecnicolor*, a obra perdida que foi desenterrada no ano passado. Mas, por razões que só a Universal e os membros do grupo conhecem, seu lançamento foi adiado mais uma vez. Era para chegar às lojas em setembro, depois outubro, depois novembro. A gravadora alegou ter "outras prioridades" para trabalhar antes do Natal que se avizinha – leia-se campeões de vendas como padre Marcelo Rossi e quejandos. Por isso, postergou a edição da caixa para janeiro de 2001, época em que as companhias fonográficas geralmente entram em férias ou trabalham em ritmo de verão. Além disso, os álbuns que compõem *It's Very Nice Pra Xuxu* são facilmente encontrados por aqui, o que reforça a impressão de que o produto é destinado principalmente ao público externo, que vem descobrindo que os Mutantes são um dos mais instigantes sabores musicais a saírem dessas plagas. Bom, o fato é que, com essas e outras, nosso gancho foi para a cucuia. Mas desde quando é preciso motivo para falar dos e com os Mutantes? Ora, queremos que essas formalidades caretas se "top top". Veículos estrangeiros não pensam duas vezes se o assunto é Beatles, Stones, Led, Pink Floyd ou outros artistas fundamentais. Para nós, Mutantes desempenha esse mesmo papel. Dá para dizer que o grupo inventou o rock brasileiro, que sintonizou o país com o que o mundo estava curtindo na virada dos anos 60 para 70. BIZZ já contou a história deles (em fevereiro e março de 1987) e tem publicado inúmeras entrevistas com seus ex-integrantes ao longo desses 15 anos. Agora, chegou a hora e a vez do cabelo nascer, quer dizer, de colocar os Mutantes no lugar mais destacado da edição – com direito à capa feita pelo artista plástico Antonio Peticov, testemunha dos loucos anos mutantes sobre a Terra. A melhor revista de música do Brasil com a melhor banda que este país já viu nascer. Em todos os tempos.

Tchau e bênção,

**Emerson Gasperin**

O que rolou enquanto trabalhávamos para fazer o rock prosperar

## PARADA DA REDAÇÃO

***El Baile Aleman*, Señor Coconut Y Su Conjunto** Mais bizarro, impossível: uns malucos do Chile que transformam clássicos do Kraftwerk em chá-chá-chá. E o pior é que fica bom.

***Loki?*, Arnaldo Baptista** Seu primeiro álbum-solo tem tanto valor quanto qualquer um dos Mutantes. O testemunho de um gênio querendo fazer o som com que sempre sonhou.

***Hot Rail*, Calexico** Terceiro do grupo americano que une violões folk e climas jazzy a mariachis mexicanos. Jóias como "El Picador" provam que a mistura é possível.

***Cocaine Rodeo*, Mondo Generator** Banda paralela do baixista Nick Oliveri, o barbudo do Queens Of The Stone Age. Stoner rock ao extremo. Extremo até demais, diga-se.

## BARULHO


**6** Belle And Sebastian, Elastica, O Surto, Cat Power

**10 Cabra Cega**
Nasi, do Ira!

**12 Que Fim Levou**
João Penca E Seus Miquinhos Amestrados

**14 Até Quando Esperar**
Delta 72, Plastilina Mosh

**16 Palco**
Jota Quest, AC/DC, Simoninha


## NESTE MÊS


**22 Mutantes**
Eles eram (e continuam sendo) uns chuchuzinhos

**32 Ronnie Von**
Mesmo inocente, o príncipe também fez das suas

**34 Flashback**
Psicodelia em verde-e-amarelo

**38 Raimundos**
Os roqueiros mais pops do Brasil querem falar

**44 Offspring**
Dexter se mete na polêmica do Napster

**50 Lulu Santos**
Carreirômetro do cara que fez "Certas Coisas"

**58 Mötley Crüe**
O maior expoente do "farofismo" está de volta

**62 Creed**
Letras cristãs e riffs grunges para as massas


## DISCOFAGIA


**67** Ira!, Deftones, Jairzinho, Guided By Voices

**76 Importe-se**
De La Soul, Phoenix, Twilight Singers

**78 Os10 mais...**
Para quem está no limite

**80 Discoteca Básica**
*Q: Are We Not Men?...*, do Devo

**82 Democracia**
Danilo Monteiro, Beto Só, Saci Tric

**84 Responde**
Capital Inicial, New Order, Goo Goo Dols

**86 Salve Simpatia**
Todo mundo parabenizando a revista. Er... quase

**90 Detalhes**
Raul Seixas deixa a Bahia graças à bossa nova

Pílulas, boatos, retrações e aquela alegria de viver que torna a jornada levinha, levinha

# Amor em dose quádrupla

**Discografia do Belle And Sebastian chega ao Brasil e esclarece por que os escoceses que não gostam de tirar fotos nem dar entrevistas são os mais cultuados da década de 90**

Tem gente que ama, tem gente que odeia, mas você certamente ainda vai encontrar alguém que ouviu o Belle And Sebastian e não sabe o que pensar do grupo. Agora que os quatro álbuns da banda estão sendo lançados no Brasil (*Tiger Milk, If You're Feeling Sinister, The Boy With The Arab Strap* e *Fold Your Hands Child, You Walk Like A Peasant*), surge a oportunidade de formar sua própria opinião. Seja ela qual for, há de se reconhecer que, para um grupo semi-obscuro de estudantes escoceses, sem vendas estrondosas e quase sem divulgação, ganhar o respeito mundial que o Belle And Sebastian conseguiu é um feito e tanto.

Suas melodias bem trabalhadas são na maioria compostas pelo cantor Stuart Murdoch e cuidadosamente construídas pelos músicos Richard Colburn, Mick Cooke, Stevie Jackson, Sarah Martin, Isobel Campbell e Chris Geddes. Cultivando o anonimato com um visual nerd, o grupo raramente sai de sua cidade natal, Glasgow, mas formou uma forte e leal legião de fãs que espalhou as façanhas da banda na base do boca a boca. Avesso a entrevistas, o septeto conversou com BIZZ sobre a obsessão que o envolve.

**Por que vocês não dão entrevistas?**
**Stuart Murdoch** A gente fez algumas no começo, mas depois me desinteressei. Eu não gostava de dar entrevistas. Você tem de estar alerta quando está falando de si mesmo, porque pode acabar soando como um idiota. Já nos sentimos frustrados depois de falar com pessoas e de o que dissemos ter sido reproduzido fora de contexto. A única resposta é não dar entrevistas. É fácil e você não se frustra.

**De onde vem sua obsessão por ônibus?**
**Stuart** Glasgow tem um ótimo sistema de transporte público. É o melhor do mundo! É ótimo, você tem de experimentar. Se eu disse alguma coisa afetuosa sobre os ônibus é porque eu senti isso. Passo muito tempo em ônibus. Quando comprei meu primeiro passe de ônibus, minha vida mudou para sempre.

**Com tanta gente na banda, como vocês tomam decisões?**
**Stevie Jackson** É bastante caótico. Tudo tem de ser unânime, senão a gente não faz nada.
**Mick Cooke** A gente costumava votar levantando as mãos, mas agora só sentamos e conversamos sobre as propostas que recebemos. Se parece legal, a gente vai em frente. Ou não.

**Stuart teve a idéia para a música 'Nice Day For A Sulk' lendo o diário de Isobel. Como você se sente em relação a isso?**
**Isobel Campbell** Escrevo tudo num diário. Nell, nosso empresário, viu isso. Naquele dia, no estúdio, a gente estava tocando "Nice Day For A Sulk", e ele achou que eu estava pensando em ficar birrenta. Isso acontece, porque eu posso ser birrenta, mas naquele dia a gente estava gravando a canção. A música veio primeiro, não o diário.

**Vocês acham que as bandas deveriam expressar suas opiniões políticas nos seus discos?**
**Stuart** A gente tem coisas a dizer e as diz nos nossos discos. Não guardamos nada. Se sentimos que temos de pôr algo para fora, vamos nos esforçar para fazer isso nos shows, na arte do disco, tudo. A gente tenta fazer o melhor em tudo. Acho que qualquer coisa feita com vaidade é perigosa. Às vezes, uma banda se junta e realiza algo sensacional, como os Stone Roses. Mas aí eles conseguiram um pouco de fama, começaram a ficar vaidosos e se transformaram em lixo. No começo era poderoso e mágico, mas depois perdeu o controle. Primal Scream é outro. Eu não escutei os discos recentes, mas eles estão parados em pódios e isso não me atrai. Se dessem ao (*vocalista*) Bobby Gillespie um pronunciamento em favor do Partido Primal Scream, seria uma porcaria. O que importa para mim é "Velocity Girl" (canção do Primal que só saiu em coletânea), um minuto e meio de pura música.
**Luciano Vianna e Valéria Rossi**

A Trama também pode lançar aqui os cinco EPs da banda: *Dog On Wheels, 3... 6... 9 Seconds Of Light, Lazy Line Painter Jane, This Is Just A Modern Rock Song* e *Legal Man*

# Beleza americana

Qual é a pior coisa a se fazer depois de levar um fora da pessoa amada? Ouvir qualquer um dos três discos de **Cat Power** que a Trama lançou no Brasil. Sua obra é repleta de canções sobre momentos complicados da vida e são extremamente pessoais. O nome verdadeiro de Cat é Chan Marshal, hoje com 28 anos e feliz por ter encontrado sua alma gêmea. Mas essa americana faceira, que grava pelo tradicional selo independente Matador há alguns anos, já passou por maus bocados existenciais. De Nova York, ela, que nunca imaginou ter seus discos lançados por aqui, não sabe nada sobre o país ("sei que é tropical"), mas promete visita para dezembro, parou de arrumar as gavetas numa manhã de segunda-feira para abrir a alma para BIZZ.

**É verdade que você não gosta mais de nenhuma música que compôs no passado?**
Digamos que você tem uma roupa, camisa ou calça, que costumava usar bastante há cinco, seis anos. Mas, agora, você não a usaria mais. As coisas mudam. Não gosto mais daquela camisa, prefiro essa nova, que é mais interessante para mim no momento.

**E seus fãs? Eles não querem ouvir o material antigo?**
O problema é que eu era uma pessoa diferente. Existiram razões para eu escrever as canções daquele jeito. Estava crescendo e não conseguia ajuda. Agora que eu superei essas questões difíceis da minha vida, não quero mais voltar. Desisti da música em 1997 e fui morar em Prosperity, uma cidade no interior da Carolina do Sul, por um ano. Eu não queria mais tocar. Aí tive um sonho horrível, assustador e estranho, do tipo sobrenatural, que me levou a escrever *Moon Pix* (1998). Isso me forçou a voltar para a música e me devolveu a confiança. Iniciei uma turnê que durou um ano e me levou a ter um colapso. Então, comecei a tocar covers nos shows e nasceu a idéia de fazer o *Covers Record* (2000).

**O que você fez quando se afastou da música?**
Eu fui ao lago, fui à floresta, pintei, limpei minha casa, dirigi – passava horas dirigindo –, nadei, vi filmes. Essas coisas...

**Planos de gravar algo novo?**
Quero soltar um volume dois do *Covers Record*. Talvez você conheça um bom estúdio no Brasil para me indicar. Ia ser divertido. O repertório tem Robert Johnson, "Wonderwall", do Oasis, Mary J. Blige, Bob Dylan...

Cat diz que faz "músicas para as pessoas"

**Como você definiria sua música para quem nunca a ouviu? Ponha você mesma o rótulo.**
Acho que... Música para as pessoas (*risos*). Sei lá. Blues contemporâneo. Não sei. É tão estúpido...

**Pop?**
Não, não sou nada popular. Música independente moderna... Rock independente moderno sem banda. Acho que é isso (*risos*).
**José Flávio Junior**

# O ataque que pirou as rádios

O grupo **O Surto**, dono da música "A Cera" (onipresente nas rádios), fechou negócio com a Virgin e lançou em outubro seu auto-intitulado trabalho de estréia. Do underground cearense ao contrato com a multinacional foram seis anos e muita batalha. "Ser músico independente aqui é um sofrimento, mas uma tremenda escola, se você souber aprender", desabafa Zé Wilkley, guitarrista e um dos fundadores do grupo. Bem longe da independência que viviam desde 1994, estão felizes da vida e, garantem, mais livres do que nunca. "No início éramos presos ao punk e ao hardcore, depois ao metal, mas hoje nosso som tem tudo que gostamos", garante o baixista Franklin, que é rapidamente endossado por seu companheiro Zé. "Crescemos ouvindo rádio, pois não tínhamos dinheiro para comprar discos. Já escutamos tanta coisa diferente na vida que seria impossível ter influência de algo específico. O universo musical é muito grande para ficarmos com um pedacinho só". O primeiro trabalho do quarteto é pesado, mas bem eclético. Hardcore, metal, hip-hop, reggae e pop se intercalam entre as 11 faixas, com pitadas de ritmos nordestinos. Segundo o baterista Jucian, "o mais importante é que haja diversificação com equilíbrio", assim como deveria acontecer com o mercado fonográfico do país. "O problema do Brasil não é o axé ou o pagode, mas a mídia, que não abre espaço a outros estilos". Parar de dar valor e consumir só o rock que vem de fora já é um bom começo. "O brasileiro acha que as bandas daqui precisam ter a mesma cara, a mesma postura das bandas gringas. Impossível! Nossa vida é outra, nossa cultura é outra, nosso salário é outro...", completa o vocalista Bolo.
**Fabiana Batistela**

O Surto: do Ceará para o mundo

Pílulas, boatos, reinações e aquela alegria de viver que torna a jornada levinha, levinha

# Os novos bons moços do brit pop

Quem acompanha os semanários e revistas ingleses está vendo desde o ano passado o nome do **Coldplay** ganhar cada vez mais destaque na mídia especializada. E não é para menos. Com o lançamento do primeiro álbum, *Parachutes* (que a EMI lança este mês no Brasil), a banda foi elevada ao posto de nova queridinha do cenário pop rock alternativo britânico. Além de fazerem música de ótima qualidade, os rapazes do Coldplay são super boa-praça, do tipo que toda mãe sonha para genro.

Formado por quatro amigos – Chris Martin (voz), Guy Berryman (baixo), Jon Buckland (guitarra) e Will Champion (bateria) – que descobriram gostos musicais comuns na Universidade de Londres (especialmente Simon & Garfunkel, Nick Drake e Jeff Buckley), o Coldplay poderia ter tomado o mesmo caminho de milhares de outras bandas de universitários, ou seja, o ostracismo total. Mas foi aí que entrou o golpe de mestre: com uma grana emprestada por um amigo (que hoje é empresário da banda), lançaram o EP *Safety* (que hoje em dia é passado de mão em mão por colecionadores por cerca de 600 reais). Com excelentes críticas nas revistas especializadas, viram o público de seus shows deixar de ser composto apenas por colegas da universidade e se transformar numa multidão de olheiros de gravadoras.

Após um EP e os singles das belas "Shiver" e "Yellow", não dava mais para escapar do sucesso. Inclusive, foi no festival de Glastonbury deste ano, onde a banda tocou no início da tarde para uma multidão, que o grupo caiu de vez na boca do povo. Daí para o primeiro lugar das paradas inglesas com *Parachutes* foi um pulo. E o segundo álbum, já em fase de composição, deve sair no ano que vem. Seria o Coldplay o novo lobo Oasis com roupagem de ovelha?

**Luciano Vianna e Valeria Rossi**

## CADA DISCO UMA HISTÓRIA

Estão chegando ao Brasil seis vídeos da série *Classic Albums*, que se dispõem a mostrar o making of de alguns discos que fizeram barulho na história do pop. São um prato cheio para o fã: bandas e produtores e contam o processo de composição, que efeitos foram usados e histórias dos bastidores. Música mesmo, tem pouca – apenas fragmentos ilustrando os depoimentos e, no final, uma ou duas canções completas. Confira os lançamentos:

| Banda, disco | Clássico? | Coadjuvantes | Curiosidade |
|---|---|---|---|
| U2, *Joshua Tree* | Foi o disco em que o U2 mergulhou nas raízes da América, em 1987, e dali saiu para conquistar o resto do mundo | Elvis Costello | Depois de trabalhar horas e horas sem resultado, o produtor Brian Eno quase apagou a versão demo de "Where The Streets Have No Name" |
| Bob Marley And The Wailers, *Catch A Fire* | Gravado em 1973, inaugura em grande estilo a entrada do reggae na parada internacional | Peter Tosh, Bunny Livingstone, Rita Marley | O produtor Chris Blackwell considerava inacessível o som de raiz dos Wailers. Então, procurou suavizar as levadas com órgãos e guitarras |
| The Who, *Who's Next* | Superou a recepção arrasadora de *Tommy*, de 1970, tornando-se o álbum de maior sucesso comercial da banda | – | O disco surgiu da tentativa (fracassada) do grupo de montar um evento com concerto, filme e trilha sonora, *Life House* |
| Steely Dan, *Aja* | De 1977, marca a guinada da dupla em direção a um som mais pop, mas sem perder suas influências de jazz e soul | Ian Dury | Donald Fagen e Walter Becker desistiram do formato banda, optando por trabalhar com músicos de estúdio |
| Meat Loaf, *Bat Out Of Hell* | Ignorado pela crítica – saiu em 1977, em plena efervescência do punk e da disco music –, vendeu mais de 30 milhões de cópias nos Estados Unidos, quantia jamais repetida nos álbuns seguintes do Meat Loaf | Todd Rundgren | A "peso operístico" do álbum foi recusado por inúmeras gravadoras antes de ser lançado por um pequeno selo de Cleveland |
| Phil Collins, *Face Value* | Em 1981, Phil Collins decidiu gravar um disco-solo paralelo ao seu trabalho com o Genesis. Resultado: teve muito mais êxito do que com a banda. Nem ele sabia que era assim tão pop. | – | As músicas foram produzidas no estúdio caseiro de Collins, em um intervalo das atividades do Genesis, e depois retocadas para dar origem a *Face Value* |



NOVO ÁLBUM
OTO
CHANGEZ TOUT
SAMBA PRA BURRO DISSECADO
REMIXADO POR
BID • DJ PATIFE • RICA AMABIS & LUCA RAELE • M4J • SUPERCHOCOBOY • MAX DE CASTRO • APOLLO 9 • ANDRÉ ABUJAMRA • A D • EDU K • TECHNOZOIDE • NUDE • MUCHACHO ALVES • GARCIA Y CARVALLO • DJ DOLORES • RAMILSOM MAIA • MAMELO SOUND SYSTEM & MARCOS AXÉ • KASSIN & BERNA CEPPAS • CAMILO ROCHA & DJ YAH! • JOÃO MARCELLO BÔSCOLI • DJ NUTS • DJ MARKY • FRIENDTRONIK • LEON T. JR. & DJ SPLIFF • MARCELINHO • EDGARD SCANDURRA • FLU • AUTOLOAD • ANVIL FX
ÁLBUM DUPLO • TIRAGEM LIMITADA
APENAS 5000 CÓPIAS NUMERADAS
M4J
FOLKLORE NUTS
Mau Mau, Marcel Vanni, Marcel SK e Franco Junior juntam à parafernália eletrônica triângulos, pandeiros, zabumbas em um autêntico rata-bucho eletrônico
CAMILO ROCHA
RAVE TRIP 2
Segundo álbum de Camilo Rocha, um dos pioneiros e mais influentes DJs da cena eletrônica brasileira. Com faixas de Dave The Drummer e Liberators.
ANDERSON NOISE
OUTUBRO
Álbum comemorativo dos 10 anos de carreira do DJ Anderson Noise, um dos maiores nomes da cena techno no Brasil. Incluindo faixas de Technasia, Level 202, Mr. C., entre outros.
Nas melhores lojas
Matraca
TRAMA
www.trama.com.br

# Nas pegadas de Lobão

Mas por onde anda mesmo o **Dr. Sin**? O trio paulistano não existe mais. Ele agora é um quarteto que conta com a privilegiada garganta metálica de Michael Vescera, ex-cantor da banda de Yngwie Malmsteen e titular do projeto-solo do guitarrista Roland Grapow, do Helloween. Vescera já havia produzido e cantado em uma faixa do último disco de estúdio do grupo formado pelos irmãos Andria (baixo, ex-vocal) e Ivan Busic (bateria) e pelo guitarrista Eduardo Ardanuy. "A gente estava armando um projeto com o Michael, mas aí pensamos: 'Por que não fazer isso oficial de uma vez?'", lembra Ivan, recém-saído do treino de caratê. O Dr. Sin resolveu entrar no esquema Lobão/Velhas Virgens de distribuição: o novo disco do grupo, *Dr. Sin II* (onde a numeração se refere à segunda formação, algo já usado por uma certa banda em *Van Halen III*), está nas bancas por módicos 15,90 reais, acompanhado de uma simpática revista sobre a banda. "Sempre reclamaram conosco que os CDs eram mal distribuídos, e agora isso está solucionado", respira aliviado Ivan, sem esquecer o lado financeiro. "Já vimos a cor do dinheiro, o que não teria acontecido se estivéssemos em uma grande gravadora, onde o CD sai por 2 reais e chega nas lojas a 30." Ele informa que 20 mil cópias de *Dr. Sin II* foram para as bancas, e quase a metade delas já havia saído depois de apenas um mês. O disco traz o tradicional virtuosismo dos músicos (e a voz potente de Vescera), passeando por praias como o hard rock, o thrash e o rock de arena, sem abrir mão do peso.

**Bernardo Araujo**

**Chegou a revista Fofinha? Não, mas tem CD de metal!**

Mais que adivinhar, a idéia é coletar "achismos" sobre os sons

## CABRACEGA

# Nasi

**"Bernie", Jon Spencer Blues Explosion**
Parece até um pouquinho Led Zeppelin. É? Legal pra caralho. Se fosse um pouco mais sujo, ia parecer Jon Spencer Blues Explosion, mas é mais moderno, né? Black Crowes? Tem influência dos anos 70, mas pela levada de bateria dá para sentir que é atual. (*Quando ficou sabendo*) Eu tenho o primeiro deles, mas isso está bem menos barulhento.

**"Pretty Green", Jam**
(*Com dois segundos*) Ah, porra... Jam. Esse disco (*Sound Affects*) foi o que mais influenciou o Ira!. Tive a felicidade de conhecer o (*baixista*) Bruce Foxton quando ele veio ao Brasil com o Stiff Little Fingers. E as bandas que mais influenciaram o Ira! foram Clash, Jam e Stiff Little Fingers. O baixo dessa música é lindo.

**"Sangue Bom", Thaíde & DJ Hum**
Legal, parece uma base de rap. Eu gosto dessas coisas assim. Têm a ver com A Tribe Called Quest, De La Soul... É nacional. É da Trama isso? Ou é Max de Castro ou é Simoninha. (*Quando entra o vocal*) Ah, é o Thaíde. Não conheço ainda o disco novo, que está superelogiado. A voz é inconfundível, ouço duas sílabas e já sei que é ele. É o cara que canta o rap da maneira mais brasileira que existe, com um suingue próprio. (*Nasi e o baterista do Ira! André X produziram os primeiros trabalhos de Thaíde.*) Sou fã e amigo.

**"Put Yer Money Where Yer Mouth Is", Oasis**
Primal Scream? Não, é mais rock'n'roll. É inglês? É alguma banda dessa onda brit pop? Blur? Bush? Oasis não é, né? Tá diferente esse som, meio 'rock'n'roll nunca vai morrer'. A voz dela está diferente. Deve estar cheirando muito (*risos*). É fora daquela coisa sixties, está mais para hard rock.

**"Astronauta", Replicantes**
Parece a abertura de uma música do Alice Cooper. (*Entra a voz*) Ah, Wander Wildner. As letras dele são demais. Esse é o disco novo dele? (*Informado*) Ah. Gosto muito de rock gaúcho, tem letristas sensacionais: Júpiter, Frank Jorge. *Baladas Sangrentas* é um puta disco. E o Replicantes... Bom, "Surfista Calhorda" é hino de uma geração.

**"Once I Had A Love", Blondie**
É nacional isso? É Blondie. Não conhecia essa versão de "Heart Of Glass". É uma banda que o Ira! curte pra caralho. Eles foram os primeiros artistas brancos a gravar um rap. Ao mesmo tempo eram pop e vanguarda. Debbie Harry, se não tivesse tido uma carreira tão junkie, seria uma Madonna. Eu tinha o maior tesão nela.

**"Fazer O Quê?", Titãs**
Riff de guitarra esquisito, meio satanista, fúnebre. É o Sérgio Brito cantando, mas não é Titãs. (*Quando vê o CD*) O que é isso aqui? Não conheço nem a capa desse disco. Acho que é um disco mais obscuro da carreira dos Titãs. Charlão é um grande batera. Deveria ter reconhecido aquelas viradas de bateria. Ele foi muito importante nos dois anos em que tocou no Ira! E agora está remasterizando nossos dois primeiros discos, além do primeiro solo do Scandurra.

**"O Que Me Importa", Marisa Monte**
(*Após três segundos*) Marisa Monte. Esse show novo dela está muito legal. Foi engraçado essa coincidência de ela e o Ira! regravarem a mesma música do Tim Maia. Porque quando nós tivemos um relacionamento, de 1988 até 1990, mostrei vários discos do Tim para ela. Eu a admiro muito como artista. Ela é um exemplo de como uma pessoa deve cuidar da carreira.

**O irmão do Blues matou quase tudo sem querer**

Marcelo Almeida

**"Dry The Rain", Beta Band**
Que legal. Tem uma base dançante, moderna, mas tem um trabalho de violão muito legal. É o tipo de som que se o Edgard (Scandurra) ouvir, vai curtir pra caralho. Puta harmonia legal, poderia ser uma música do Ira! (*Informado que a Beta Band se formou numa escola de arte.*) Legal essa onda, porque muito dos caras que a gente curte, Jam, Clash, bandas dos anos 60, saíram de escolas de arte. Hoje, os roqueiros saem de academias de ginástica (*risos*).

**José Flávio Júnior**

# A volta de quem não foi

Numa época em que o rock inglês está tão inflado (seja em egos, riffs, refrãos messiânicos e lotação de estádios), ainda há espaço para o **Elastica**? Afinal, o grupo liderado por Justine Frischmann foi ficando cada vez mais à margem, à medida que a guerra do brit pop foi vencida pelo Oasis e o perdedor Blur (do então namorado de Justine, Damon Albarn) zarpou com seu barco para a América, em 1997. Com influências descaradas de pós-punk e new wave (além de chupar desavergonhadamente hits de Stranglers e Wire), o Elastica volta à cena no ano 2000 ao ruminar *The Menace*, que saiu no primeiro semestre na Inglaterra e só agora chega às lojas do Japão e dos Estados Unidos (no Brasil, nem pensar).

A formação da banda mudou: a baixista Anne Holland foi e voltou, a beleza de Donna Matthews deixou o grupo (não sem antes compor o par de músicas mais triste do novo disco, "Human" e "Image Change") e abriu espaço para os tecladistas Mew e Dave Bush, mais o ás punk Paul Jones, ex-Linoleum. Fixos, só Justine (cujo rosto é a marca do grupo) e o baterista Justin Welch.

Com *The Menace*, o Elastica lembra da ponte que a Inglaterra tinha com a Alemanha durante o período musical abordado (entre 1977 e 1981). Seja através de Mark E. Smith, líder do Fall, que dá as caras em duas faixas ("How He Wrote Elastica Man" e "You Arse My Place"), seja pela obsessão de Justine pelo lado B do disco *Low*, que inaugura a fase "Berlim" de David Bowie ("Miami Nice" e "My Sex"), seja no uso de eletrônica, há um filtro germânico que permeia tudo.

Justine Frischmann, do Elastica: reconquistando o que é dela

Confirmado com a regravação pseudo-idiota de "Da Da Da", hit mundial do grupo alemão Trio em 1980, cujo tema aparentemente imbecil encaixa-se como uma luva nas entrelinhas: enquanto balbucia "Eu não te amo/Você não me ama" ao microfone, Justine é acompanhada pelo teclado de um tal Norman Balda, cujas letras, se mudadas de ordem, formam o nome de Dan Abnormal, que é o pseudônimo assumido de outro ex-namorado, Damon Albarn. O mesmo que no último disco de sua banda (o Blur) usou o tema da separação com Justine como motivo para escrever todo o álbum. O ex é perdoado com estilo e sarcasmo, numa música besta sobre separação e reconciliação amigável.

Não bastasse isso, a moça ainda planeja estrear como DJ. Não tem espaço para o Elastica? Tudo bem, Justine arruma.

**Alexandre Matias**

Figuras que já deram autógrafos e hoje vão em paz à padaria da esquina

## QUE FIM LEVOU

# João Penca E Seus Miquinhos Amestrados

O tempo às vezes se encarrega de empreender injustiças. E uma das mais cruéis do pop brasileiro é o pouco reconhecimento que se dá hoje ao grupo carioca que brindou o público com sucessos como "Popstar" e "Psicodelismo Em Ipanema", além de ser responsável por performances (muito freqüentes no Chacrinha) que levariam uma estátua de bronze a rolar no chão de rir. Um pouco da injustiça está sendo reparada graças à coletânea com alguns dos sucessos do grupo (em sua essência, o trio de cantores Avellar Love, Bob Galo e Selvagem Big Abreu), mas quem viveu o rock dos anos 80, especialmente no Rio, sabe da importância dos Miquinhos. "A história da banda se confunde com a de nossas vidas, pois somos amigos de infância", lembra Avellar, que conheceu Abreu quando tinha 7 anos e Galo um pouco mais tarde, aos 13. Aí foi formado o grupo, inicialmente com 11 integrantes. Depois do tradicional circuito de saraus e festivais, o goiano Léo Jaime (na época, Léo Guanabara) entrou em cena e promoveu uma semiprofissionalização da banda, que começou a tocar em bares e boates do Rio. "Um dia, em 1982, tocamos no Morro da Urca, e Eduardo Dusek, que estava na platéia, ficou amarradão na nossa performance", conta Avellar. "Resolvemos fazer um disco juntos, o *Cantando No Banheiro*". Esse é um dos clássicos LPs do início do rock dos anos 80, que emplacou sucessos como "Barrados No Baile" e "Rock Da Cachorra". No ano seguinte, Léo seguiu carreira-solo e só então foi gravado *Os Maiores Sucessos De João Penca E Seus Miquinhos Amestrados*, estréia oficial do grupo. "Tivemos de parar devido a um processo movido contra nós na Justiça do Trabalho por um ex-empresário", diz Avellar. Hoje, cada um está em um ramo mais esdrúxulo que o outro, em se tratando de músicos. Abreu é dono de um colégio na Barra da Tijuca, no Rio, Galo trabalha na rede ferroviária do estado como engenheiro e Avellar é o único ainda ligado à música: mexe com teatro musical há oito anos. "Tenho uma demo pronta e estou procurando uma gravadora que queira lançar." Quem se habilitar, pode aproveitar e recolocar toda a discografia dos Miquinhos nas prateleiras.

**Bernardo Araujo**

Selvagem Big Abreu e Avellar Love, em foto recente

## ATÉ QUANDO ESPERAR

Como é que isso continua inédito por aqui?

# Delta 72

Foto: Divulgação

Certos diamantes brilham com mais intensidade em estado bruto. O Delta 72 é um deles. O grupo faz rock. E, em pleno ano 2000, esse fato simples, prosaico até, o faz digno de nota. Porque o som da banda não é o mesmo de Matchbox Twenty, Pearl Jam, Creed ou qualquer outro desses nomes lapidados que alcançaram fama e fortuna com algo que as paradas querem que a gente acredite que é rock. Não, rock é o que esse quarteto de Washington vem aprontando desde 1996, quando estreou com *The R&B Of Membership*: música barulhenta, crua e suja. Em uma palavra, básica.

Com o primeiro disco, nasceu também uma comparação que durante muito tempo rondou a banda. Na época, guitarras toscas, vocais ásperos e aquele clima de entrega a cada canção eram atributos que o Blues Explosion explorava. Mais ou menos como se o Delta 72 fosse para o rhythm & blues o sopro de renovação que o trio de Jon Spencer conferiu ao blues, ao revesti-lo com atitude punk.

O grupo começou a afastar essa incômoda (porque preguiçosa) sombra em 1997, com *The Soul Of A New Machine*. Gregg Foreman (guitarra e vocais), Bruce Reckahn (baixo), Sarah Stolfa (órgão Farfisa) e Jason Kourkounis (bateria) descobriram o ritmo que batiza o disco e o colocaram no caldeirão onde já ferviam o uso constante de teclados e, eventualmente, de harmônica. O processo foi completado com o álbum *000*, deste ano, já com Mark Boyce no lugar de Stolfa (se revezando entre o Farfisa e o piano), e infestado de riffs sinuosos, que deixam o rock mais orientado para o sexo. Ao introduzir (opa!) movimento num estilo cintura dura por definição, o Delta 72 tornou menos penosa a tarefa de quem se dispõe a escutar rock and roll no ano 2000.

**Emerson Gasperin**

**Influenciados por:**
Rolling Stones (do bom), Small Faces, MC-5

**Disco essencial:**
*The R&B Of Membership* (1996)

# Plastilina Mosh

Alejandro e Jonas (a *dir.*): referências de tudo quanto é época e lugar

Todo ano, milhares de mexicanos cruzam a fronteira em direção aos Estados Unidos. Lá, por maior que seja o domínio cultural do Império, vão sempre se reunir em *barrios*, louvar Nossa Senhora de Guadalupe e não tolerar ofensas que coloquem a *madre* no meio. Como os conterrâneos, a dupla Plastilina Mosh também pulou o muro em direção ao vizinho rico – e também agregou valores diversos à sua formação, mas não deixou que enterrassem sua origem latina. Com isso, acaba fazendo intercâmbio maior entre as duas culturas do que o Nafta ou qualquer tratado para abolir as fronteiras alfandegárias.

Vindos de Monterey, o programador Alejandro Rosso e o guitarrista e vocalista Jonas aterrissaram em Los Angeles em 1998. De cara, conquistaram o descolado Beck, que bancou algumas sessões de estúdio. No mesmo ano, saía *Aquamosh*, explosiva tortilla recheada de hip-hop, funk e rock. Para não deixar dúvidas sobre as origens da banda, havia um pendor para climas lounge-cucarachas, prontinhos para conferir às novelas do SBT uma sofisticação jamais imaginada.

O recém-lançado segundo disco, *Juan Manuel*, aguça ainda mais a necessidade de incluir Plastilina Mosh no cardápio. Com Money Mark (tecladista dos Beastie Boys) na produção, a dupla vai fundo no balanço longe do óbvio e apresenta novas maneiras de soar festeira. A exemplo de seu primeiro fã americano, Alejandro e Jonas entram e saem de vários estilos e usam zilhões de referências. No fim, não se sabe se o lance é sério ou pura onda. Também, para quê? Viva a diferença. **EG**

**Influenciados por:**
Beck, Beastie Boys, Café Tacuba

**Disco essencial:**
*Aquamosh* (1998)

**PALCO** Macacada reunida, rapaziada sambando, xingando, rodando na pista

# Ainda nos bailes da vida

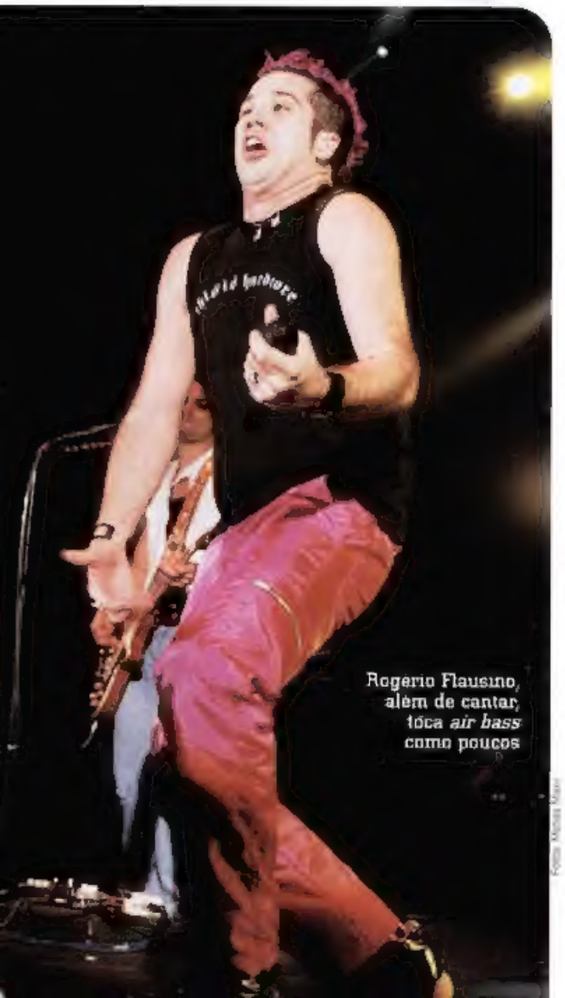
**Performance afiada não impede que o Jota Quest esqueça que já tem três discos gravados e recheie de covers (até de Milton Nascimento!) o show de lançamento de *Oxigênio***

**ATL Hall – Rio de Janeiro, 29/9**

Érika, Constança, Érica, Luisão e Mário Jorge faziam o possível para se divertir e divertir o público (a essa altura ainda minguado) na exígua fatia de palco que foi reservada aos baianos da Penélope na quente noite primaveril do Rio. Não estava moleza: o povo veio em busca de um pop bem mais fácil, extremamente fácil, e não do rockzinho bem sacado do quinteto. Ainda assim, a base de guitarra, baixo e bateria (Luisão, Érica Nande e Mário, respectivamente) se mostrou bem entrosada, satisfazendo com louvor a eventuais ouvidos mais exigentes. Uma participação do produtor-guitarrista Tom Capone na versão menininha de "Should I Stay Or Should I Go" aqui, o corinho já nem tão tímido do povo entoando "espero o dia passar..." ali, e lá se vai a Penélope, com mais experiência e, quem sabe, alguns novos fãs.

Após a tradicional espera para a montagem da parafernália do Jota Quest, um vídeo psicodélico e uma batida techno (*up-tempo*, claro) surgem depois do apagar das luzes, e o público, maiorzinho (só seria decente lá pelo meio da noite), saúda a chegada de Rogério, Marco Túlio, PJ, Márcio e Paulinho com o rugido habitual. De macacões brancos, os cinco ficaram atrás de uma tela em "Velocidade", que abriu o show. A idéia foi boa, mas não precisava ter mantido os pobrezinhos presos durante a música inteira, com um palco tão grande à disposição. Finalmente, veio o bom riff de "Oxigênio", e Rogério, já com uma roupa menos *Os Doze Macacos* e o cabelo Fanta Uva, comandou o início da aeróbica. "Everybody say yeah!", gritou, criativo que só.

O público respondeu, amarradão, e veio "Sempre Assim", que todo o ATL sabia de cor. Revezando sucessos como "Encontrar Alguém" e canções de *Oxigênio* como "Dias Melhores", o show ia bem. As centenas de *moving lights*, os vídeos e as estruturas de aço ajudavam no visual, ao contrário, por exemplo, do teclado Roupa Nova (aquele portátil, que se vê muito no *Faustão*) de Márcio. Rogério evoluiu como cantor, tirando o ovo da boca à Renato Russo/Guilherme Isnard que lhe aflige e apresentando forma física de fazer inveja a Baloubet Du Ruet. PJ e Paulinho mandavam ver na cozinha, com destaque para os slaps de alto nível do primeiro, que se saiu bem até na musiquinha da Fanta. Marco Túlio é bom de riff e tem lindas guitarras, mas não cria muita coisa ao vivo, além de se repetir nos solos. Os backings sequenciados são úteis em matéria de sonoridade, mas, às vezes, deixam um ar de playback do Chacrinha que poderia ser evitado. Os três sopros dão conta do recado e alternam bem o clima, do rock das novas canções ao bailão de "Neurastênico" e "De Volta Ao Planeta", aquela do refrão "na-na-na-na-na-na-na-na-éé". E é aí que começa o problema.


Rogerio Flausino, além de cantar, tóca *air bass* como poucos

Só pela cara já da para ver que Marco Túlio e Márcio são exímios instrumentistas

## CAMISA DA LEGIÃO

Talvez acostumado com os anos ralando em bailes, o Jota Quest parece não lembrar de que já tem três discos gravados e toca a meter cover no repertório: é um tal de Jorge Benjor, Lulu Santos ("o rei do pop", segundo Rogério), O Rappa, Milton Nascimento (sintomaticamente, "Nos Bailes Da Vida")... Isso sem falar na música de apresentação da banda, uma interminável frasezinha de uns dez minutos que orgulharia James Brown, o rei da enrolação ao vivo. É claro que o público cai dentro em "Tão Bem", "Minha Alma", a arcaica canção de Bituca, e a citação via megafone de "Que País É Esse", com direito a camisa da Legião em Rogério. Porém uma banda da magnitude do Jota Quest deveria confiar mais no próprio taco (talvez seja esse o problema) e mostrar mais as próprias composições. Agitar o público que pagou para ver a banda com músicas dos outros torna a tarefa fácil, extremamente fácil, em demasia. O público reclamou? É claro que não, cantou tudo e mais "Fácil", "Tele-Fome"... Quando o pique deu mostras de que estava minguando, Rogério tirou da manga Nando Reis, que agitou o público ao acompanhar a banda em "A Minha Gratidão É Uma Pessoa", de sua autoria, uma das melhores faixas de *Oxigênio*, em versão mais roqueira do que a do disco.

No final, fica difícil repreender a performance de um grupo afiado como o Jota Quest – principalmente se for levada em conta a satisfação do público –, mas não custa lembrar que personalidade não se faz apenas com cabelos roxos ou guitarras de braço duplo.

**Bernardo Araujo**

# Como uma onda no mar

**The Silva's**
**Hard Rock Café – Rio de Janeiro, 5/9**

Ah, como é fácil e tranqüila a vida de baterista de uma superbanda do rock nacional... Mais na flauta ainda só viver produzindo o que sai de melhor no mesmo gênero e ainda ser pago por isso. Dá tempo até de formar uma bandinha de garagem. Foi o que fizeram João Barone, dos Paralamas Do Sucesso, e o produtor Liminha, ex-baixista dos Mutantes.

"Nós dois gostamos de surf music, o Liminha queria uma desculpa para tocar guitarra, então sugeri nos juntarmos para a festa de 15 anos de minha enteada Branca", lembra o paralama. "Além de todo o divertimento, percebi que aquela galera mais nova se amarrou no som, que só conhecia da trilha sonora de *Pulp Fiction*", diz Liminha.

Corta para esta noite, com o baixista Nenê (dos Incríveis, pergunte à vovó quem foram eles) e o reforço do saxofonista Henrique Band: os Silva's estréiam e inauguram informalmente o palco do Hard Rock Café carioca. Trajando camisas pretas floridas que matariam Magnum de inveja, eles começam o divertimento com "Misirlou", de Dick Dale, abertura do CD *Pulp Fiction*. Embora aparentemente nervoso, Liminha prova que sabe tudo de palhetadas rápidas em sua Fender Squier, enquanto Barone e Nenê seguram bem a onda na cozinha. Outros clássicos do estilo vieram em seguida, como "Comanche" e "Pipeline".

Para caprichar na diversão, o quarteto ainda tocou temas de televisão: "Batman" (com a guitarra suprindo com galhardia a parte vocal) e "Havaí 5-0", uma festa. Para terminar, Gabriel O Pensador subiu para uma canja, com "Cachimbo Da Paz" e "Nádegas A Declarar", esta ao lado de sua mulher, a cantora Aninha Lima. Não tinha muito a ver com a onda (afora o fato de o rapper ser surfista), mas tudo já era alegria. **BA**

Liminha, Netinho e Barone: só alegria

LONDON CALLING
CDs - VHS - DVDs
Tel./Fax: (0xx11) 223-5300
londoncd@uol.com.br
A mais completa em novidades e raridades.
Sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão.
ROCK-POP DOS 60 A 2000 EM TODOS OS ESTILOS.
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO.
Rua 24 de Maio, 116
Rua Alta - Loja 15
01041-000 - São Paulo - SP
www.londoncalling.com.br

SHOWBIZZ
Para anunciar nesta seção, ligue:
São Paulo (0xx11) fone: 284-2255 fax.: 283-5029 cel.: 9603-7635
Rio de Janeiro (0xx21) fone: 579-2230 fax.: 579-2240

# Noite de celebração ao rock'n'roll

Angus Young e Brian Johnson (*no detalhe*): quem se importa em não ser moderno?



**AC/DC e Slash's Snakepit**
**Blockbuster Pavilion**
**Devore, Califórnia (EUA), 16/9**

Ver o AC/DC ao vivo é testemunhar a energia máxima que o rock'n'roll pode atingir. Nem os grupos de punk mais violentos ou as bandas de metal mais demoníacas superam a intensidade do quinteto no palco. Passando pela Califórnia na turnê do disco *Stiff Upper Lip*, o AC/DC mostrou novamente como se faz um verdadeiro show de rock, batendo qualquer grupo britpop, pop-punk ou alternativo dos anos 90. Perto da intensidade vista nessa noite, Oasis, Offspring ou Smash Mouth são grupos de jazz tocando em festas de casamento.

"A música move meu corpo", disse certa vez o guitarrista Angus Young, explicando como consegue bater cabeça e correr pelo palco todas as noites por quase trinta anos. Se ele fosse movido a gasolina, explodiria seu motor. Se fosse carregado de eletricidade, causaria choques letais. Das clássicas "Highway To Hell", "Let There Be Rock" e "You Shook Me All Night Long" às novas "Meltdown", "Stiff Upper Lip" e "Safe In New York City", Angus pulou, correu e transpirou como um atleta em competição olímpica ou um jogador de futebol na final da Copa do Mundo. Absolutamente inacreditável para seus 45 anos de idade.

O que dizer de seus parceiros? O vocalista Brian Johnson provou que imagem não conta quando se tem carisma no palco. Naquele imutável visual de caminhoneiro – isto é, sem os óculos ridículos de Bono Vox, as tatuagens chamativas de Axl Rose e os cabelos bem cortados de Jon Bon Jovi – ele enlouqueceu os 40 mil presentes (isso mesmo, 40 mil) com seu humor, sua performance agitada e seus maravilhosos grunhidos.

O baterista Phil Rudd tocou suas pesadíssimas batidas com a precisão de um metrônomo, sempre acompanhado pelo baixo abafado e animalesco de Cliff Williams. E o guitarrista Malcolm Young, principal compositor do grupo, ensandeceu o público com algumas das bases mais famosas e cativantes do rock. Até Angus já admitiu que o AC/DC não seria nada sem a guitarra de seu irmão.

**TRADIÇÃO NA GUITARRA**

Numa noite puramente rock'n'roll, a abertura do Slash's Snakepit foi apropriada. Enquanto seus ex-colegas andam em baixa (Axl Rose não sai mais do estúdio, o guitarrista Izzy Stradlin só lança disco no Japão e o baixista Duff McKagan não consegue acertar seu novo grupo), Slash pôs um bom álbum na praça, *Ain't Life Grand*, e não perdeu a chance de introduzi-lo nessa turnê com os australianos.

O guitarrista fez um show puramente hard rock, no estilo do Guns N' Roses em *Appetite For Destruction*. "Nenhuma banda atual faz um amplificador e uma (*guitarra*) Les Paul soarem como antes. Estou feliz por tocar para um público que aprecia tradição", disse Slash. Ele e seus companheiros mantiveram a crueza e mandaram bala no esquema tema-refrão-tema-refrão-solo-refrão. Sem barulhos industriais ou levadas hip-hop, canções porradíssimas como "The Alien" e "Been There Lately" agitaram a massa.

De cartola, cabelão na cara e a inseparável Gibson Les Paul na mão, Slash resgatou o Guns ao tocar "Mr. Brownstone", cantada por Rod Jackson com a mesma energia de Axl. E, ainda que tenha sido a música com maior recepção da audiência, o guitarrista mostrou que seu grupo tem potencial. Alcançar o sucesso astronômico de sua ex-banda será difícil, mas, para um artista já famoso e milionário, ego certamente importa menos do que satisfação musical.
**Daniel Oliveira**

Slash: potencial longe do Guns

# Era de gente fina, elegante e sincera

**Wilson Simoninha**
**DirecTV Music Hall**
**São Paulo, 19/9**

A MPB estava oficialmente morta e enterrada pelo festival da Globo, concluído sem que ninguém se desse conta no sábado anterior a esse show no antigo Palace (o tempo da falecida), que, inclusive até já mudou de nome. Era, teoricamente, um momento histórico, porque a ascensão de Simoninha representa o fim de trinta anos de camisa-de-força tropicalista, de gente "nova" como Chico César e Zeca Baleiro, da "poesia" de Carlinhos Brown, da "vanguarda" de Arnaldo Antunes. Representa a música (pop? popular? qual a diferença?) brasileira dando seu primeiro passo adiante desde *Força Bruta*, de Jorge Ben, assimilando eletrônica, rap, Roberto Carlos, R&B, rock dos anos 80, movimento Black Rio, tudo o que veio antes e tudo o que aconteceu até agora.

Aí, imagine o peso nas costas do cara. Sendo o mais pop de todos os seus chapas (Max de Castro, Pedro Mariano, Jair zinho Oliveira e mais até de que seu predecessor, Ed Motta), é lógico que ele seja atirado aos leões logo de uma vez – um palco enorme, uma plateia cheia, sedenta de novidade –, coisa louvável num país em que as pessoas costumam ir aos shows para curtir músicas que já conhecem.

Entre o entusiasmo e a ansiedade, Simoninha fez apresentação protocolar, que, se perdeu em espontaneidade em relação aos flamejantes shows que dá no pequeno palco do Bier Bier, por outro lado ganhou em peso e brilho, em boa parte graças aos empolgantes arranjos de metais – de Nailor Proveta, um homem do tempo em que "arranjo de metais" não era sinônimo de Lincoln Olivetti ou ska.

Nem todo o repertório de seu primeiro disco (*Volume 2*) foi incluído, mas entraram ótimas versões de "Azul Da Cor Do Mar" e "Primavera", como que para situar os presentes da abrangência de Simoninha. De sua lavra, foram muito bem recebidas a quase hit "É Isso Que Dá" e a bela "Ter Você" – mas o cantor sabe que, por enquanto, mais que emplacar músicas, seu papel é vingar uma proposta claramente identificada com o grande público.

Do acervo de pai, entraram "Tributo A Martin Luther King" (após o emocionante e aplaudidíssimo vídeo em que Simonal apresentava a canção como um hino contra o racismo e a dedicava ao filho recém-nascido em 1967), numa releitura dançante que perde um tiquinho do impacto original, e "Nara", além de citações de "Zazueira", "Cordão" e o tema de abertura "Barra Limpa". Não é justo comparar o domínio de palco de Simoninha com o de seu pai – isso não seria justo com ninguém –, mas vale dizer que ele tem uma incomum noção de show como diversão.

Tal gene só foi desperdiçado na "alegria ensaiada" do bis com os indefectíveis Artistas Reunidos. Alguém precisa "desreunir" essa gente pelo bem dela própria, antes que o bode generalizado atrapalhe suas promissoras carreiras individuais. Aos colegas, fãs e convivas, Simoninha não cansava de repetir sua gratidão por aqueles que o levaram até ali. Aí onde "Esse é só o começo, Simoninha. Seu papel é muito maior, mais complicado e bem mais importante".

**Ricardo Alexandre**



Nova linha Sony Mini System
MHC-DX1
MHC-DX3
MHC-DX5
MHC-DX7
MHC-DX9
Mini Disc Deck
MDS-B47
Cassette Digital
SONY
Novo MHC-DX8 Sony.
6.000 W de potência
(200 W x 2 + 100 W x 2 RMS).
O único com Sound Broad System,
que com um superamplificador
independente distribui o som
para duas caixas acústicas satélites
de 3 formas diferentes:
Link, High Cut e Surround, para
um som mais alto, mais grave
ou com maior efeito surround. Esse
novo conceito vai envolver você.
Design para você amar
e potência para arrasar.
www.sony.com.br
Todos os aparelhos possuem controle remoto multifuncional.
MHC-DX8

# ALGO MAIS

Dê a partida,
acelere a vida
e vamos viajar
pela luminosa
passagem dos **Mutantes**
por esta galáxia, contada pelos
próprios integrantes do grupo e por
gente que acompanhou a aventura
de perto. Giro aflito, beijo e grito...

por Emerson Gasperin

Arnaldo, Sérgio e Rita: revolucionários, originais, criativos, debochados e mais um monte de adjetivos legais

Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio Dias, criadores dos Mutantes. Adolescentes que dividiram a história da música pop brasileira em antes e depois de sua aparição, em 1966. Donos de uma originalidade e de um senso de humor que se encaixaram com perfeição no que a turma da Tropicália procurava. Como todo mundo na época, fãs dos Beatles. Capazes de colocar rock, sertanejo, clássico, progressivo e o que mais pintasse numa mesma canção. Exímios músicos, estavam sempre em busca de aperfeiçoamento, de algo mais. No estúdio, sentiam-se livres para experimentar qualquer efeito, técnica ou recurso que enriquecesse sua arte. A primeira grande aventura do rock no Brasil.

Arnaldo, namorado de Rita e irmão de Serginho. A partir de 1970, estabilizam-se como quinteto, com o baterista Dinho e o baixista Liminha. Em 1972, acaba o romance entre Rita e Arnaldo. No mesmo ano, ela sai dos Mutantes. Em 1973, gravam o rebuscado *O A E O Z*, uma guinada em direção ao progressivo. É a vez de Arnaldo cair fora, seguido por Dinho. Liminha pede as contas em 1974. Serginho segura o grupo com inúmeras formações até 1978, já imerso numa forma mais rebuscada de fazer música. Em 1982, Arnaldo pula da janela do hospital onde fora internado com mais uma crise de depressão. Dois meses depois, sai do coma, mas com sequelas.

Juntos, os dois parágrafos acima ainda tornam complicado falar sobre Mutantes hoje, passados quase 30 anos de seu auge. É praticamente impossível conversar com seus ex-integrantes sem misturar carreira artística com vida pessoal. Nenhum deles mantém contato frequente e abordar o passado parece desenterrar vários fantasmas. Por quê? Cada um tem a sua versão. A única questão em que todos concordam é que a banda estava à frente de seu tempo, fato comprovado pelo número de fãs, que não pára de crescer – aqui e no exterior. Como brinca Rita Lee, "melhor (Mut)antes que depois".

**O que você acha da banda ser mais respeitada e reconhecida hoje do que quando estava em atividade?**

**Rita** Acho totalmente coerente com Mutantes esse reconhecimento *au grand complet* só agora no terceiro milênio. Os gringos realmente chegaram às Índias Tropicalistas com 30 anos de atraso, o que me dá motivos mais para fazer piada do que para ficar deslumbrada. O futurismo sonoro que rolava solto enquanto participei da banda acontecia de uma maneira natural e espontânea, nada era planejado. Havia uma busca por um som "não-popular", nunca tivemos intenção de fazer músicas para o consumo daquela época. Talvez tenha sido esta estética do "scape from planet Earth" ou do "hay governo soy contra" que fez com que os Mutantes se sentissem mais em casa no terceiro milênio do que na época em que existíamos.

**Sérgio** Não entendo esse negócio de "ser reconhecido depois de 30 anos". Só se for pelos gringos. No Brasil, Mutantes nunca parou de ser vanguarda, desde que surgiu. Nunca deixou de influenciar a música brasileira de todas as formas e maneiras. Acho legal, joia vir esse reconhecimento de fora, mas não faz tanta diferença assim a ponto de eu pensar: "Finalmente!". Como ser mais reconhecido do que já fomos pelo público brasileiro, pela imprensa, durante esses anos e anos e anos em evidência?

**Liminha** Veja as pessoas que elogiaram a gente: Kurt Cobain... Acho esse cara o máximo, a maior figura do rock nos últimos tempos. Não conheço a dimensão desse culto lá fora, mas tem muita gente aqui que também gosta da banda. A música brasileira sempre teve problemas para se projetar no exterior. Primeiro, por causa da língua. Além disso, os Mutantes estavam adiantados em relação à sua época.

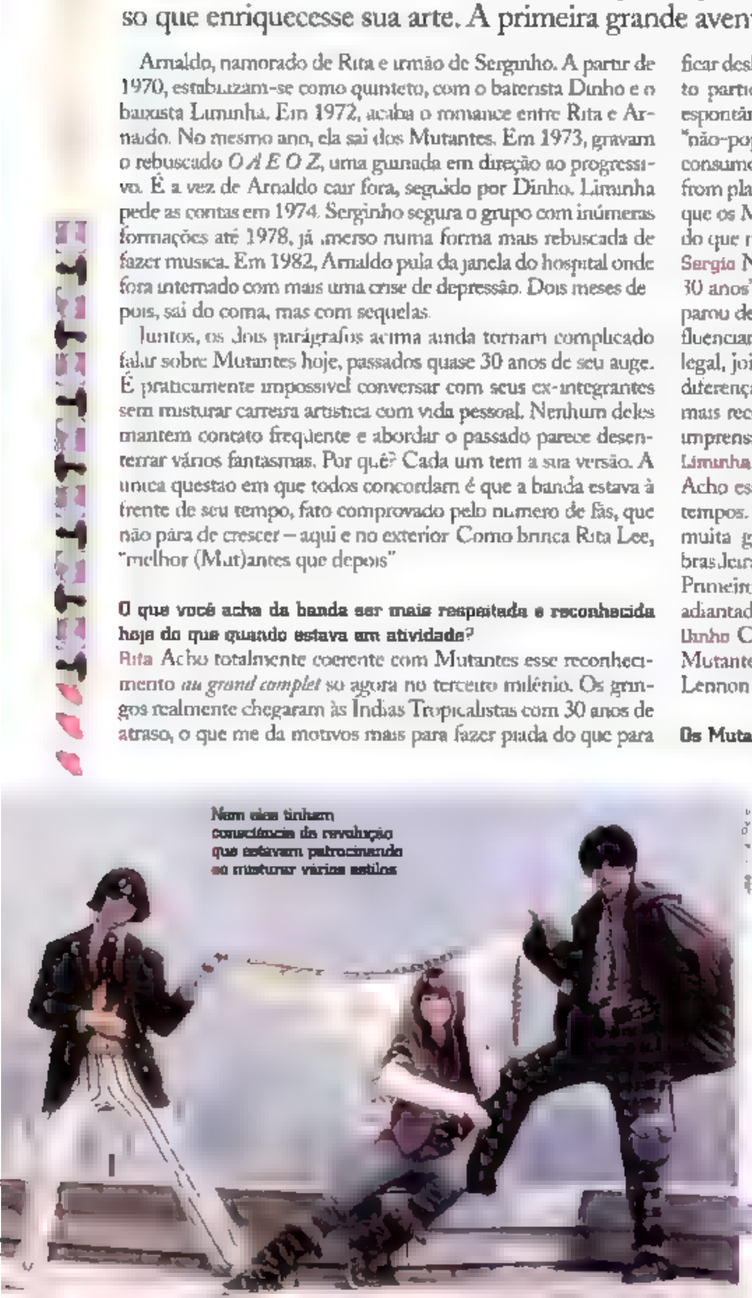
**Dinho** Chega a ser engraçado tanta coisa acontecendo com os Mutantes agora. Nunca imaginei que um dia o filho do John Lennon fosse gostar do grupo.

**Os Mutantes tinham consciência da profundidade do que estavam fazendo, de seu papel revolucionário?**

**Arnaldo Baptista** O fato de a gente ser mais cosmopolita influenciou bastante. A primeira vez que ouvi *Sgt. Peppers* foi com Gilberto Gil, na época em que ele namorava Nana Caymmi. Curtíamos muito música estrangeira. E Gil tinha uma coisa romântica, poética no violão. Mas nunca pensamos que estávamos revolucionando totalmente. Eu sempre achava que faltava algo. Foi isso que fez a gente crescer musicalmente.

**Rita** Agimos sem qualquer consciência da revolução que posteriormente nos creditaram. Rock era nosso estilo predileto e não nos sentíamos peixes fora d'água nesse panorama. Tentar compensar a defasagem tecnológica com a criatividade caseira virou um dos motivos pelos quais os Mutantes sempre estiveram anos-luz à frente de seu tempo.

**Sérgio** A gente sabia que era bom e sabia o que estava fazendo. Existia uma busca de excelência, orgulho de tocar bem, ter boas canções, bons vocais, boas letras. Diziam que eu era o melhor guitarrista de... quê, por quê? Porque eu ralava 15 horas por dia! E por que eu fazia isso? Porque queria ser bom! Não queria estar abaixo dos meus ídolos: Les Paul, Noxie Edwards (*dos Ventures*)... Estudava tudo. Ouvia minha mãe tocar clássico e ia tirar na guitarra.



Com Gal Costa, Jorge Ben e Gilberto Gil, troca de influências com os tropicalistas

Quando Gilberto Gil mostrou sua insatisfação com o arranjo de "Domingo No Parque", classificada para o III Festival da Música Popular Brasileira, em 1967, o maestro Júlio Medaglia ficou um colega para executar a tarefa. De formação clássica, Rogério Duprat pretendia eliminar as barreiras entre o erudito e o popular, mas achava a MPB reinante muito careta. Até que conheceu os Mutantes. Como sabia da disposição de Gil, sugeriu o trio para acompanhá-lo. "Nenhum dos outros grupos tinha aquela ingenuidade gostosa, agradável, aquelas encenações que eles faziam", lembra o maestro. Nascia, ali, uma troca de influências que daria o que falar: Mutantes, Duprat e o tropicalismo.

Tão logo terminou sua participação em "Domingo No Parque", a banda foi convidada por Manuel Barenbein para gravar um disco. Produtor do pessoal da Jovem Guarda e da Bossa Nova, ele "comprou a briga dos tropicalistas com carinho e determinação", como Jofirmo Caetano Veloso. Arnaldo, Rita e Serginho já vinham frequentando o Hotel Danúbio, onde encontravam com Gil, Caetano, Gal Costa, Beat Boys, Torquato Neto. E com Duprat. Os três chamavam a atenção pela porra-louquice, pela ausência de regras, exatamente o que os baianos estavam procurando, num tempo em que a simples menção de usar uma guitarra elétrica ouriçava os tradicionalistas.

"Os Mutantes me davam subsídios para avançar no terreno das ideias. Minha função era coordenar o caos – e nem era um caos, porque eles sabiam exatamente o que queriam. Traziam inovações, como fazer a marcação de 'Le Premier Bonheur Du Jour' usando uma bomba de Flit (*velha engenhoca de pulverizar inseticida*). Eu só tive de chegar para o técnico de som e dizer 'Olha, agora este é que vai ser o som do chumbau' (*risos*)", diz Barenbein.

Os arranjos, claro, ficaram por conta de Duprat – prática mantida até *Jardim Elétrico*, de 1971, e depois retomada na estreia-solo de Arnaldo, *Lóki?*, em 1974. "Estávamos todos a fim

## TODO MUNDO GOSTOU

**Uma geral na recente admiração dos gringos pela banda**

Como mutam os Mutantes? Para os brasileiros, a banda se transforma à medida que cada canção abre uma nova possibilidade estética e sonora: ora são um grupo de mambo, ora de hard blues, [illegible] depois são [illegible] mais à frente extraterrestres. Mas, para os olhos gringos, a mutação é uma deformação biológica, como se a cultura pop euroamericana fosse uma espécie de radiação que, jogada no terceiro mundo como lixo tóxico, exibia sua nova face derretida, fundindo culturas diferentes.

[illegible] e pepeu e você tem essa banda que aparece e diz: 'Veja, somos os Mutantes'", explica David Byrne, [illegible] da gravadora Luaka Bop, que escolheu um apanhado na carreira do grupo – que virou a coletânea *Everything Is Possible* – para estrear sua série *World Psychedelic Classics*. O fascínio estrangeiro por Rita, Arnaldo e Sérgio está tão na moda quanto a house francesa, a música [illegible] adicional cubana e o pop japonês.

O mercado anglófono sempre recorre a culturas exóticas como alternativas de qualidade em tempos de vacas magras. A última ocasião em que precisaram do Brasil foi na época da bossa nova. Agora é a vez dos Mutantes. Por isso, os modernos do lado de cima do planeta estão caindo desesperados sobre o grupo. Beastie Boys, Stereolab, Sean Lennon, Cibo Matto, Yo La Tengo – todos têm citado o trio paulistano como descoberta surpreendente e com profunda admiração. O maluquete Beck não batizou seu terceiro álbum de *Mutations* por outro motivo.

**Kurt Cobain**, quando passou pelo país, encontrou tempo para mandar uma saudação a Arnaldo.

A entrada dos Mutantes nos Estados Unidos aconteceu de forma mais improvável: [illegible] uma estudante de intercâmbio brasileira esqueceu o primeiro disco do grupo na casa da família que a recebeu. Lá morava Bil Bartee, que descobriu o dito disco aos 6 anos de idade. Mais tarde, já dono de uma loja de discos em Los Angeles (Gasatanka), ele passou a divulgar informalmente a banda para alguns chegados: gente do Redd Kross, Ken Stringfellow, dos Posies, e Kurt Cobain.

Recentemente, o grupo Wondermints (que acompanha o *beach boy* Brian Wilson) gravou, em seu disco *Bali*, uma música chamada "Arnaldo Said". Adivinha quem é o homenageado?

**Alexandra Mattas**

Para ALBERT HOFMANN

O figurino amalucado era uma das marcas registradas do grupo

daquilo ali. Não fui eu que fiquei dando aula para eles; ao contrário, eu é que aprendi com os Mutantes, o Gil, o Caetano, com todo mundo: como fazer uma música que pode ser ao mesmo tempo popular e avançada, a frente dos Beatles", conta o maestro. "Mesmo quando quer ser mais gozado, o inglês é muito certinho, comportado. Agora, brasileiros moleques, um maestro maluco... É aquela coisa de valer tudo. Há um momento em 'Panis Et Circensis' em que a música para, fica só ruído de pratos, 'passa a salada aí'. Isso tinha a ver com o *happening* que a gente fazia."

**O que seriam os Mutantes, não fosse terem cruzado com Rogério Duprat e com os tropicalistas?**

Sérgio Antes mesmo de encontrarmos com Duprat ou com os tropicalistas já fazíamos nossas músicas, como no compacto do O'Seis. Pô, aquilo é alta vanguarda!

Lanunha Com certeza, a convivência com os tropicalistas ajudou muito. Acho que foi uma sacação deles, pela cabeça aberta que tinham, de romper com os padrões da época. Sem dúvida, os Mutantes colaboraram muito nessa coisa.

Arnaldo Duprat foi importantíssimo. A gente encontrava com Gil, Caetano, Jorge Ben, aquela coisa de violão e vocal, era bonito. Duprat complementou, abriu nossa cabeça, com ele comecei a tocar piano, a desenvolver meu lado clássico. Entramos com guitarra e contrabaixo na MPB.

Rita Não tenho o menor constrangimento de admitir que, sem os tropicalistas, jamais os Mutantes teriam chance de se projetar com a mesma atenção que despertaram. O futuro de grupos daquela época que só se interessavam por cantar em inglês ou faziam covers de sucessos estrangeiros não era lá tão amplo.

**Como, detestando MPB, deu-se a mistura que, no fim das contas, teve forte presença de sonoridades nacionais?**

Rita Havia esse rótulo de "antinacionalistas", mas era puramente por sermos do contra. Nem sabíamos direito contra o quê (*risos*).

Era uma maneira nossa de esnobar quem nos esnobava, ou seja, a MPB, a Jovem Guarda. Criamos fama de "estrangeirados" no meio, e assim ficaríamos eternamente se um belo dia não tivéssemos encontrado Gil, que de MPB radical e de Jovem Guarda não tinha nada. Foi a fome dele com a vontade de comer da gente.

Sérgio Para começar, a MPB que a gente odiava – e continuamos odiando – é qualquer música popular brasileira burra. Mas, naquela época, éramos fãs de Demornos Da Garoa, de sertanejo... Por exemplo, "2001" (*que une sertanejo com rock pesado*): não é uma citação, aquilo fazia parte de nossa bagagem musical.

## Arnaldo: "Nunca pensamos que estávamos revolucionando totalmente. Eu sempre achava que faltava alguma coisa. Foi isso que fez a gente crescer em termos de música e letra"

Em 1969, tudo começou a acontecer muito rápido com os Mutantes. Gravaram o segundo disco em uma semana e meia, enquanto se preparavam para se apresentar na Mostra Internacional de Disco e Edições Musicais (Midem), em Cannes, na França. Na volta, uma mudança que seria fundamental para o som do grupo. Arnaldo estava tocando teclados, fator que encorpou o trabalho seguinte, *A Divina Comédia Ou Ando Meio Desligado*, em 1970. O baterista Dinho já participava da banda, e o baixo foi ocupado por Liminha, amigo de Serginho que havia gravado e tocado com eles no festival da Record.

Apesar de ainda serem considerados músicos acompanhantes (cachê menor, sem foto na capa do LP), os dois novos membros mexeram com os Mutantes. "Logo que entrei, fiz umas três músicas. O hit 'Top Top' era meu", recorda o baixista, referindo-se à canção que abre o quarto disco do agora quinteto, *Jardim Elétrico*, de 1971. Em vez dos três protagonistas da banda, a capa do álbum trazia o desenho de um pé de maconha estilizado, desenhado por Alain Voss. Não que a droga fosse novidade para os Mutantes: a faixa-título do álbum anterior diz tudo.

O envolvimento com substâncias alucinogênas fora intensificado depois da segunda excursão do grupo para a França, em outubro de 1970. Em Paris, foram introduzidos ao LSD pelo artista plástico, chapa e ex-empresário da banda, Antonio Petrov. Ao retornarem, movidos pelo ideário hippie, decidem morar na Serra da Cantareira, nos arredores de São Paulo.

**Qual era o papel de Dinho e Liminha?**

Arnaldo A gente era bem Peter, Paul & Mary: eu, Serginho e Rita. Ensaiávamos com um violão e três vozes. Com Dinho e Liminha, até os ensaios mudaram, ficou aquela coisa poderosa.

Rita Nos Mutantes havia uma lei preestabelecida: independentemente de quem escrevesse letras e músicas, os "três patetas" assinariam, aprendemos isso com Roberto e Erasmo Carlos (*risos*). Liminha entrou e começou a apresentar composições da autoria dele, mas a lei continuou, apesar de eu achar isso meio tirânico e injusto. Passou-se a creditar a Liminha apenas a coautoria de certas músicas e letras que, na verdade, eram só dele, como "Top Top", "Portugal De Navio"... Dinho era uma figura muito engraçada, o apelido dele era "professor de pau duro", porque tinha um jeito de velhão, mas só gostava de namorar meninhas *muuuito* jovens (*risos*). Praticamente não participava do processo criativo, era uma pessoa muito amiga e sempre tentava resolver os problemas de ego que volta e meia surgiam.

## NÃO VÁ SE PERDER POR AÍ

Discos que podem estar na caixa *It's Very Nice Pra Xuxu*, prevista para chegar às lojas em janeiro de 2001



***Os Mutantes* (1968)**
Ainda sob a égide tropicalista (quatro músicas de Gil e Caetano), a estreia do trio mostra suas primeiras tentativas de se metamorfosear de outros artistas, melhorando fórmulas alheias. Assim fazem com Gil ("Balmacumba") Caetano ("Baby"), Rolling Stones ("Ave Genghis Khan"), Mamas & Papas ("Tempo No Tempo") Jorge Ben ("A Minha Menina"), Beatles ("Senhor F"), Luiz Gonzaga ("Adeus Maria Fulô") canção francesa ("Le Premier Bonheur Du Jour") e psicodelia californiana ("O Relógio") reescrevendo suas canções com felicidade e liberdade adolescente.

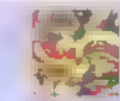
***Mutantes* (1969)**
Em busca de seu próprio som, o grupo continuava suas transformações ao cogitar possibilidades tão diferentes esdrúxulas e coesamente pop como "Dom Quixote", "Fuga Nº 1", "Caminhante Noturno" ou "Dia 36". Duas colaborações com Tom Zé (a sci-fi caipira de "2001" e a timidez tatibitate de "Qualquer Bobagem"), uma versão (do hit "Banho De Lua", plugada num amplificador valvulado distorcido), autocelebração ("Rita Lee") country ("Não Vá Se Perder Por Aí"), rock n'roll ("Ciranda que cita "Satisfaction") e o jingle da Shell ("Algo Mais") completam a viagem hiperpersonalista da banda.

***A Divina Comédia Ou Ando Meio Desligado* (1970)**
Ápice da parceria do maestro Rogério Duprat com os Mutantes. Abre com a chapada "Ando Meio Desligado", a passeia por paródias da psicodelia ("Ave Lucifer"), do power blues ("Meu Refrigerador Não Funciona"), da canção tradicional brasileira ("Chão De Estrelas"), da Jovem Guarda ("Hey Boy") e do experimentalismo barato ("Oh! Mulher Infiel"). O trio não deixa escapar sua veia pop em "Jogo De Calçada", "Quem Tem Medo De Brincar De Amor?" "Desculpe, Babe" e na homenagem a Roberto Carlos. ("Preciso Urgentemente Encontrar Um Amigo"). Um disco perfeito.

***Jardim Elétrico* (1971)**
Drogas ou excesso de preciosismo técnico. Na verdade, os dois. Ambos pesaram na curva ascendente da criatividade dos Mutantes, estagnando-a à entrada dos anos 70. *Jardim Elétrico* não é uma evolução, mas uma repetição turbinada das qualidades do disco anterior. O que não ofusca o brilho do grupo, que segue saudando o funk ("Top Top"), Tim Maia ("Bem-vinda") a censura ("Portugal De Navio"), Beatles ("Virgínia" e "Lady, Lady"), mariachis ("El Justiciero"), heavy metal ("Saravá") e a bossa nova *for export* ("Baby", ironicamente em inglês quando Caetano estava exilado em Londres).

***Mutantes E Seus Cometas No País Do Baurets* (1972)**
Se eles quisessem fazer sua última e definitiva obra juntos (como os Beatles decidiram antes de *Abbey Road*), seria sua obra-prima. Mas, em vez disso, o derradeiro trabalho com a formação clássica é abaixo de sua média. Há momentos de pura celebração rocker ("Posso Perder Minha Mulher..", "Dune Buggy", "Cantor De Mambo" – que emula Santana –, "Beijo Exagerado" a versão para "Rua Augusta") mas há canções frouxas ("Vida De Cachorro" "Todo Mundo Pastou" "A Hora E A Vez Do Cabelo Nascer" e a longa faixa-título), maculando a discografia do grupo.

***O A E O Z* (1972)**
Sem Rita Lee, o grupo cedeu ao progressivo que ressoava na canção que batizou o trabalho anterior. O resultado dessa viagem são músicas que duram entre 6 e 12 minutos, com letras de uma profundidade bichogênio que só ouvindo para sentir o drama ("Estava tendo *Rolling Stone*/Eu um cara que me abriu a cabeça/Fui correndo e tropecei no arco-íris/ Foi muito"). Mas, para quem gosta do Yes pré-Rick Wakeman, *O A E O Z* é um dos melhores representantes do progressivo nacional. A única lástima é que para esse disco nascer a melhor banda de rock do país precisou morrer.



***Tecnicolor* (1999)**
Gravado em Paris durante uma temporada de shows do grupo na cidade no fim de 1970. Escolhidos pelo produtor inglês Carl Holmes (que insistia na sonoridade brasileira do grupo), os Mutantes entraram no Studios Des Dames em novembro daquele ano e registraram o disco que lançaria a banda na Inglaterra e na França. Mas, por algum motivo, a Polydor inglesa não se interessou pelo álbum bem como sua sucursal brasileira, a Philips. A fita foi desenterrada recentemente, recuperando um clima "para inglês ouvir" que o grupo fez com muito gosto. Outra obra-prima. **AM**

Fotos ALBERT HOFMANN

**Rita:** "Aquele som clonado foi, para mim, uma decadência criativa. Copiar Yes era uma grande falta de imaginação. Como fui contra essa estratégia furreca, me despacharam na marra"

usando da diplomacia elegante
**Sergio** Dinho foi um dos bateristas mais criativos e originais que conheci Por mais simples que pareça, ele nunca fez o óbvio. Era a base, o alicerce Lamanha é um dos melhores baixistas do mundo – e eu já toquei com todos. Mas era normal creditarmos a autoria das canções ao coletivo. É o caso de "Ando Meio Desligado": a música inteira é minha, a letra é de Rita.

**Quando as drogas entraram no grupo? Como elas expandiram o som?**
**Rita** Até o exílio dos mestres, os Mutantes só usavam maconha, uma vez experimentamos ayahuasca e em outra ocasião meia pedrinha de mescalina Quando fomos nos apresentar no Olympia de Paris, encontramos com Peticov e ai, sim, é que a festa começou. Apenas Serginho se recusou a experimentar LSD, mas o resto da banda entrou de sola. Ficávamos horas e horas, dias e dias, semanas e semanas tocando. Nada de muito objetivo musicalmente, mas grandes viagens em grupo. Nessas é que o som da banda começou a tomar os seus rumos progressivos. Não foi da noite para o dia, mas a ideia de ser "uma pessoa só" passou a assombrar Arnaldo, que praticamente obrigou Serginho a tomar uma única pedrinha, senão ele estava fora do grupo (*risos*)
**Arnaldo** Acho que começou com maconha ainda nos tempos do (*colégio*) Mackenzie... Mas a expansão de verdade se deu em Paris, quando tomamos LSD pela primeira vez. Não uso o termo "drogas", chamo de "expansores da musculatura mental". Isso pode ir do cafezinho ao LSD. A gente passou a ter uma visão mais ampla da música. Por exemplo: eu tinha um órgão, passei a usar pedal. Era uma coisa meio assim: "Está tudo muito bom, vamos adiante"

Barenbein aponta a estréia-solo de Rita Lee, em 1970, como o primeiro elemento complicador nos Mutantes. "A impressão que eu tive foi de que Arnaldo e Serginho não gostaram nem um pouco, porque sentiam que o grupo iria se desmembrar", revela o produtor "E havia esse risco, a ponto de eu e o André (*Midani, chefão da gravadora*) resolvermos intervir. Colocamos para eles que *Build Up* era um projeto da Rhodia, um show, e que reverteria como um gancho para os próprios Mutantes. Todo mundo iria ganhar com isso. Dissemos que o produtor seria o Arnaldo, que precisava da participação do Serginho justamente para que se mantivesse a unidade da banda."

Qualquer clima que pudesse pintar foi ultrapassado pelo convite para uma temporada de shows no Olympia, em Paris. O mesmo não dava para dizer do relacionamento entre Arnaldo e Rita. Ainda assim, resolveram casar em 1971, passando por cima das brigas, separações e rolos de cada um. Morar na Serra da Cantareira – onde reinava o amor livre – não ajudou nem um pouco a segurar o romance. No lado profissional, no entanto, tudo continuava certo. Em 1972, saía *Mutantes E Seus Cometas No País Do Baurets*, último resquício do deboche que sempre caracterizou a banda. A longa faixa que batizava o disco denunciava a próxima onda do grupo: o rock progressivo.

Era tudo o que Rita não queria, a antítese de seu segundo álbum-solo, *Hoje É O Primeiro Dia Do Resto De Sua Vida*. Ironicamente, é como se fosse um trabalho dos Mutantes, o lampejo final deles juntos, a banda participa de todas as faixas e a direção de produção é de Arnaldo. Paralelo a isso, eles refinavam seu instrumental cada vez mais, incentivados pelas horas que passavam alucinados ensaiando sem Rita (ocupada com sua carreira) na bucólica paisagem do lugar. A relação entre os dois termina e, pouco depois, Rita deixa o quinteto.

**Até que ponto o início da carreira solo incomodou os Mutantes?**
**Rita** Barenbein era um produtor muito atento, foi ele quem me conectou com Nara Leão, que tinha acabado de fazer a versão de "Joseph", de George Moustakis, mas não pretendia gravar e estava procurando alguém com "voz de anjo" para fazê-lo. Isso aconteceu enquanto os Mutantes estavam brigados. "Jose" foi um sucesso estrondoso, algo lamentável para a imagem de "arte comerciais" dos Mutantes, que, claro, ficaram putos comigo porque o público exigia a porra da música que tocava pra caceta em todas as rádios do país. Enfim, acho que a cantei uma única vez e nunca mais. Talvez Barenbein tenha razão, deve ter pintado um ciúme danado depois disso.

***Hoje É O Primeiro Dia Do Resto De Sua Vida* é o segundo disco solo de Rita Lee ou o último da banda?**
**Rita** Na época, estávamos brigadaços, então o Midani me convidou para um projeto-solo ligado à Rhodia, que já havia me contratado para fazer shows nos seus desfiles. A idéia de gravar discos desses eventos era sempre planejada. Como os Mutantes "voltaram", achei conveniente convidá-los para participar. Aliás, passei a vida toda considerando esses trabalhos como sendo da banda.
**Sérgio** A gente tinha gravado um disco e havia mais material com-posto. Como lançar dois álbuns no mesmo ano? Para não prejudicar as vendas do outro, gravamos no solo da Rita.

**O fim do seu romance com Arnaldo influiu em sua saída?**
**Rita** Éramos um *puppie love*, como se dizia na época, ou seja, fui a primeira namorada dele e ele, meu primeiro namorado. Quando entrei para Comunicações na USP, não estávamos assim tão apaixonados. Os Mutantes já estavam metidos com os tropicalistas e a coisa profissional começou a ficar séria, tínhamos bastante viagens pela frente. Foi então que minha mãe descobriu que nós três estávamos dividindo o mesmo quarto nos hotéis e ficou horrorizada. Praticamente obrigou Arnaldo e eu a casarmos no papel, sem saber que nosso namorico nem existia mais. Durante o casamento, moravamos numa mesma casa na Serra da Cantareira. O amor acabou de vez, mas surgiu uma amizade cúmplice muito legal entre a gente Ninguém entendia direito como estávamos casados e cada um tinha liberdade para fazer o que bem entendesse Arnaldo era bastante mulherengo e eu aceitava isso na boa, também tinha meus namoradinhos, e tudo bem com a gente Não aceito de maneira nenhuma que o fim do nosso romance tenha sido o pivô da separação do grupo, isso é coisa de quem ficou chupando o dedo.

**Por que você saiu da banda?**
**Rita** Eles estavam pretendendo fazer música progressiva, tipo Yes e Emerson, Lake & Palmer, portanto não haveria mais espaço para o deboche musical que cortou a existência do grupo até então. Virei *persona non grata* na nova proposta e, como fui contra essa estratégia furreca, escolheram me despachar na marra. Levei um bom tempo para curar a mágoa. Hoje, perce-

A alegria do início da carreira sofreu um abalo com a estréia-solo de Rita

Alan Sizenfeldo

## TREM FANTASMA

**Raridades do grupo que aguardam uma alma abnegada para lançá las**

O lançamento do álbum *Technicolor* trouxe à tona uma das maiores raridades dos Mutantes Mas muita coisa ainda continua engavetada esperando que alguém abra o baú de tesouros O material existente é de grande qualidade, valendo até mesmo um CD duplo Para começar, essa compilação imaginária pode abrir com o compacto do pré-Mutantes, o grupo O'Seis, com as músicas Suicida" e "Apoca ipse", lançado em 1966 Na sequência, as quatro canções do álbum *A Banda Tropicalista do Duprat* "Lady Madonna" (cover para o clássico dos Beatles) "The Rain The Park And Other Things" (The Cowsills), "Pra Inglês Ver/Chiquita Bacana" e "Cinderela Rockfeia" No tem compactos obscuros há a versão a Hendrix para "Ando Meio Desligado", com sons de tiroteio e rajadas de metralhadoras Também é obrigatória a bolachinha da banda com Caetano Veloso, ao vivo em 1968, com as músicas "A Voz Do Morto" "Baby "Marcianita" e "Saudosismo" E, com o mesmo Caetano, as duas versões para "É Proibido Proibir em estúdio e ao vivo Da participação nos festivais, merecem ser resgatadas as versões para "Ando Meio Desligado" (1970) e "Caminhante Noturno" (1969). "Mande Um Abraço Pra Velha" (1972) e a raríssima "Glória Ao Rei Dos Confins Do Além" (1968), ambas registradas em estúdio, também não podem ficar de fora. Vale ainda incluir "Benvinda" em versão do programa *Som Livre Exportação*. Além dessas, some as aparições ao vivo (mesmo) do grupo na TV Cultura, das quais se conhece quatro canções. "Fuga Nº II", "Quem Tem Medo De Fazer Amor", "Panis Et Circensis" e "Preciso Urgentemente Encontrar Um Amigo" (1970). E a ponta sonora no filme *As Amorosas*, de Walter Hugo Khoury, no qual interpretam duas músicas escritas e arranjadas por Duprat "Misteriosas Rosas Brancas" e "O Tigre" (1967) Por fim, dá para incluir o compacto da "fase Serginho", com as músicas "Cavaleiros Negros", "Tudo Bem" e "Balada Do Amigo" (1976). No início dos anos 90 Luiz Calanca, da Baratos Afins, teve a idéia de *Algo Mais*, que a gravadora transformou em uma mera coletânea de hits. Enquanto isso não rola, o mercado paralelo se encarrega de suprir a demanda reprimida com CDRs cada vez mais disputados

**Fernando Rosa**

bo que minha retirada foi fundamental para fazer os gols que fiz no Tutti Frutti e até agradeço aos céus por não ser responsável por aquele negócio de uma pessoa só...

**O que os Mutantes perderam com a saída de Rita Lee?**
**Arnaldo** Perdemos o lado circense, pop. Mas a gente podia buscar um lado mais circense no estilo "globo da morte", mais pesado. Tentei e não consegui. Não foi nem bom nem ruim para os Mutantes: foi evolutivo.
**Liminha** Ah, perdeu muito em humor. Rita contribuía bastante nas letras, em tudo. As composições da banda pioraram, os temas começaram a ficar muito bicho-grilo, muito esotéricos, uma coisa meio apocalíptica – e meio chata. A gente também começou a se interessar mais por progressivo, a ouvir muito Yes, King Crimson, Emerson, Lake & Palmer, Pink Floyd, essas coisas.

**Você continuou acompanhando os Mutantes?**
**Rita** Quando deixei os Mutantes fechei a porteira, passei muito tempo não querendo papo com eles e até desejando no fundo do coração que se fodessem. Fiquei profundamente magoada, meus amigos do peito me deram uma facada nas costas para matar... Acontece que aquele som explicitamente clonado foi, para mim, um exemplo de decadência criativa. Eu gostava de Yes e Emerson, Lake & Palmer, mas daí a copiar os caras era uma grande falta de imaginação. Hoje, quando os gringos mencionam Mutantes, referem-se exatamente à fase do meu tempo, o som "progressivo" passou batido.

**Como é que você foi fazer abrir um show para os Mutantes em 1973 e, mais tarde, acabou cantando no disco solo de Arnaldo?**
**Rita** Ué... Fiquei semanas sem falar com os bofes, para quem convivia todos os dias isso é um tempão, não acha? Nessas semanas em que fiquei exilada, compus "Mamãe Natureza" e ensaiei com Lúcia Turnbull umas gracinhas musicais, formando a dupla Calibrinas do Éden. O empresário dos Mutantes soube disso e foi gentil me convidando para abrir um show deles no Phono 73, entendeu? No caso do *Loki?*, eu já estava bem mais segura de que havia saído muito bem para mim ter saído dos Mutantes e, como sempre gostei das loucuras do Arnaldo, fui na boa. Aliás, o material gravado no *Loki?* continha umas reminiscências da minha época, então ele achou justo me convidar para participar do disco.

**Culpe o grupo paulistano por parte das estripulias do rock brasileiro nos anos 90**

| Que tal... | Mas isso... | Mesmo assim... |
|---|---|---|
| juntássemos dois loucos por instrumentos e uma menina simpática cantando músicas esquizofrênicas e engraçadinhas? | é uma definição pouco rigorosa do conceito dos Mutantes | o **Pato Fu** surgiu no começo da década trazendo exatamente essa proposta |
| escancarássemos nosso lado comercial fazendo um jingle para uma marca bem corporativa? | os Mutantes já fizeram com "Algo Mais", que criaram para uma campanha da Shell | o **Jota Quest** chamou coletivo para anunciar que sua marca será daqui para a frente associada à de um refrigerante alaranjado (mas não incluíram o jingle no CD, como os Mutantes) |
| misturássemos rock com música caipira? | os Mutantes experimentaram quando gravaram "2001" | os **Raimundos** abriram caminho no mercado juntando sua pegada hardcore com as sanfonas de Zenilton |
| gravássemos um disco voltado para o exterior, com letras em inglês e sonoridade *brazilian for export* acentuada? | já foi tentado pelos Mutantes quando eles gravaram o álbum em Paris que virou o incensado *Tecnicolor* | Júpiter Maçã tornou-se **Jupiter Apple** e saiu-se com seu *Plastic Soda* no ano passado |
| compuséssemos um metal falando de macumba? | não é "Sá avá" do disco *Jardim Elétrico*? | (e felizmente é bom salientar) o **Gangrena Gasosa** encontrou motivos para existir e girar em torno desse tema |
| convidássemos Sean Lennon para participar do CD? | é meio óbvio, afinal ele fez até a arte do encarte de *Tecnicolor* | Max Cavalera convidou o filho mais famoso do mundo para participar do novo disco do **Soulfly** |

*LOKI?* refletia uma paixão que nascera em 1971, quando conheceram o *Yes Album*. Alegando que o álbum não tinha apelo comercial, a Philips optou por não editá-lo e ainda dispensou a banda. O trabalho foi lançado 19 anos depois, já em CD. Arnaldo, já apresentando sinais de que algo não estava em ordem em sua cabeça, saiu do grupo.

**Sérgio: "Não foi a banda, o mundo é que estava progressivo na época. Óbvio que havia uma barreira entre os caretas e os não-caretas. Nós éramos doidões – com ou sem ácido"**

A partir daí, os Mutantes nunca mais se fixariam numa mesma formação. Dos integrantes originais, apenas Serginho restara para gravar *Tudo Foi Feito Pelo Sol*, de 1974. Em 1976, lançam *Ao Vivo*, e, em 1978, fazem sua última apresentação, em Ribeirão Preto (SP). No primeiro dia de 1982, o baque: Arnaldo se atira do terceiro andar do Hospital do Servidor Público, em São Paulo. "Quando aconteceu, eu estava em Nova York e encontrei Serginho, que morava lá. A gente não teve coragem de tocar no nome do Arnaldo? Eu pensava: 'Será que ele não sabe?'. Saímos junto, conversamos, mas não falamos no assunto. Foi uma coisa estranhíssima", conta Liminha.

Recuperado, Arnaldo foi morar em Juiz de Fora (MG), onde vive até hoje com sua esposa, Lúcia. Rita Lee seguiu seu destino e se transformou em um dos maiores nomes do rock brasileiro. Liminha tornou-se um produtor de sucesso, trabalhando com Ultraje A Rigor, Titãs e Kid Abelha, entre outros. Serginho radicou-se nos Estados Unidos, gravou discos com jazzistas e voltou ao Brasil recentemente. Prepara um álbum para este ano. Somente Dinho afastou-se da música, abrindo uma assessoria de imprensa ligada ao automobilismo.

**Por que os Mutantes adotaram um som progressivo?**
**Arnaldo** O marco foi o *Yes Album*. Nos Beatles, havia a hora em que George improvisava, que Ringo improvisava. Ah, não: parecia que os caras estavam improvisando direto. Tudo o que a gente quis fazer, fez: rock, sertanejo, psicodelico, tropicalismo. Ao quisemos ser progressivos. Foi a última viagem dos Mutantes.
**Sérgio** Criaram uma burrice em torno do nome "progresso", que significa ir para a frente. Virou sinônimo de velho. Ridículo: o progresso é velho. Não foram os Mutantes que resolveram fazer progressivo, o mundo é que estava progressivo na época. Óbvio que havia uma barreira entre os caretas e os não-caretas. Sabe qual é o doidão? É aquele que cria e depois sua criatividade fala por ele. A gente era doidão – com ou sem ácido.

**O que você pretendia ao deixar o grupo?**
**Arnaldo** Queria fazer a música que eu tinha em mente, que eu sonhava, com continuidade, sem final. Fiquei meio perdido, mas a música continuou meu sonho. E Rita estava fora dele.

**Como a banda reagiu à saída de Arnaldo?**
**Sérgio** Foi um puta caos para mim, uma merda. A saída dele foi uma coisa muito complexa, muito... Não quero nem falar a respeito. De repente, o Arnaldo, a Rita e o Liminha não eram mais mutantes. Como vou deixar de ser quem eu sou? Continuei fazendo o que eu sentia, até perceber que não estava mais sendo correspondido pelos outros membros da banda.
**Liminha** Para mim, acabou a magia. Lembro que a gente fez um show que foi o máximo. Quando terminou, fui ao camarim e o Arnaldo estava chorando, deitado no chão, chamando pela Rita e não sei o quê, e depois ele saiu. O negócio é que o Arnaldo não era só músico. Ele atuava no conceito da banda, nas idéias, é um cara muito inteligente, espirituoso.

No fim de 1999, chegou às lojas *Tecnicolor*, disco gravado durante a estada em Paris, em 1970, visando a entrada dos Mutantes no mercado estrangeiro. As músicas em português, inglês, francês e espanhol trazem um frescor que o tempo não foi capaz de macular. Segundo Serginho, ainda há um saco de material inédito da banda. "Como eu era o 'tecnologista' da banda, gravei muitas coisas", diz o guitarrista. "*Tecnicolor* é só um caso, existe um 'tesouro escondido no limbo'", confirma Arnaldo.

A última vez que ele falou com Rita Lee foi quando ela passou com seu show *Bossa n Roll* por Juiz de Fora, em 1992. No ano passado, reuniram-se todos, menos Rita e Liminha, em um restaurante em São Paulo. No último mês de maio, Serginho e o baixista se encontraram no prêmio Multishow, no Rio. Para essa reportagem, foram entrevistados em separado. "Por quê?", pergunta Serginho. "Por que há tantos problemas numa coisa que deu tanto prazer a todo mundo? Qual é a encanação?" A resposta pode estar no verso que abre "Tecnicolor": "Nunca me pergunte coisas sobre as quais eu não gostaria de falar".

* com reportagem de Ricardo Alexandre (Barenhein), Alexandre Matias e Fernando Rosa (Dupra) e Sérgio Barbo (Dinho)

Fotos ALBERT HOFMANN

# RONNIE VON MUITO DOIDO

Por Ricardo Alexandre

**Entre 1967 e 1970, o "pequeno príncipe" jogou a caretice para o alto e tentou subverter seu destino de ídolo adolescente gravando três discos que são verdadeiros ETs em sua carreira**

"O filhinho de papai bobinho de cabelos compridos que cantava musicas bobinhas para as meninhas." Assim, mordaz, que o próprio Ronnie Von se refere à visão clichezada sobre sua imagem, a do dândi de olhos verdes e repertório risível, de bobagens como "A Praça" e versões de sucessos internacionais. O que pouca gente sabe é que, entre 1967 e 1970, o "pequeno príncipe" jogou tudo para o alto e tentou subverter seu destino de ídolo adolescente gravando três álbuns absolutamente radicais, que misturavam psicodelia, tropicalismo, acid rock, música de câmara, pré-progressivo e pop de AM. Trabalhos instigantes, produzidos à margem da Tropicália e à frente do próprio movimento em termos de sintonia com a vanguarda musical da época.

Os álbuns que deixaram espantados os fãs do cantor

Filho de uma abastada família carioca, Ronnie estreou com uma versão para "Girl", dos Beatles, em 1965. O compacto "Meu Bem" tornou-se um dos mais vendidos do ano. Então, ele gravou seu primeiro LP e ganhou um programa na poderosa TV Record, *O Pequeno Mundo De Ronnie Von*, transformando-se, da noite para o dia, na mais séria ameaça ao reinado do jovem-guardista de Roberto Carlos.

Em 1967, enquanto seus "rivais" da Jovem Guarda ainda faziam versões de sucessos internacionais com letras pueris, Ronnie descobriu a gênese do que viria a ser o movimento tropicalista. Afinal, os Mutantes eram atração constante de seu programa e a interação com Caetano, Gil e Beat Boys era grande. "Ainda não existia o tropicalismo como movimento, mas eu era afetivamente muito unido a todos eles", lembra. O ídolo aproveitou os ventos de mudança para lançar um disco de capa dupla, produzido e arranjado pelos mesmos Manoel Barenbein e Rogério Duprat dos tropicalistas e com os próprios Mutantes tocando em oito faixas.

"Foi o maior fracasso da história da minha vida", diz. "Minha ruína emocional." Apesar do hit "Pra Chatear", o álbum chocou o público e, logo após o lançamento, começou a ser devolvido à gravadora – os efeitos na voz de Ronnie, reprocessada via amplificador de guitarra em "Meu Mundo Azul", foram encarados como defeitos pelos lojistas.

Foi em meio ao gosto do fracasso, à pressão do sucesso e à insatisfação musical que o cantor criou *Ronnie Von* (1968), seu primeiro disco "psicodélico". Cortou os cabelos, juntou-se a Arnaldo Saccomani (na época assistente de produção de Barenbein e até hoje produtor de renome) e ao maestro tropicalista Damiano Cozzela, autor, entre outros, do arranjo de cordas da estreia de Caetano. "Esse álbum é fruto de um sentimento de medo e vingança", define Ronnie. "Foi um desabafo pessoal, eu estava de saco cheio daquilo tudo, era uma tentativa desesperada de fazer algo que me agradasse. Foi o único trabalho em toda a minha carreira sobre o qual eu tive controle total", lembra ele.

### ANÁRQUICO E REFINADO

O disco era impressionante como exercício de ousadia e liberdade artística. Na capa, uma foto de Ronnie com o torso nu, sob iluminação infravermelha, emoldurado de uma pintura psicodélica de araque. Abre agressivo e enfático, com as faixas "Meu Novo Cantar" e "Chega de Tudo", segue uma balada de letra surrealista, "Espelhos Quebrados", e um soul-rock hendrixiano de guitarras turbinadas, "Sílvia, 20 Horas, Domingo". Entre as duas últimas, um jingle fictício de um certo "Bar Íris", tal qual o Who fez poucos meses antes no ambicioso e irônico *Sell Out*. Um álbum anárquico, refinado, inteligente, cheio de segredos e detalhes, do tipo que costumamos chamar de clássico.

Uma recepção inicialmente interessada da imprensa não foi suficiente para que o cantor pudesse dar sequência ao seu plano de liberdade artística. "O diretor da Polydor, André Midani, disse que com radicalismos eu não chegaria a lugar algum, que o ideal seria distribuir 'pílulas' entre meu repertório, que eu poderia fazer meu disco seguinte ao lado de Cozzela, mas que seria bom incluir algumas versões", conta.

Apesar das "intervenções", o álbum de 1969 ainda guardava muito da ousadia de seu antecessor, a começar pelo título: *A Misteriosa Luta Do Reino Do Parassempre Contra O Reino Do Nuncamais*. É praticamente de rock progressivo, com arranjos complexos, delicados, uma banda afiada (Beat Boys, de novo) e canções inspiradíssimas como a ótima "De Como Meu Herói Flash Gordon Irá Levar-Me De Volta a Alfa do Centauro, Meu Verdadeiro Lar", a bossa-lounge "Dindi" e até uma versão (olha ela aí!) de Ronnie e Rita Lee para "Atlantis", de Donovan, que virou "Atlantida".

Contracapa de *A Máquina Voadora*, último esforço do artista para se manter na vanguarda

### BRILHO RESGATADO

O disco seguinte, *A Máquina Voadora*, de 1970, foi o último esforço do artista para se manter na vanguarda. Apesar do resultado desigual entre as canções, o álbum trouxe um novo hit, "Viva o Chope Escuro", e uma sonoridade cada vez mais azeitada entre os arranjos de Cozzela, as ideias de Ronnie e a execução dos Beat Boys. Infelizmente, as ousadias do LP de 1968 foram se diluindo em pressões comerciais. "A partir daí, meus discos começaram a sair para cumprir contratos", admite. "Eu me sinto triste até hoje por não ter levado meus projetos adiante. Tinha tanto para mostrar, tantas ideias interessantes..."

No entanto, o brilho intenso da criatividade de Ronnie está, aos poucos, sendo redescoberto por várias bandas atuais. O Vídeo Hits regravou "Sílvia: 20 Horas, Domingo" em seu CD de estreia. O Ira! incluiu "Minha Gente Amiga" no elogiado disco *Isso É Amor*. Mas isso não aplaca o sentimento de dever não cumprido do cantor. "Fico muito triste quando leio alguma matéria sobre a Jovem Guarda e meu nome não é citado. Gravei com todos os tropicalistas, mas, aparentemente, também não sou tropicalista. Não sou coisa nenhuma, mas gostaria de ser. Gostaria que as pessoas lembrassem que fiz parte de um momento cultural de transformações sociais profundas no Brasil e no mundo", assume, antes de arrematar, resumindo a preguiça histórica que impera no país: "Sou uma pessoa esquecida musicalmente e me ressinto muito por conta disso".

# O PAÍS DO BAURETS

**Algumas bandas que pintaram o calidoscópio de verde-e amarelo e escreveram a história do psicodelismo no Brasil, rompendo fronteiras e iluminando a cabeça de muita gente**

Por Fernando Rosa

**Beatniks** Legenda do rock paulistano, foi o grupo de palco do programa *Jovem Guarda* e, ao mesmo tempo, responsavel por surpreendentes compactos garageiro-psicodelicos. Entre 1967 e 1968, gravou quatro discos contendo covers para Turtles ("Outside Chance"), Them ("Gloria") e Jimi Hendrix ("Fire").

**Codigo 90** Formada em 1967, agitou as domingueiras do Clube Pinheiros, em São Paulo, e deixou apenas um compacto: "Não Me Encontrarás"/ "Tempo Inútil"

**Serguei** Mais pelo visual/postura rocker-hippie do que pela discografia, Serguei merece integrar o rol dos psicodelicos nacionais. Em 1967, gravou "Eu Sou Psicodelico", "As Alucinações de Serguei" e, ainda, o mix de rock, Jovem Guarda e protesto "Maria Antonieta Sem Bolinhos"

**Os Baobás** Antecipou a chegada do hit "Light My Fire" (The Doors) ao Brasil, em gravação que contou com o futuro baixista dos Mutantes e produtor Liminha no baixo. Inicialmente beat, enveredou pela psicodelia "importada", que resultou na gravação do único album em 1968, contendo diversos covers (como "Oranges Skies", do Love). Tambem lançou cinco compactos, com destaque para a versão de "Paint It Black" (Rolling Stones), "Pintada de Preto". O grupo tocou com Ronnie Von, com quem gravou um compacto ("Menina Azul") e flertou com o tropicalismo, acompanhando Caetano Veloso em shows, em substituição aos Beat Boys.

**Beat Boys** Um misto de brasileiros e argentinos radicados em Sao Paulo, o grupo Beat Boys ficou conhecido por acompanhar Caetano Veloso em "Alegria Alegria" no Festival da Record. Gravou somente um album pela RCA Victor, em 1968, contendo "Abre, Sou Eu" (Billy Bond) e covers radicais como "Wake Me, Shake Me" (The Blues Project).

**Blow Up** Nascido em Santos com o nome The Black Cats, começou tocando rock instrumental, passou pela beatlemania e, no fim dos anos 60, acabou na psicodelia. Inspirado no filme homônimo de Antonioni, trocou de nome e gravou dois albuns com a nova orientação: o primeiro em 1969 e o segundo em 1971, chamado apenas *Blow Up*, mas tambem conhecido como *Expresso 21*

Em 1966, o grupo paulista Loupha ganhou o I Festival de Conjuntos da Jovem Guarda da TV Record com "I Can't Let Go", dos Hollies. Assim, chegava ao Brasil o lado colorido da "invasão britânica" que, um ano depois, explodiria em lisergia, fuzz-guitar, paz, amor, flor e outros ingredientes. A juventude adotava aquele novo jeito de fazer musica, mais rico, mais aberto e, principalmente, mais livre. Era a época do "verão do amor", e a psicodelia tambem brilhava no país do céu de anil, tomando varias direções e formas.

Imediatamente, o elo entre *Sgt. Pepper's*, concretismo e musica regional gestou o tropicalismo, talvez a mais perfeita tradução local do gênero que surgia. Mutantes, Rogerio Duprat, Gilberto Gil, Lanny Gordin, Caetano Veloso, Gal Costa e Tom Zé estavam na vanguarda musical do planeta – o que muitos ainda hoje ignoram. Apesar de grupos como Os Baobas, The Galaxies ou Blow Up preferirem sintonizar os originais, o que prevaleceu foi a mistura. Ancorada na riqueza e diversidade musical do Brasil, o espirito psicodelico seguiu se expandindo de tal maneira que absorveu e influenciou a MPB, a música regional e até mesmo o samba.

Em pouco mais de uma década, o calidoscópio verde-e-amarelo registrou a psicodelia clássica do Spectrum, o folk-barroco da Barca Do Sol e o repente envenenado de Lula Côrtes & Zé Ramalho, entre outras misturebas originais. Um espectro que, assim como lá fora, tambem incorporou o som progressivo de bandas como Modulo 1000, Moto Perpétuo ou Vimana. Na segunda metade dos anos 70, a implosão punk enfiou tudo no mesmo saco e transformou, por uns tempos, a psicodelia e os correlatos em velharia de museu cultuada por especialistas. Aos poucos, no entanto, o genero foi sendo resgatado e, novamente, incorporado aos mais variados estilos musicais, do tradicional Violeta De Outono à "afrociberdelia" de Chico Science & Nação Zumbi.

Algumas dessas bandas tiveram reedições especiais graças a selos independentes (Baratos Afins, especialmente), ou passaram a freqüentar sites especializados – nacionais, como Rato Laser, ou estrangeiros que, no caso de selos, chegaram a relançar albuns, como ocorreu recentemente com o LP do Modulo 1000. Mas, na maioria dos casos, permanecem no mais absoluto anonimato. Nesse flashback estão as principais bandas e intérpretes que escreveram essa história, rompendo com as fronteiras musicais e iluminando a vida de muita gente

**Som Imaginario** Passeou com maestria nas fronteiras da psicodelia e do progressivo com a moderna MPB e toques de jazz, produzindo classicos do genero, como "Super God", "Morse" ou "Cenouras" ("vou plantar cenouras na sua cabeça"...). Gravaram os discos *Som Imaginario* (1970), *Som Imaginário 2* (1971) e *Matança Do Porco* (1973). Os três LPs foram relançados conjuntamente em CD, em 1998, pela gravadora EMI, enquanto a música "Super God" foi incluída na coletanea *Love, Peace & Poetry - Latin American Psychedelic Music*, do alemão Q.D.K Media.

**Bango** Um dos raros grupos a demonstrar explicita influencia dos Mutantes, que pode ser conferida em seu unico álbum, de 1971. Peso, fuzz-guitar e letras viajandonas produziram um som com qualidade internacional

**Damião Experiença** Autodefinindo-se como doidão e influenciado por Jimi Hendrix, produziu raros e surpreendentes discos, misturando psicodelia, blues, sons afro orientais, guitarras Frank Zappa e letras absurdas e incompreensíveis. Lançou seu primeiro disco em 1974, intitulado *Damião Experiença No Planeta Lamma*, que abriu caminho para outras classicas raridades, como *Damião Experiença Chupando Cana Verde no Planeta Lamma* e *Em Boca Calada Não Entra Mosca, Só Felicidade*

**Flaviola E O Bando Do Sol** Representante da geração nordestina pos tropicalismo, Pernambucano, Flaviola E O Bando Do Sol gravaram apenas um album, lançado pelo selo local Solar, em 1974. Com base em ritmos regionais, produziram um raro mix de folk-rock-psicodelia, que permanece com extrema atualidade. Instrumental rico, na base de violões, violas, guitarras, flautas e percussão.

**A Barca Do Sol** Botou para quebrar na cena underground em meados dos anos 70, produzindo uma refinada mistura de MPB, sonoridades progressivas/psicodélicas, instrumental quase barroco e poesia. A apresentação das musicas do LP *Durante O Verao*, em forma de cardapio, define o clima da banda. "O Banquete" (sal de frutas, *Sargent Pepper's*, sopa de cabeça de bode), "Beladonna, Lady Of The Rocks" (cogumelos, candomblé, corações sotarinos)... Espécie de padrinho do grupo, Egberto Gismonti produziu o primeiro album, que introduziu o uso de sintetizador em duas faixas, novidade na epoca. Gravaram tres discos: *A Barca Do Sol* (1974), *Durante O Verao* (1976) e *Pirata* (1979), os dois primeiros reeditados no formato dois em um.

**Perfume Azul Do Sol** Com visual hippie e psicodelia derivada de ritmos e instrumental regionais, gravaram um único album, *Nascimento*, em 1974

**Ave Sangria** Foi uma das primeiras e mais radicais bandas na onda da "invasão nordestina", misturando sonoridades regionais, blues e rock com roupagem psicodelica. Gravou apenas um luminoso e instigante album, destacando as faixas "Dois Navegantes", "Momento Na Praça", "Cidade Grande" e a instrumental "Sob O Sol De Satã". Lançado pela Continental em 1975, *Ave Sangria* foi reeditado em vinil em 1990 (pela Baratos Afins), mas permanece inedito no formato digital

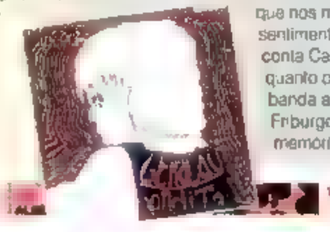
**Som Nosso De Cada Dia** Um dos expoentes do som psicodelico-progressivo dos anos 70. Gravou dois LPs, *Snegs* (1975) e *Som Nosso De Cada Dia* (1976).

## GERAÇÃO BENDITA

**O primeiro filme hippie brasileiro teve uma trilha sonora a caráter**

Era 1971, dois anos depois de Woodstock e a juventude brasileira ainda vivia os efeitos da Era de Aquarius. Em meio à onda, um grupo de jovens musicos e cineastas de Nova Friburgo (interior do Rio de Janeiro) mergulhou fundo na produção do que se chamou na ocasião de "o primeiro filme hippie brasileiro". Intitulado *Geração Bendita* e dirigido por Carlos Bini, a trama deixou registrada, além das imagens de uma época, uma trilha sonora tão surpreendente quanto rara, assinada pelo grupo Spectrum. Com seus integrantes tendo 21 anos em média, a experiência da banda resumia-se à cena local, onde iniciaram tocando covers de Beatles "tão bem feitas que chegavam, por vezes, a achar que o som era de rádio ou de gravador", diz o guitarrista Caetano.

O album, com pouco mais de meia hora de duração, reune 12 canções, a maioria falando de paz, amor, liberdade, natureza e outros temas e valores expressivos do período. O instrumental, com profusão de fuzz-guitar e vocais à Beatles, situava o trabalho acima do padrão nacional da epoca. "Não tinhamos recursos técnicos, os instrumentos eram nacionais, de segunda mão, mas havia uma coisa maior que nos movia, que era o sentimento daquela geração", conta Caetano. Tanto ele quanto outros integrantes da banda ainda moram em Nova Friburgo e partilham a memoria daqueles "momentos mágicos, coloridos e intensamente vividos". Apesar de ignorado em sua época, hoje o álbum ocupa os primeiros lugares nas *want lists* (procurados) de colecionadores mundiais de raridades psicodélicas (é um dos LPs do livro *2001 Record Collector Dreams*, editado pelo austriaco Hans Pokora, que reune capas de discos obscuros de todo o mundo). Um interesse que, recentemente, chamou a atenção de selos estrangeiros especializados em reedições em vinil e mesmo em CD, que buscaram contato com a banda para relançar o álbum. Assunto que vem sendo tratado com o selo original e detentor dos direitos de edição, podendo resultar também em uma tiragem nacional, que tornará finalmente o disco *Geração Bendita* acessível aos mortais.



# TRADIÇÃO EM TECHNICOLOR

**Aos trancos e barrancos e assumindo diversas formas, a lisergia musical sobreviveu no país nos anos 80 e 90**

O que dizer de psicodelia nos anos 80? O rock de calça curta de Blitz, Lulu Santos, Paralamas e Kid Abelha mal conseguia expandir seus horizontes ouvindo FM, que dizer de tomar LSD. Dos poucos que fugiam a essa regra, o paulistano Violeta de Outono era (ou melhor, é) o grande bastião do psicodelismo oitentista no Brasil, traçando claramente suas origens (explicitadas de forma didática no EP *Early Years*, com versões para Beatles, Rolling Stones, Pink Floyd e Gong). Liderado por Fábio Golfetti, o trio ainda contava com Angelo Pastorello no baixo e com o baterista Cláudio Souza e era responsável por shows de puro dinamismo saudosista, fazendo com que toda uma geração tivesse contato mais próximo com o histórico verão do amor. Gravou dois discos (*Violeta De Outono* e *Em Toda Parte*), além do citado EP (lançado pela independente Wop Bop) e um show lançado após o primeiro fim do grupo (*Eclipse*). No fim dos anos 90, animado com a nova cena da cidade, Golfetti convidou Sandro Garcia e Gregor Izidro e voltou com seu grupo inicial, lançando o disco *Mulher Na Montanha* no ano passado.

Se o Violeta era o estranho no ninho do universo chiclete-refrigerante-praia do rock anos 80, *Psicoacustica*, o terceiro disco do trio, de 1987, era um verdadeiro árien. Nele o quarteto encarava a árdua tarefa de trazer a psicodelia para dentro do universo mod, abrasileirando os dois ao mesmo tempo. O filme *O Bandido Da Luz Vermelha*, de Rogério Sganzerla, funcionava como vínculo nacionalista em relação às duas referências sessentistas confessas do grupo, enquanto o disco reunia elementos de repente, rock pesado, hip-hop, ska e pós-punk. Ousado, o álbum era muito hermético para se declarar psicodélico ortodoxo, mas a capa (que vinha acompanhada de um óculos 3D, para não dar segundas opções quanto à sua natureza lisérgica) e a guitarra de Edgard Scandurra garantem sua inserção na heróica geração que cresceu após o auge dos progressivos.

O gênero entrou nos anos 90 sendo usado por duas das principais bandas de nova safra por meio da lógica Spacemen 3 (tomar drogas para fazer música para tomar drogas para...). Chico Science & Nação Zumbi e Planet Hemp usam o nome psicodelia mais como adjetivo farmacêutico do que musical. O primeiro puxa o sufixo "delia" de psicodelia para compor o rótulo/título *Afrociberdelia* e o segundo como um dos elementos de sua equação sonora (*"raprockandrollpsicodeliahardcoreragga"*). Porto Alegre, sedia grande parte da produção psicodélica atual, centralizando esse sistema planetário no solitário Júpiter Maçã. Flávio Basso, ex-Cascavelletes, traduziu o nome da gravadora dos Beatles e o apelido do avô, cunhando um pseudônimo para uma "persona folk" que se tornou um alter ego viciosamente lisérgico. Com a cabeça metida na Swinging London, Júpiter presenteou o

**Violeta De Outono (acima) e Júpiter Apple: delírios**

público com um auto de rock clássico, seja em disco (no excelente *A Sétima Efervescência*), seja em shows citando Mutantes, Beatles e Kinks como tripé básico ao compor e mimetizando Who e Pink Floyd (fase Barrett, claro). Mas a psicodelia gaúcha vai muito além da órbita de Júpiter, encontrando metamoroses diversas em diferentes planetas. O já lendário Plato Divorák é sua vertente mais ortodoxa, venerando todas as faces daquele diamante chamado 1967 em grupos diferentes como Lovecraft, Frank & Plato (ao lado do caubói espiritual Frank Jorge) e Momento 68. A extinta Gratonéia Xilarmônica dava ácido para as donas de casa e as fazia assistir à televisão, em delírios pop psicobregas que se incorporaram ao cancioneiro nograndense.

Os The Dharma Lovers levam a melancolia pastoril do gênero para o templo budista, misturando haicais metafísicos e o discurso surreal típico desse estado de consciência. Já no campo da desconexão, entramos em São Paulo pelo bairro Cidade Ademar, que reúne parte de um grupo de novos boêmios revivendo o underground da geração beat: leia-se drogas, drogas e conversas sobre drogas. O braço sonoro desse pólo cultural atende pelo nome de Os Jerrssons e seus shows consistem em jams inerativas sobre o efeito psicodélico de diferentes substâncias. Na mesma São Paulo, encontramos uma cena que venera o meio da década de 60 que fundiu nos Estados Unidos surf music, folkqueira e psicodelia. Embora essa cena possa ser resumida pelo denominador comum que é o rock de garagem, seu braço psicodélico é representado por grupos como Skywalkers, Flaming Salt, Effervescing Elephant, Os Espectros e Cedar Lunen. Além, claro do pai de todos, Sandro Garcia, que criou sua reputação no estilemante mod Charts, mas deixou percorrer sua verve psicodélica com o Momento 68, inicialmente um projeto em dupla com o gaúcho Plato Divorák, o grupo foi tomado por Sandro após desavenças de bastidor e logo lançou um disco de versões que explicitariam suas intenções no repertório: temos Troggs, Love, Syd Barrett, Who... Não esquecendo que em seu trabalho de estréia – *Onde Estão Suas Canções?* de 1998 – recuperava magistralmente "Abre Sou Eu", dos Beat Boys.

Isolados no resto do país, temos os Vibrossensores, no Rio, que tropicalizam o krautrock numa estranha, mas lógica, fusão de bossa nova, vanguarda e psicodelia. E é claro, os alagoanos do Mopho, o maior nome da psicodelia brasileira atual. Centrados na era de ouro do expansionismo cerebral via química, o Mopho levanta as bandeiras multicoloridas dos Mutantes e dos Beatles num movimento retrô que se justifica logo que o grupo põe seu flashback musical em ação. São o maior nome atual de uma tradição brasileira menosprezada pela história por não ser tão "nacionalista" (ou seria melhor dizer "umbilical") como tropicalismos, MPBs, Clubes da Esquina, Grandes Encontros, Turmas da Colina ou Noites Tropicais, mas que existe e não pode ser negado. Longa vida à psicodelia brasileira!

**Alexandre Matias**


Seu par ideal:
Bonito, moderno
e pontual.

COSMOS
QUALIDADE INDISCUTÍVEL

OS 29571Q

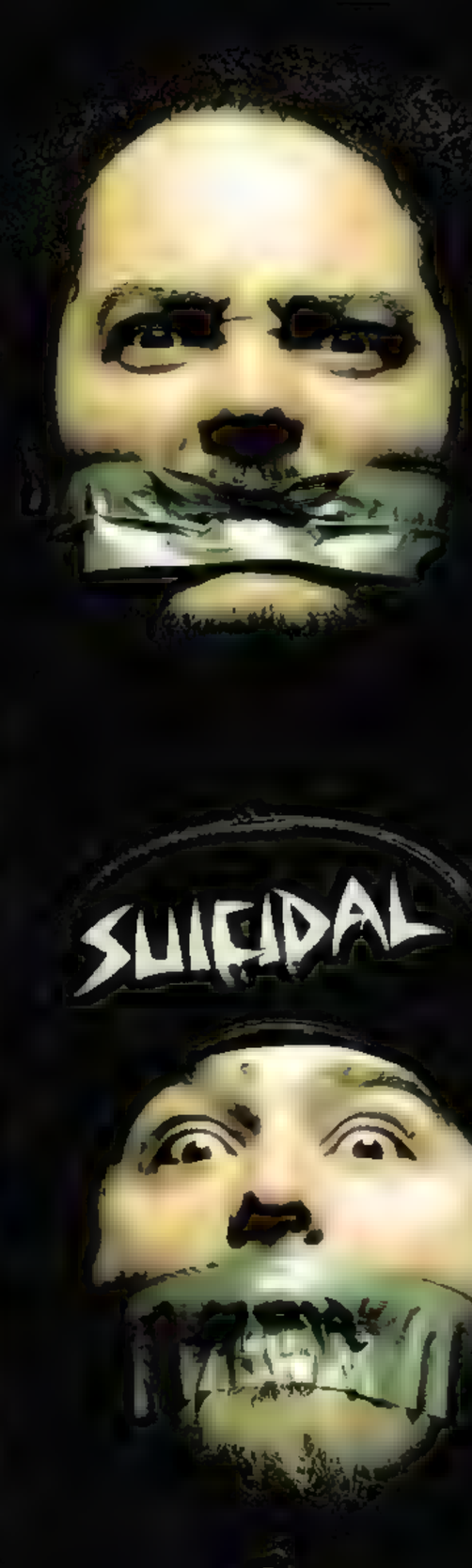
A prova d'água
Pulseira em aço
Mecanismo a quartzo
Design exclusivo

QUARTZ
WATER 30M RESIST

# Deixa eu falar

**Os Raimundos aproveitam o lançamento de seu disco ao vivo para soltar o verbo sobre situações que passaram a enfrentar somente depois do sucesso de *Só No Forévis*. Quem mandou virar popular?**

por Emerson Gasperin • fotos Nina Andrés



Canisso nem espera o aperto de mão acabar para iniciar a conta na hora de falar mal dos Raimundos?", pergunta. Além de bem disposto às 11 horas da manhã, o baixista surpreende pela memória, digna de político em corpo a corpo com eleitores. O papo que ele desencavou rolou em 1997, por causa de *Lapadas Do Povo*, quando numa entrevista o provoquei dizendo que talvez a fama-de-mal dos Raimundos com a imprensa houvesse acabado, pois já eram uma banda estabelecida. Ou seja, eles já poderiam receber malhos só destinados a gente grande. "O que é isso, companheiro?", pensei. Mas lembrei que estamos mais maduros, experientes. "Estou aqui, disco ao vivo e tal. Vim em missão de paz!", respondi. Risos desarmoniosos. Estamos – todos – mais sábios também (ou cínicos, depende).

Na verdade, há muito mais ironia do que agressividade na declaração de Canisso. Ao contrário da época a que ele se referiu, hoje os Raimundos sabem muito bem como é uma receptividade duvidosa. Tudo por conta de *Só No Forévis*, de 1999. Ao mesmo tempo que levou a banda para novos públicos, o disco despertou a cabreirice tanto do velho fã quanto do jornalista (que podem ser a mesma pessoa). "Jornalistas têm umas coisas engraçadas. Decidem uma coisa e todo mundo vai atrás", diz Fred. "Foi assim com o *Lapadas*: falaram que era o disco pesado dos Raimundos e pronto, virou o disco pesado dos Raimundos", explica o baterista. O vocalista Rodolfo desperta: "Pode crer. Tinha umas seis músicas de rádio".

"Veio o *Só No Forévis* e publicaram: 'Ah, é o disco popular dos Raimundos', só porque era mais engraçado do que o outro", continua Fred. "E o lance foi diferente. A gente resolveu aparecer mais, ocupar todos os espaços", conta Canisso. A opção incluía televisão, direto, de programas para adolescentes (*O+*, *Planeta Xuxa*, *Caldeirão do Huck*) ao chapa branca *Show do Descobrimento*, promovido pela Rede Globo em Brasília. "Era bem isso que a gente queria, invadir sala de estar em horário nobre", diz Canisso. "Não aliviamos nosso som nem um pouco."

Ninguém pode acusá-lo do contrário. Ainda velozes e sacanas, os Raimundos conquistaram crianças, foliões e ouvintes de AM com "Mulher De Fases", "A Mais Pedida", "Me Lambe" e "Aquela". Apesar da bronca de Fred, ficaram mais populares, sim – e isso não é pecado. Além de chegar a públicos distantes do estereótipo roqueiro (que, diga-se, não tolera esse tipo de libertinagem com sua banda querida), *Só No Forévis* vendeu 650 mil cópias, o melhor desempenho entre os cinco trabalhos do grupo. "Melhor desempenho, não", corrige o baterista. Para ele, esse troféu vai para *Lavô Tá Novo*, o segundo CD da banda. "Vendeu menos, 450 mil, mas não nos expusemos tanto", justifica.

Fred argumenta com a autoridade de quem passou os últimos 14 meses fazendo uma apresentação a cada dois dias e meio. A extensa e bem-sucedida temporada na estrada deu origem ao disco ao vivo. "Era o momento certo: turnê legal, registro dessa vibração", atesta. "Mais fácil dizer onde a gente não tocou: Amapá, Fernando de Noronha, Tocantins... Fomos pela primeira vez a lugares como Porto Velho e Rio Branco", informa Canisso. Numa das apresentações, em Manaus, os Raimundos conseguiram seu maior público individual, 25 mil pessoas. Cerca de 40 músicas, hits de todas as fases, quase três horas de pauleira. "Esse é o show da nossa vida", decreta Fred.

Shows marcantes não faltam na trajetória da banda. Dois exemplos, extremos, ocorreram em Santos. Em fevereiro de 1994, desconhecidos e ainda sem disco (a estréia sairia dali a poucos meses pelo extinto selo Banguela), os Raimundos tocaram no M2000 Festival e sacudiram as mais de 50 mil pessoas que foram ver Rollins Band e Lemonheads. Espremidos entre Deborah Blando e Dr. Sin, foram aclamados como "a surpresa nacional da noite". Rodolfo, que desejava apenas assistir ao grupo de Henry Rollins e torcia "para não levar areia no palco", sentiu que os Raimundos iriam se dar bem. Três anos depois, após ver a banda no Clube de Regatas Santista, 4.500 pessoas se espremeram na única saída do local. O tumulto gerou oito mortes, a maior tragédia da história de shows no Brasil. O grupo foi isentado de qualquer responsabilidade.

Rodolfo, Fred, Digão e Canisso (*em sentido horário*) disco ao vivo de verdade, sem maquiagem no estúdio

# Para Canisso, Rodolfo e Digão não há nenhum problema em se apresentar no Rock In Rio. Só Fred é quem tem objeções. "Quero as mesmas condições dos gringos", diz o baterista

## FESTIVAL DA DISCÓRDIA

Agora, outro show anda agitando as reuniões raimundas. Há enormes chances de, quando essa matéria for publicada, o grupo já estar confirmado no Rock In Rio, mas que fique para a crônica do festival: decidir se aceitavam ou não o convite rendeu muitos debates entre os quatro. Para Canisso, Rodolfo e o guitarrista Digão, sem problema. "Acho do caralho tocar com um monte de bandas", diz o baixista. Só Fred é quem ainda resiste. "Quero as mesmas condições dos gringos, não 40 minutos para tocar", alega. "Pô, estamos trabalhando uma música chamada 'Deixa Eu Falar', insistimos para que o disco fosse duplo e tivesse 20 músicas cada um..."

E daí? "É que, a partir da 14ª faixa, os royalties por música diminuem algo em torno de 0,66%. Menos dinheiro para a gravadora, menos para a banda. Mas brigamos por isso, para que o fã ouça nosso show inteiro. É uma posição que assumimos, então não dá para ir ao Rock In Rio e fazer um *pocket show*", teoriza. Canisso rebate: "Se não tocarmos, vai ser pior para nós. Já saiu por aí que não vamos ao festival porque pedimos mais grana que os gringos e outros boatos. O fã não quer saber disso, quer é ver os Raimundos detonarem. Não adianta a gente querer mudar o sistema, é assim que funciona".

O baterista se conforma. "Por isso é que as coisas são desse jeito, todo mundo pensa que não vale a pena tentar mudar", diagnostica. "Acho que podemos deixar muito bem claro qual é a nossa. A gente tocando é como 'vai ter de me engolir!'", prega Canisso, incorporando um Zagallo rápido. Não adianta. Um não vai convencer o outro a rever sua posição. A escolha da maioria – se apresentar no festival – será acatada por Fred, profissionalíssimo. "Se essa for a decisão, vou lá tocar com empenho", reconhece ele.

Esses são os Raimundos 2000. Uma banda que gasta tempo discutindo qual a melhor opção a ser tomada, ciente do tamanho (responsabilidade?) que tem. Mas, como quando ainda era apenas iniciante nesse troço de rock'n'roll, uma banda que se empolga ao escutar seu álbum ao vivo. "Olha essa guitarra, que porrada", aponta Canisso. "Sente só a energia da galera", pede Fred. Não importa a música, eles sempre têm uma observação, um comentário a fazer. Digão chega ao cúmulo de reproduzir uma guitarra imaginária, imitando a si mesmo. É muita paixão.

## SURFE, MUDANÇA E BICICLETA

"Ouço nossos discos em casa até hoje. Sempre me emociono, porque somos nós, a nossa história nas músicas", confessa o baixista. "Eu também, até enjoar. Dou um tempo e depois volto", revela o guitarrista. Fred não. "Nunca usei Raimundos como diversão. Mas, agora, vou relaxar um pouco", promete. Rodolfo é um caso à parte: simplesmente não escuta quase nada: "Nem aparelho de som eu tinha. Sorte que ganhei um no *Quiz MTV*. Nunca fui de ter muitos discos, o primeiro que comprei foi o *Lick It Up*, do Kiss. Agora é que estou começando, descolei vários Bob Marley..."

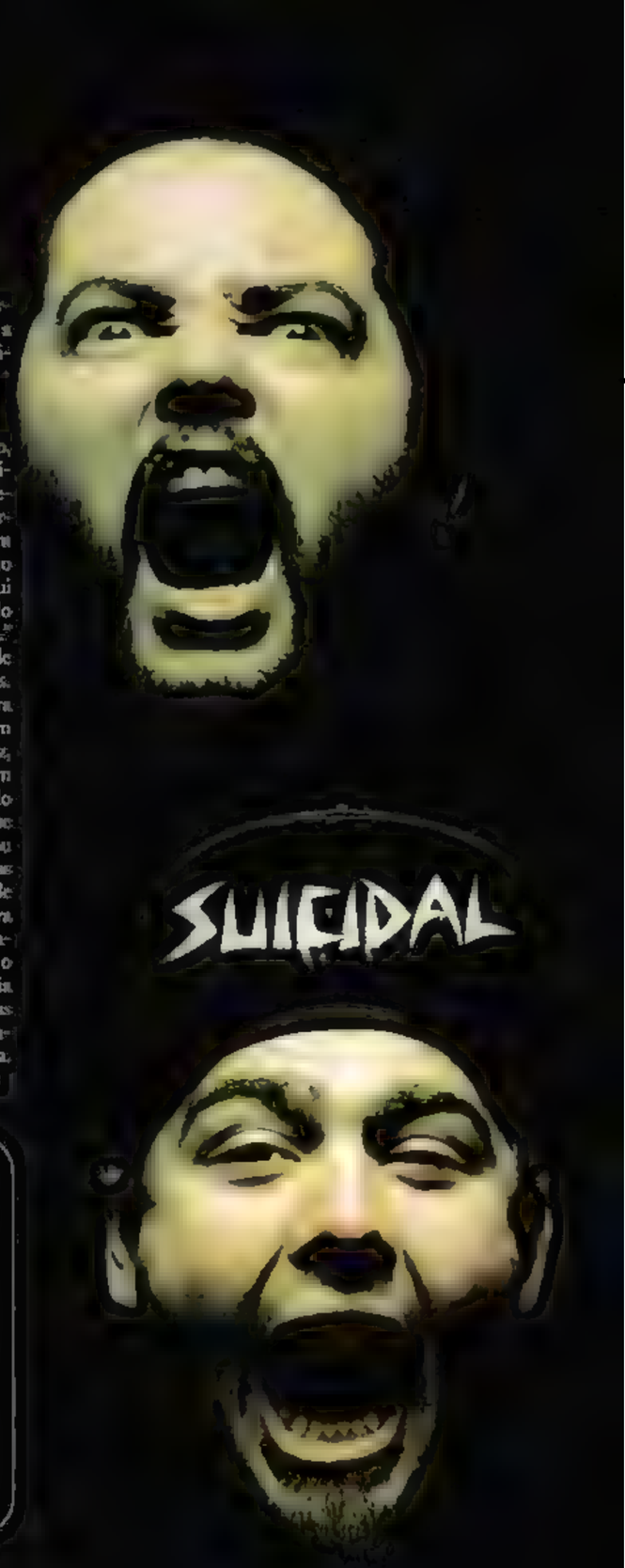
O tempo acaba. Os Raimundos ainda têm uma tarde inteira de entrevistas pela frente. Mais dois shows e tiram 15 dias de férias. Rodolfo, de 28 anos, surfa e pegou um cachorro de 45 dias para criar, um schnauzer chamado Jork. Também se arrisca de vez em quando em algumas baladas teens. "É massa, o pessoal fica na paz, não tem briga nenhuma", avalia. Canisso, de 34, está pensando em trocar Alphaville (bairro chique nos arredores de São Paulo) pelo Rio. Integrante mais velho do grupo, viu seus filhos crescerem se acostumando com a fama do pai. "Lori, de 7 anos, gosta que eu vá buscá-la no colégio. Ela fica amarradona, tirando onda com as colegas. Já Mike, de 9 anos, é mais tranqüilo com isso, pois desde criancinha sabe dos Raimundos." Fred, de 28, o único que mora no Rio, está envolvido com a mudança de apartamento, de Ipanema para o Leblon. E Digão, de 29, procura uma moto para o pai percorrer a fazenda da família. "Se não fosse músico, seria desenhista industrial", diz, mostrando o resultado de duas horas debruçado com o lápis em cima de uma folha em branco enquanto rolava a entrevista: uma bicicleta *low rider*. "Profissa", ressalta. Como tudo o que os Raimundos estão fazendo.

## PARA O FÃ BATER A CABEÇA

★★★★☆

**Raimundos**
**Ao Vivo**
*Warner*

Num país em que artistas estreiam ao vivo, gravam seu segundo disco ao vivo e/ou maquiam com horas de estúdio o que era para ser ao vivo, fica até constrangedor encher o saco dos Raimundos porque eles estão lançando seu *Ao Vivo*. Primeiro, show é o que o quarteto melhor sabe fazer. Segundo, seus cinco trabalhos anteriores fornecem hits suficientes para não deixar a poeira baixar um minuto. Terceiro, dá para acreditar que o álbum reproduz fielmente a banda em cima do palco. São 40 músicas, mais de duas horas em CD duplo (que também será vendido em volumes separados), registradas em duas noites, em São Paulo e Curitiba. O grupo faz o serviço direitinho, alternando sucessos com canções menos badaladas de seu repertório ou que foram incluídas especificamente nas apresentações que deram origem ao disco. "Eu Quero Ver O Oco", "A Mais Pedida" ou "I Saw You Saying" convivem com "Deixa Eu Falar", "Sereia Da Pedreira", "Oliver's Army" e "Baile Funky". Nesta última, Rodolfo simplesmente ignora duas estrofes, para voltar se desculpando: "Esqueci". Duas inéditas completam o bolo. "Reggae Do Manero", com letra gozadora e levada estilo Sublime, gravada na passagem de som, acompanhada de 15 membros do fã-clube oficial, e "20 E Poucos Anos", versão do grupo para o "clássico" de Fábio Jr. Na mais, falar o quê? Vamos combinar o seguinte: esse é um disco pensado e executado visando a satisfação do fã. Sendo assim, atinge seu objetivo com louvor.



SONY

# NOSSA MANOBRA FOI FAZER O CD NÃO PULAR.

**NOVO CD WALKMAN SONY com *G-PROTECTION***

**o melhor sistema antichoque dos últimos tem**

A função G-Protection oferece excelente proteção contra interrupções indesejadas, mas não evita totalmente a sua ocorrência.
Foto demonstrativa. O produto não inclui encarte para a mídia.

www.sony.com.br

# Teoria da conspiração

**Você vai encontrar músicas do novo trabalho do Offspring em toda a internet, menos no site da banda. O vocalista Dexter Holland lamenta o fato e explica por quê**

por Daniel Oliveira
de Huntington Beach, EUA

Dexter Holland não canta sobre guerras, cemitérios ou assassinatos, mas tem caveiras em tudo que é canto de seu estúdio. Seja no banheiro, nas paredes ou sobre as caixas de som, esqueletos com trajes mexicanos – ao estilo da arte do disco *Ixnay On The Hombre* (1997) – dão um clima funebre-humorístico ao local. "Gosto de caveiras, elas são legais. É tudo que tenho a responder", diz o vocalista do Offspring, sem revelar o motivo de tal decoração.

Seu estúdio fica ao lado de uma firma de computadores, numa rua comercial da pacata cidade de Huntington Beach, a 70 quilômetros de Los Angeles. Não há portões ou seguranças nos arredores. Qualquer um pode cruzar com o líder do Offspring ou vê-lo chegar e sair em seu imenso furgão preto. Afinal, um punk milionário tem o direito de dirigir um automóvel luxuoso e bem polido.

Nesta tarde de setembro, outro carro estacionado em frente ao local – de um dos membros da equipe da banda – chama a atenção com um pequeno adesivo no pára-lama traseiro: Napster. O diabinho do logotipo faz jus ao inferno que o site tem causado aos chefões das gravadoras multinacionais. Inventado pelo garotão americano Shawn Fanning, o Napster permite a troca gratuita de MP3s – músicas em arquivos digitais – entre seus usuários. Procure lá e você encontrará canções de Sepultura a Vanilla Ice, de Legião Urbana a Madonna, de Barão Vermelho a Debbie Gibson.

Apoiador descarado desse fluxo de canções na internet, o Offspring planejou uma tática ousada para divulgar seu sexto álbum, *Conspiracy Of One*: disponibilizar todas as músicas em seu site (www.offspring.com) um mês antes da data de lançamento, 14 de novembro. A gravadora Sony, porém, considerou a idéia suicídio comercial e ameaçou processar seu próprio grupo. O Offspring acabou desistindo da idéia e pôs on-line apenas o primeiro single do disco, "Original Prankster". "A situação é uma merda. Seremos o único site sem todas as músicas novas do Offspring", disse o empresário do grupo, Jim Guerinot, observando que o álbum inteiro certamente estará no Napster.

Fica difícil para a Sony trabalhar com um artista cuja ética vai contra o ideal das gravadoras? "De jeito nenhum", enfatiza o diretor de marketing da companhia na América Latina, Daniel Di Salvo. "A idéia do Offspring poderia ser uma boa experiência. Se uma banda grande colocasse seu disco completo na internet, as gravadoras poderiam ver até onde as vendas seriam afetadas."

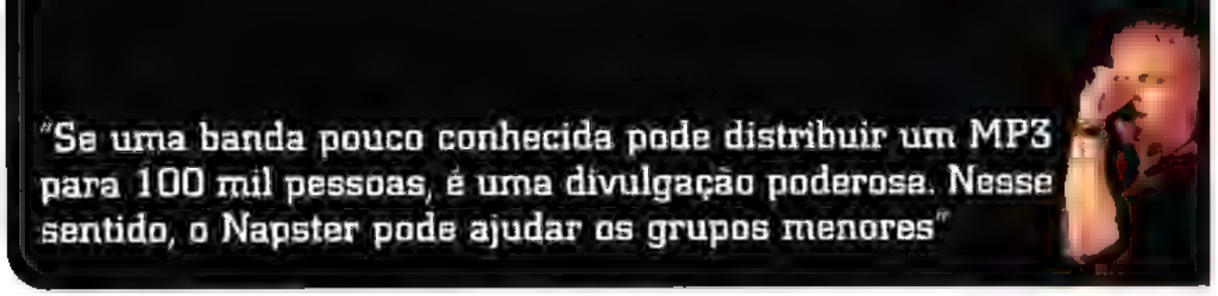
Dúvidas e polêmicas à parte, Dexter, o guitarrista Noodles, o baixista Greg K e o baterista Ron Welty estão animados para divulgar *Conspiracy Of One*. Cheios de grana no bolso – afinal, o disco anterior, *Americana* (1998), gerou o megahit "Pretty Fly (For A White Guy)" e vendeu mais de 10 milhões de cópias –, eles armaram um sorteio no qual darão 1 milhão de dólares para quem carregar "Original Prankster" do site do grupo.

Mas o grande clima positivo está no conteúdo de *Conspiracy Of One*: do dedilhado melódico de "Vultures", passando pelo efeito sonoro rítmico de "Living In Chaos" ao divertido coro tribal de "Special Delivery", o álbum expande o estilo punk do quarteto californiano. É o Offspring de sempre, porém renovado e mais elaborado.

Para falar do disco novo, da briga com a Sony e da distribuição de músicas pela internet, Dexter conversou com BIZZ na sala de gravação de seu estúdio. Pacato e bem-humorado, ele também lembrou da primeira turnê do Offspring no Brasil.

**Vocês apóiam o Napster por achar que a música deve ser gratuita?**

Se disséssemos que a música deve ser gratuita, estaríamos indo contra nosso desejo de vender CDs. Mas a realidade é que os discos estão na internet. Querendo ou não, nosso álbum estará lá. Em vez de brigar com o sistema, por que não usar a tecnologia para nos ajudar? Podemos coletar endereços de e-mail, conquistar novos fãs e oferecer-lhes promoções legais. Por um lado, penso que a música não deve ser gratuita. Mas, por outro, acho que o Napster beneficia os ouvintes.




**Mesmo que o Napster afete as vendas de CDs, dificilmente um grupo famoso como o Offspring. Mas você não acha que o site pode prejudicar as bandas menores?**
Talvez, mas algumas bandas menores estão numa posição diferente, tendo fãs mais underground. Esses fãs não as conheceram pela rádio ou pela MTV. Foi mais um esquema verbal de divulgação. Já em outros casos, esses fãs podem gostar de carregar músicas na internet. Assim, é difícil apontar as conseqüências. Mas se uma banda pouco conhecida pode distribuir um MP3 para 100 mil pessoas, é uma divulgação poderosa. O Napster pode ajudar os grupos pequenos.

**A Sony brigou com vocês por discordar da idéia de colocar *Conspiracy Of One* na internet um mês antes do lançamento. Quais foram os argumentos?**
Queríamos liberar nosso disco todo, pois estará na internet de uma forma ou de outra. Além de ser uma idéia legal, faria parte de nosso concurso de 1 milhão de dólares. Para concorrer, as pessoas precisam carregar uma de nossas músicas. A Sony, obviamente, nos disse: "Estamos num processo judicial contra o Napster. Mesmo que vocês estejam certos, mesmo que disponibilizar o disco ajude nas vendas, não podemos apoiar a idéia". Respondemos: "Mas isso é culpa de vocês, pois estão distribuindo CDs desprotegidamente. Vocês não estão protegendo nossos direitos autorais como prometeram". A guerra estava prestes a começar, com advogados nos dois lados. A Sony até nos mostrou uma cópia da ação judicial. Contra-atacaríamos com outro processo. Foi uma loucura. No fim das contas, ficamos desapontados por desistir da idéia e liberar apenas o primeiro single.

**Como dá para trabalhar com a Sony depois de uma situação tão negativa?**
Já ouviu falar daquela história de advogados que se atacam na corte, mas que tomam cerveja juntos fora dela? É meio o que está acontecendo conosco. A Sony esquecerá da briga, principalmente se o disco novo vender bem.

**Os brasileiros podem entrar no concurso de 1 milhão de dólares?**
Alguns detalhes legais ainda estão sendo resolvidos. Por causa das leis de cada país, não deverá ser possível enviar essa quantia para fora dos Estados Unidos. Aqui, você precisa ter, pelo menos, 12 anos para receber o dinheiro. Seria divertido ver um moleque de 13 anos ganhar. Não sei se o concurso incluirá o Brasil, mas os brasileiros certamente podem carregar "Original Prankster" de nosso site.

***Conspiracy Of One* apresenta elementos inéditos na música do Offspring. O que você acha de bandas que nunca mudam?**
Algumas bandas, como o AC/DC, os Ramones e o Pennywise, nunca mudam, mas sempre são ótimas. Seus discos soam parecidos, mas os curto bastante. Essa fórmula dá certo com esses grupos, mas não com o Offspring. Além disso, eu não ficaria satisfeito tocando sempre a mesma coisa. Nosso último disco nos deu orgulho e foi um grande sucesso. Ao atingir isso, você precisa andar para a frente. Foi o que tentamos fazer. Brendan (*O'Brien, produtor do disco*) nos ajudou a criar uma sonoridade bem rock. O álbum tem um clima meio ao vivo. Parece que o gravamos juntos, na mesma sala.

**No geral, o disco mantém a simplicidade do punk. Ao melhorar como músico, você sente-se preso por tocar um estilo que exige pouco?**
Entendo bem o que você quer dizer. Não me sinto limitado, pois curto o estilo que tocamos. Eu e Noodles melhoramos como guitarristas, mas não nos interessa treinar para tocarmos como Yngwie Malmsteen (*guitarrista sueco famoso pela técnica*). Acho que melhorei nas palhetadas de guitarra, o que já é uma recompensa. Me desenvolvo no que se encaixa na banda.

**Há dois anos, você disse a SHOWBIZZ que sua filha curtia os Backstreet Boys. Ela melhorou seu gosto desde então?**
Sim, ela gosta de No Doubt agora. Já é um avanço!

Noodles, Greg K, Dexter e Ron Welty: a batalha apenas começou

**Ela curte Offspring?**
Acho que sim. Mas se não curtisse, acho que não admitiria. Ela age como se fosse fã da gente (*risos*).

**Normalmente, uma banda cresce com seu público. Um show do Who, por exemplo, reúne gente principalmente entre 40 e 50 anos. Como é ter 34 anos tocando para pessoas de 15?**
É estranho. Algumas vezes, me sinto como um supervisor estudantil (*risos*). Estávamos na faixa dos 23 anos quando começamos nos clubes. As pessoas que nos viam tinham a mesma idade. Envelhecemos, mas nosso público ficou mais jovem. Fãs de punk são principalmente adolescentes. Se eu fosse um advogado e vestisse paletó, acho que me sentiria como um cara de 30 ou 40 anos. Mas como tenho uma banda, nem penso em idade.

**Com o sucesso do Offspring, você acha que virará um ídolo punk algum dia, como Jello Biafra ou Joey Ramone?**
Não me vejo como esse tipo de pessoa. Então, minha resposta é não. Lendo cartas de fãs, me sinto estranho quando dizem que me adoram. Essa bajulação está ligada à personalidade das pessoas. Pela minha personalidade, nunca me sentirei totalmente confortável com o sucesso.

**Alguns meses atrás, você depôs no processo que os ex-membros dos Dead Kennedys moveram contra Jello Biafra. Por que se envolveu na briga?**
Acima de tudo, Jello é meu amigo e eu quis ajudá-lo. Anos atrás, quando começamos, ele nos deu muita força. Sempre me lembro disso e o agradeço. Como confio nele, acreditei que não fez coisas erradas. Falei a seu favor, porque ele foi acusado de não ter divulgado bem os discos dos Dead Kennedys. Como tenho minha própria gravadora (*a independente Nitro Records, especializada em bandas punk*), dei minha opinião. Acho que ele trabalhou corretamente com os Dead Kennedys. Achei uma vergonha ele perder o julgamento. Foi como se os jurados não estivessem lhe dando ouvidos.

**Você é o integrante do Offspring que recebe maior atenção do público. Como os outros membros se sentem com isso?**
Estamos acostumados com essa situação, pois a banda já dura muito tempo. Não queremos nos apresentar assim, mas essa é a realidade. É mais fácil para a mídia se concentrar em uma pessoa. O mesmo ocorre com o Pearl Jam, o No Doubt e outras bandas – os vocalistas recebem maior atenção.

**Para terminar o papo, vamos falar do Brasil. Você teve algum choque cultural lá?**
Quando estávamos no Rio de Janeiro, o motorista de nosso carro não parava nos sinais. Ele disse que os motoristas tinham medo de ladrões. As pessoas têm medo de serem roubadas e não confiam na polícia para protegê-las.

**Além dos shows, o que vocês fizeram no Brasil na última turnê?**
Passeios turísticos, como o Cristo Redentor. Talvez não seja nada demais para vocês, mas, para nós, foi fantástico subir na montanha. As cidades são diferentes, o que é interessante. O Rio não é como São Paulo, e Curitiba me passa um clima meio rural. Nos sentimos tocando no campo, o que foi legal.

## O IMPÉRIO CONTRA-ATACA

Com todo esse falatório em torno do Napster, alguns leitores, principalmente os poucos ligados a computadores, devem questionar qual é a vantagem de se carregar músicas da internet. Com a invenção dos gravadores de CDs, os usuários do Napster podem "baixar" suas músicas favoritas e criar seus próprios discos. Dependendo da fama de banda, podem até encontrar discos inteiros gratuitamente. Além disso, softwares como o Label Maker e o Sound Forge permitem, respectivamente, a criação de encartes e a edição e equalização de canções.

Essa é uma das preocupações da Associação da Indústria Musical Americana (Recording Industry Association Of America ou RIAA): podendo adquirir músicas sem custo, as pessoas param de comprar CDs. Bandas como o Metallica e artistas como o Dr. Dre têm a mesma opinião. "Por que a música deve ser gratuita quando é preciso pagar para gravá-la e produzi-la?", questiona o primeiro em uma carta aberta em seu site. "Nenhuma outra profissão fornece serviços sem cobrar nada por isso."

Grupos como o Offspring, o Limp Bizkit e o Hole, por outro lado, vêem o Napster como uma grande ferramenta para divulgar talentos e aumentar a vendagem de discos. Na visão deles, os usuários podem carregar uma música e, conseqüentemente, desejar comprar o disco de determinado artista. Afinal, um CD caseiro jamais supera o produto real, e nem sempre pode-se encontrar na internet todas as canções de um lançamento.

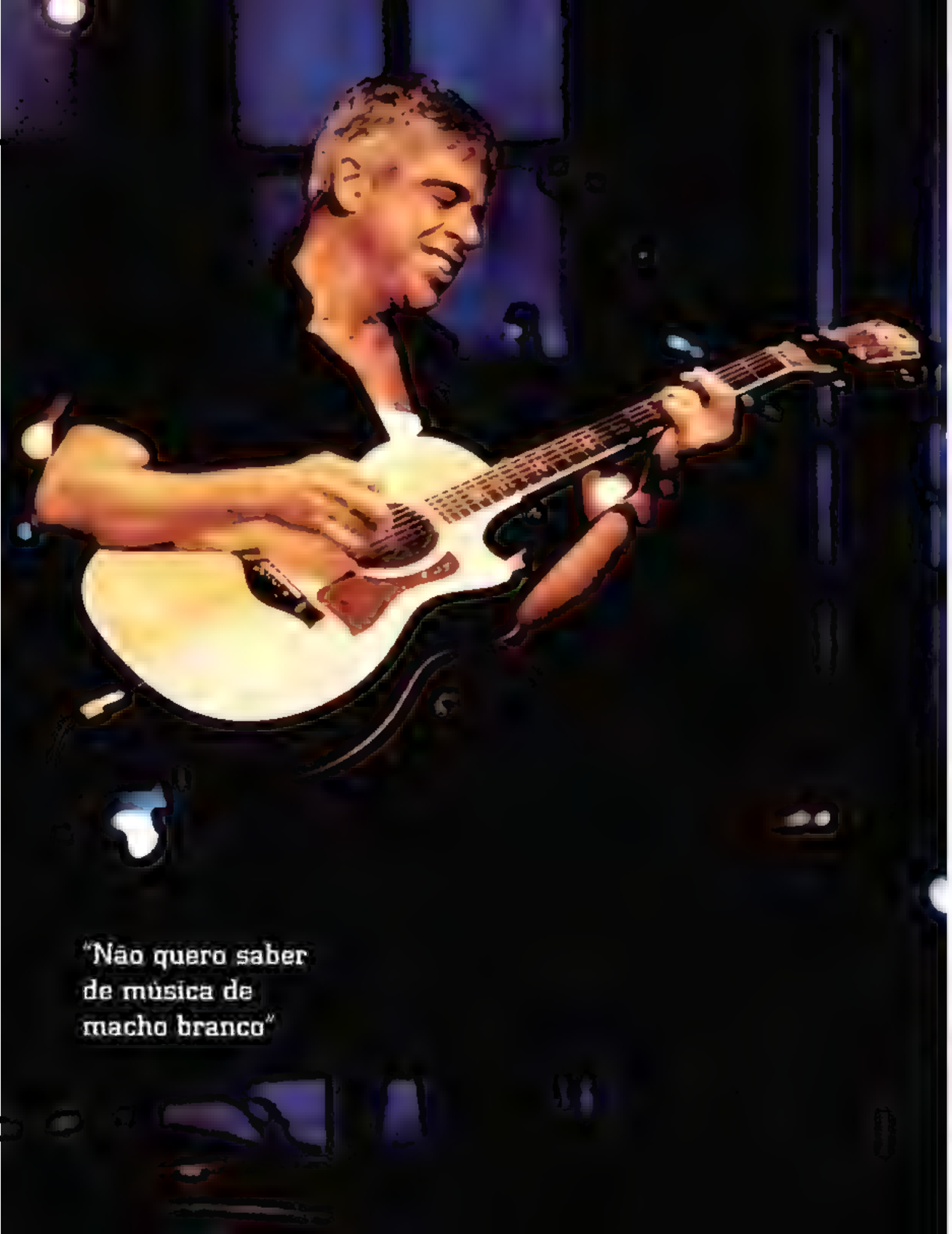
O novo álbum de Madonna, *Music*, é um exemplo positivo para o Napster. Algumas músicas vazaram no site (como ninguém sabe) semanas antes do lançamento, mas o disco vendeu 419.600 cópias em sua primeira semana e despontou no topo das paradas americanas. Uma situação parecida ocorreu com o último álbum do rapper Eminem, *The Marshall Mathers LP*, outro recordista de vendas.

Na visão de Daniel Di Salvo, da Sony Music, o Napster ainda não atingiu muito a América Latina. Ele diz que, até agora, as vendas de CDs não caíram no território. No Brasil, por exemplo, ele observa que o Offspring vendeu 270 mil cópias de *Americana* – um número fantástico para uma banda internacional. "A quantidade de computadores, proporcionalmente, é muito menor na América Latina. Somos os menos afetados do mundo inteiro", diz o executivo.

Ainda que a internet seja um fenômeno internacional, a RIAA – que representa os principais selos americanos – é a figura principal no processo contra o Napster, pois o escritório do site está nos Estados Unidos. A organização está tendo dificuldades para ganhar o caso por causa do Audio Home Recording Act, de 1992. Essa lei americana permite aos consumidores copiarem músicas e gravações em geral, contanto que não as usem para fins comerciais. Como o Napster apenas [illegible] sem arquivar ou vender nenhuma canção, teoricamente não está infringindo os direitos autorais dos artistas.

O caso poderá alcançar a Corte Suprema americana nos próximos meses. Enquanto isso, o site continua aberto, multiplicando seus usuários como um vírus. "O Napster não é nada mais que um bazar de pirataria", critica a inconformada presidente da RIAA, Hilary Rosen.

FAÇA SUA PRÓPRIA RÁ DIO. ACESSE USINA DO SOM.




# Mais para zen que para surfista

**Ciente de sua contribuição para o pop nacional, Lulu Santos reduz sua exposição para se dedicar ao que realmente importa para ele: ter uma existência bacana neste planeta**

por Ricardo Alexandre

Há um movimento mais ou menos organizado chamado Volta, Roberto serpenteando pela internet, por revistas populares e programas de TV, com o nobre objetivo de convencer o Rei a retomar ao ritmo normal de trabalho – ou seja, shows quase diários, *Domingão do Faustão*, entrevistas patéticas, discos anuais que em nada espelham sua genialidade. E "normal" para o grande público, para a grande mídia e para o próprio Roberto Carlos que um artista de 59 anos de idade, 43 de carreira, 41 discos gravados e incontáveis sucessos nacionais continue a se provar diariamente, como se ainda não bastasse a sua contribuição astronômica para o imaginário pop brasileiro e para a música nacional. Parece ser absolutamente natural e corriqueiro que se mate um leão por dia, às vezes dois, às vezes mais, ao longo de quatro décadas seguidas, sem se importar com sua evolução como ser humano, com sua vida particular, sua família e outras bobagens do gênero.

Pois saiba que isso não soa nada normal para Lulu Santos. Ano que vem, o cantor completa duas décadas de carreira discográfica, comemoradas com uma inacreditável recapitulação de sua obra para a série de programas *Acústico*, da MTV, resultando no disco duplo que, duas semanas após seu lançamento, já encostava nas 400 mil cópias vendidas (até o fechamento desta edição). Ninguém, depois de Roberto Carlos (talvez nem antes), conseguiu arregimentar tantos sucessos de público, desses que são cantados igualmente pelo gerente do banco, pelo chefe, pela tia da faxina, pelo Chiquinho Scarpa e pelo moleque empacotador do supermercado.

E, nem por isso – talvez por causa disso –, Lulu pretende "sacrificar a vida pessoal na pira da promoção". Sabe que já contribuiu várias vezes com seu quinhão para o pop nacional e que sua influência está espalhada, indelével, na carreira de todo mundo que queira cantar para o povo, para pessoas reais, seja Claudinho & Buchecha, Skank, Wilson Simoninha ou Marisa Monte. Agora, afirma, depois de tanto trabalhar para a alegria da rapaziada, quer mais é uma rede em Rio das Ostras. BIZZ entrevistou o mestre dos disfarces e o flagrou de cara lavada. É muito bem, se quiser saber

**A impressão que seu *Acústico* me passou foi a de criar uma espécie de "esta é a minha vida, é assim que eu faço música" para poder se desobrigar de encabeçar o pop nacional ou representar a humanidade. Meio como Dorival Caymmi, que se aposentou nos anos 60, mas continuou tocando seu violãozinho e gravando de vez em quando. Procede?**

Na verdade, essa é uma licença que você está me dando. Olha, nada do que você me diz é estranho ao meu projeto de vida. Eu quero uma existência bacana – e quem não quer ser Dorival Caymmi, sentado numa rede em Rio das Ostras? Cada um tem seu próprio Caymmi. Ah, se eu pudesse voltar a Portugal, ir ao Porto, visitar os castelos que não vi. Quero uma existência assim, usufruir o melhor que a vida propõe, porque eu posso fazer uma boa escolha, não uma opção predatória, mas uma decisão que valorize a existência nesse planeta.

**Você parece estar se expondo cada vez menos, tanto na divulgação quanto no próprio processo de manufatura do seu trabalho. Quer dizer, há artistas que se revelam totalmente para o público, ficam**

**"Tenho prazer em ver que meu projeto de vida deu certo. Tudo foi conseguido com esforço e hoje meu esforço é no sentido de que tudo me custe um esforço cada vez menor"**

**ricos, perdem totalmente o contato com o mundo real, com a vida e, aí, babau**
Mas é porque existe uma aposta do próprio artista nesse tipo de existencia. Hoje mesmo, eu dei duas voltas e meia na Lagoa (*Rodrigo de Freitas, no Rio*) de bicicleta, acenando para todo mundo, igual a Juscelino Kubitschek. Não me omito da vida, não. Até porque não sou tão solicitado nesse nível, não faço tanta televisão. OK, sou um artista popular, mas não faço esse exercício da existencia plastica que a revista *Caras* exige, de quem não se incomoda de ter a vida pessoal completamente desvendada. Não sacrifico minha privacidade na pura da promoção pessoal. Sou artista enquanto fazedor de arte, o sucesso é uma decorrência disso e eu não fico vivenciando a "pessoa famosa". Como essa moça, Toni Braxton (*que estava hospedada no mesmo hotel que Lulu*). Nobody can give a fuck about her (*ninguem esta nem ai para ela*) e ela tem sete seguranças em volta. Quando você vê guarda-costas, já sabe que tem alguma coisa errada. Eu tenho segurança, o Tonhão, meu homão de 2 metros de altura, mas é um sujeito com aparencia civil, que não faz a performance de segurança. É isso o que chamo de "vida de plástico", uma vida encenada, arquitetada de acordo com o que ela imagina como uma fachada artística. Isso é apenas ignorância.

**Isso me lembra um pouco o Paul McCartney, que lança um álbum a cada cinco anos, não fica aparecendo a toda hora pedindo atenção, faz turnês maravilhosas e grava discos de covers de seus heróis dos anos 50. Um cara que não está nem aí, tipo "dane-se, não preciso provar mais nada a ninguem"**
Voce viu *Run Devil Run* (*lançamento mais recente de McCartney*)? É mais ou menos isso aí. Eu estava assistindo ao show outro dia, com aquele senhor vestido de preto, todo alegre, com uma estranha jovialidade, cantando aquelas músicas e pensei: sou um pouco Paul McCartney mesmo – para o nosso uso aqui. "Silly Love Songs", sabe como é que é? "Apenas Mais Uma De Amor"... E tem a musica também – a minha musica e dos Beatles, tem uma riqueza... Estou admirando isso agora, há quatro anos eu os chamava de Beat-less (*sem ritmo*). A verdade é que hoje tenho uma percepção totalmente diferente de musica, tenho a maior dificuldade de ouvir musica pop. Acho metalico, desagradavel, irrelevante. O fato e que o pop internacional vive um momento totalmente inflacionado. Christina Agullera, Britney Spears, Celine Dion... Hoje tem muita musica, mais do que a gente precisa. Em 1969, todo o centro das boas intenções filosóficas, políticas, sexuais, alimentares, esteticas, poéticas, musicais que havia em Woodstock era o Alvin Lee (*do 10 Years After*), o Santana, o Hendrix tocando o hino nacional americano. Agora, há Woodstock 99 com o Red Hot Chili Peppers tocando a mesma musica, uma parodia. Estou lendo um livro de um autor francês, um senhor de 90 e poucos anos, Jacques Barzun, *From Dawn To Decadence*, e ele defende a tese de que estamos vivendo a decadência absoluta, um mundo completamente tecnológico, que valoriza o primitivismo, o brutalmente simples. Enfim, o pensamento humano está completamente deteriorado. Como a musica pop. "Pop is dead, let it rest" (*"o pop morreu, deixe-o descansar"*) Esta chato, está recorrente, precisa de um descanso. Adoro ouvir Duke Ellington com Louis Armstrong e num volume suficiente apenas para tapar o barulho dos carros na rua para que eu possa ler. O techno deu uma torcida nessa linha evolutiva da música porque a colocou em uma função bem utilitarista, já que não estará mais nela o centro da expansão do pensamento humano.

Lulu, na *Acústico MTV*, tocando mais algumas de amor

## MEU MANO CAETANO

Sem querer soar um teórico da conspiração, não da para deixar de imaginar a ponta de provocação de Lulu Santos ao fazer questão de elogiar Caetano Veloso publicamente, dizendo que o tropicalista foi "mutissimamente muito" importante para sua carreira. Justamente agora, quando o elogiadíssimo Max de Castro afirma que o penteu de Santo Amaro lhe soa como "uma coisa velha", quando o artista é alvo de troças de Lobão e quando o que Marcelo D2 faz com sua imagem é pior do que "Sozinho" ainda não havia feito. Ou seja, aparentemente, o provocador Lulu Santos ainda dá seus sobressaltos, mesmo que seja só para exemplificar seu exemplo de envelhecimento honroso.

**Não se chega a um ponto em que se torna chato ter 20 anos de carreira e já ter alcançado todos os objetivos iniciais? O que te dá prazer a essa altura do campeonato?**
Ver que meu projeto de vida deu certo. Quantas pessoas podem dizer isso? E não estou me gabando, mas é que sempre tive faróis, espelhos na minha vida. Está meio "hei de vencer" essa história, não? (*Risos*) Mas o fato é que eu estou sendo despojadamente franco com você. Tudo foi conseguido com esforço e hoje meu esforço é no sentido de que tudo me custe um esforço cada vez menor. E que a fruição do negócio seja cada vez mais fruída (*sorri*)



# Carreirômetro

**Tanto no sentido de composição quanto no planejamento da carreira?**
Em tudo, no sentido da vida. Que tudo isso seja emanado de um ser humano mais afinado consigo proprio, com mais centro energético, postural, físico. Os exemplos que tenho disso são muito bons. Ontem, tive a grata satisfação de, pela primeira vez, gravar uma voz com o Caetano para o próximo disco dele. Eu, ele e Zelia Duncan, rolou superbem. E ele sempre foi um espelho para mim. Ele está para mim assim como Duque de Caxias está para o Exército (*risos*). Caetano e Gil são muito importantes para mim. Mutissimamente muito. Tem uma frase linda no disco do Everything But The Girl (Temperamental, *na faixa "The Future Of The Future"*) em que eles dizem: "The future of the future will still contain the past" (*"o futuro do futuro vai continuar contendo o passado"*). Esse desajamento temporal, como se o momento fosse um pequeno departamento estanque, descarrilado do resto, é uma das piores mazelas da sociedade imediatista.

**Não consigo ver em você essa postura impositiva de Caetano nem essa necessidade de estar apoiando o que é de gosto duvidoso para se dizer "popular". Houve até aquele episódio de você se recusar a comparecer ao Raul Gil e ele ficar te esculhambando**
Teve um custo altíssimo, sabia? Ele passou meses falando mal disso, o que acho até um pouco justo, porque ele tem razão em sua colocação, pode parecer algo ingrato da minha parte. Por outro lado, eu poderia dizer que o programa dele é mal produzido, que é feio de se ver, que me arrisco a ter o Fernando Collor ou a Rosane (*Collor*) do meu lado como convidados, que é um playback safado... Mas eu queria era saber o que isso tem a ver com o Caetano, porque não conheço pessoa mais desobrigada que ele.

**Eu é que queria saber como um cara que se julga o porta-voz da novidade há trinta anos pode servir de espelho para alguém que quer deixar a vida fruir melhor, mas naturalmente**
Mas a mídia é que escolhe esse papel para ele. Caetano não tem culpa se sua opinião é considerada "peculiar". Você não ouve essa gente na minha música, mas sua existência foi muito importante, justamente porque o melhor artista é aquele que melhor aprendeu a viver, a ser mais baiano e íntegro – e acho Gil e Caetano absolutamente íntegros. Esse tipo de cobrança é o mesmo que passar na rua ao lado de um velho e resmungar: "Que ruga é essa?" É um processo natural. Trinta anos de exposição é muito tempo.

## MÚSICA SERVE PRA ISSO

Não é lá muito certo tratar de novidades na música com alguém que procura se manter cada vez mais a margem dos acontecimentos. Mas o fato é que Lulu Santos é um obcecado por novidades desde que a novidade ainda era o twist. Depois de desnortear o público com mudanças que iam do bolero com slide guitar ("fui vingado pelo *Buena Vista Social Club*", comemora) a rock festeiro, MPB, salsa, techno, grunge, funk, ele acredita na música apenas como objeto de adorno, como elemento prático.

Pela internet, comprou *Voodoo*, do soulman D'Angelo e achou "profundo" ("lembrei que gosto muito de R&B, música de preto, beats"); entusiasmado, chegou a *Beaucoup Fish*, do Underworld ("muito chato, muito tonto") e *Surrender*, dos Chemical Brothers ("é sempre legal"), mas afirma achar uma utilidade para tudo: "Uso techno na esteira, é muito bom. Jazz não adianta, não conduz."

De música pop, apenas o já citado *Temperamental* ("decorei as músicas, tirei no violão e canto em casa"), porem deixa escapar que está ligado na movimentação pop soul de artistas como Max de Castro e Wilson Simoninha. "Se alguém pode fazer alguma coisa, são eles." Quanto ao rock mais ortodoxo, diz que simpatizou com o Kom ("me deu medo, mexeu com alguma coisa"), mas não disfarça a decepção. "Não quero saber de música de macho branco. Consigo ouvir Asian Dub Foundation, mas aí já é música de macho amarelo."

## "Eu sou pop! Não faço rock, ninguém faz rock. O Nirvana era um grupo pop. Rock music é Iron Maiden e essas coisas caricaturais, que resistem, encontram lá seu público..."

**No seu trabalho você também espera essa função utilitária da música, trazer a canção para o dia-a-dia do ouvinte mesmo?**
É. E se alguma coisa saltar à atenção da pessoa é porque eu a mereci. Não tenho a ilusão de inventar alguma solução estética para raptar a atenção do brasileiro que está ai pensando na briga do Itamar com o Fernando Henrique.

**Muita gente não tem essa percepção de que é perfeitamente normal um sujeito preferir Underworld para dançar e gostar da Banda Eva porque deu o primeiro beijo na namorada ouvindo axé.**
Mas é exatamente isso. Quando começa a ocorrer esse desvio perverso é porque a coisa já está corrompida. E existe o fato de que este país tem um mercado fonográfico com características muito próprias. Uso esta analogia: o Brasil derrotou a sopa Campbell, que custa 99 cents. Apodreceu nas prateleiras. Porque o Brasil não teve depressão em 1929. Sopa nego faz em casa, não compra em lata. O público consumidor brasileiro, em sua grande maioria, não consome um produto por razões estéticas, mas sim por razões emocionais, muitas vezes por identificação social e, definitivamente, por gosto. E gosto é uma função orgânica.

**Saber disso é obrigação do artista pop?**
É.

**Como você faz para ter esse controle?**
Naturalmente. Tenho toda a instrução genética para secretar isso. É o meu galho, macaco (*risos*).

**E sobre a geração dos anos 80, a sua, você acha que ela foi um erro de percurso na história da música brasileira?**
No fucking way (*de jeito nenhum*). "Made In Brazil" fala exatamente o contrário. Estou deste lado do alambrado.

**Mas um pouco dessa idéia de "rock nacional" propagada por ela é a responsável por esse monstro que é o fã de rock no Brasil, uma figura machista, espinhuda, de bermuda na canela, que só ouve Charlie Brown Jr e outras bandas "de macho". Como você se comunica com eles?**
Rock macho? Tô fora, ainda bem que eles têm a representação deles. Não vou falar com esses caras nunca. O mais engraçado é que outro dia encontrei o Chorão (*vocalista do Charlie Brown Jr*) no programa da Xuxa e ele veio me falar que lembrava de mim tocando com a calça desfiada, lembrava de "Tesouros Da Juventude", "Areias Escaldantes", e todos da banda vieram me abraçar.

**Mas você se considera, de alguma maneira, um artista de rock? Ou de MPB, que nem o Lobão?**
Não! Eu sou pop! Eu não faço rock, ninguém faz rock. O Nirvana era um grupo pop. Do alto do Everest você não quer saber se o cara está de flanela ou está de cetim. É "aquele bandinho ali" e acabou. Essa separação "pop" e "rock" é uma coisa muito praticada no Brasil. Em outros lugares, não há propriamente um "rock". Na Inglaterra, você não fala em "rock music", senão vão cuspir em você. Rock music é Iron Maiden e essas coisas caricaturais – que resistem, encontram lá seu público.

**E qual é o seu público?**
Meu público é todo o público. Inclusive o cara do rock macho. No dia em que ele arrumar uma namorada, ele vai ao meu show, tranquilamente (*risos*).

Patrocínio

**USINA DO SOM**
www.usinadosom.com.br

www.SuperSurf.com.br
Quando você entra, não quer mais sair.

Pickup oficial do SuperSurf

PICK-UP Ford FORÇA FORTE

Apoio Fiat

Realização Abril

Os roteiros das melhores praias para o surf, mapas, dicas de onde ficar e onde comer.

Clique aqui

CLINICA | BEACH GIRLS | ÚLTIMAS NOTICIAS | PRE ISÃO | SUPERSURF NA TV | CAMPEONATO | PICOS

# Milionária farofa

**Turnê bem-sucedida do Mötley Crüe traz o hard rock dos anos 80 novamente à tona. O lance é tirar o pó da calça de pele de cobra, resgatar o colete de oncinha e gritar: "girls, girls, girls!!!"**

por Bernardo Araujo

Gigantes do thrash, Megadeth e Anthrax começaram em junho, nos Estados Unidos, uma turnê em conjunto que arrasta de 12 a 15 mil pessoas por noite. Faz sentido: são duas bandas veteranas do estilo, e os discos mais recentes do Megadeth tiveram boa execução nas rádios de rock e... Nada disso. As duas não passavam de atração de abertura da turnê New Tattoo, do Motley Crüe.

Mas rock farofa se mistura com thrash metal? Ao contrário do que acontece no Brasil, grupos de hard rock como o Crue e o Skid Row (que chegou a excursionar com o Pantera e o Slayer) não são tidos como clones do Yahoo nos Estados Unidos. "São públicos diferentes, mas os nossos fãs estão respeitando e adorando o Megadeth e vice-versa", diz um gripado Nikki Sixx, baixista do Mötley Crue, por telefone, de Indianápolis, nas semanas finais da turnê e já sem o Anthrax. "O show estava ótimo com eles, mas os nossos fãs queriam que tocássemos por mais tempo. Ainda por cima, os caras pediram mais dinheiro, então tivemos de dispensá-los", conta Nikki, profissional como sempre, informando que o grupo liderado por Dave Mustaine também ganhou alguns minutos de lambuja.

Chegando ao 20º ano de carreira (foi fundado em 1981) e contabilizando mais de 40 milhões de discos vendidos, nem parece que o Mötley Crüe andou sumido das rádios e MTVs do planeta. "O novo disco ainda não decolou, mas temos uma música entre as dez mais tocadas, 'Hell On High Heels', e estamos fazendo show para esse povo toda noite", explica Nikki. "Vamos dar uma parada em setembro, mas estaremos em turnê pelo mundo todo por mais um ano."

Quais as chances do Brasil? "É um velho sonho nosso tocar aí", diz, político. "Nunca conseguimos viabilizar uma turnê pela América do Sul, mas desta vez faremos o possível."

No caso de Nikki, a primeira pessoa do plural é literal. O Motley Crue é uma banda auto-empresariada. Todo o catálogo do quarteto pertence à gravadora Motley Records, deles mesmos. O grupo ganhou os direitos de sua antiga companhia, a Elektra (filiada à Warner), depois de muita discussão em torno da promoção de *Generation Swine*, o disco anterior, de 1997. "Era um álbum mais experimental, não tinha tanto a cara da gente, mas a gravadora não deu a mínima", lembra Nikki. "Então resolvemos gerenciar nossa carreira por conta própria. Nosso lucro com as vendas de discos aumentou cerca de 400%."

A turnê também foi planejada pela banda e, segundo Nikki, é a prova de prejuízos: "Se tudo der errado, *New Tattoo* vender pouco e ninguém for aos shows, sairemos desta com uns 4 milhões de dólares cada um. Se tudo continuar indo bem..." (Os shows com o Megadeth tem o patrocínio da JVC, gigante dos aparelhos eletrônicos.)

### BATERA DO HOLE NA PARADA

O Motley Crue atual tem três quartos de sua formação original e clássica. Sixx no baixo, Vince Neil na voz e Mick Mars na guitarra. Claro que nem sempre foi assim. Famosa pelas inúmeras prisões de seus integrantes (além de drogas e badernas, Neil, bêbado ao volante, sofreu um

## PESADOS E NO TOM CERTO

★★★★☆

**Mötley Crüe**
**New Tattoo**
*Virgin*

Quem gostava de discos antigos do Mötley Crüe como *Dr. Feelgood* e *Girls, Girls, Girls* tem tudo para se divertir a valer com o novo trabalho do grupo. Riffs espertos de Mick Mars – um guitarrista regular da escola setentista sem nenhum pendor para o exibicionismo –, a voz de Vince Neil no tom certo (talvez por obra da tecnologia) e as letras de Nikki Sixx formam juntos o tipo de som que o Mötley Crüe faz como ninguém: hard rock com peso, direto, com a bateria reta de Randy Castillo na cara dos alto-falantes. Refrãos melódicos como os de "Hell On High Heels" e "Fake", além das baladas "New Tattoo" e "Hollywood Ending", trazem de volta um tempo em que ouvir rock não era coisa de mané. A cover (um velho hábito da banda, que fez sucesso com "Helter Skelter", dos Beatles, e "Smokin' In The Boys Room", do Brownsville Station) de "White Punks On Dope", dos Tubes, resume bem o disco e o grupo.

O baixo Vince Neil e o falastrão Nikki Sixx na alvorada, comemorando a nova e boa fase do Mötley Crüe

acidente no qual morreu o baterista Razzle, do Hanoi Rocks), a banda perdeu seu vocalista no início dos anos 90. Tanto ele quanto o quarteto lançaram discos um sem o outro. Neil gravou dois álbuns e a banda cometeu *Mötley Crüe*, uma carona descarada no grunge de Seattle, com o cantor John Corabi. Sem repercussão, reconciliaram-se em 1996. Após a saída do "astro pornô" Tommy Lee (que formou um grupo de rap, o Methods Of Mayhem), em 1999, foi recrutado para a bateria Randy Castillo, que por anos acompanhou Ozzy Osbourne.

"Tenho saudades de Tommy, pois nos crescemos juntos, mas ele tem de fazer o que seu coração manda", conta Nikki. "Foi ótimo ter Randy na banda, ele nos trouxe um novo gás e é uma pessoa sem qualquer espécie de drama."

Infelizmente, o gás teve de ser renovado mais uma vez às vésperas da turnê, quando Castillo sofreu uma cirurgia de emergência no estômago. Para seu lugar foi convocada Samantha Mahoney, do Hole. "Eu já tinha contato com ela e, como o Hole estava parado, procurando alguém para o baixo, achei que seria a escolha ideal", diz o dono da bola. "Ela tem uns 23 anos e sabia as músicas melhor do que a gente." A participação da moça, no entanto, já acabou. Recuperado, Randy se reunirá aos amigos na próxima etapa da turnê, em novembro, no Japão e na Austrália.

Tommy Lee (à esq.) em seus últimos momentos ao lado de Sixx, Mars e Neil

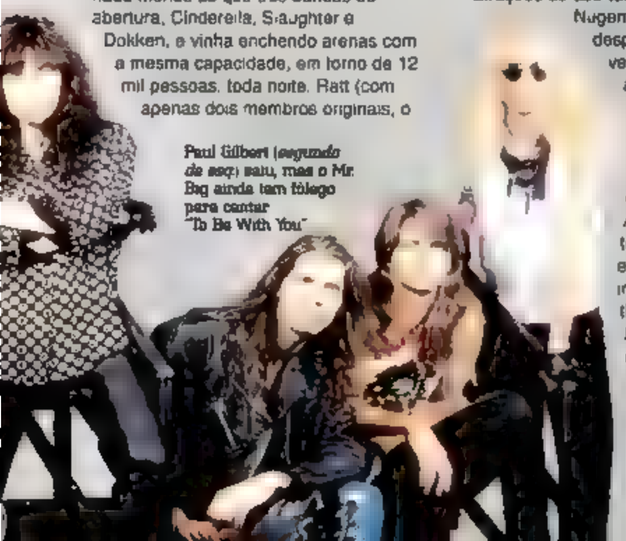
### POR UM ROCK MELHOR

Embora elogie artistas próximos da geração, como o Def Leppard e o Iron Maiden, Nikki não garante que o mercado esteja se abrindo novamente para o rock dos anos 80. "Não sei se a década é importante, sei que bandas de rock rasteiro como nós sempre têm seu público, sem levar em conta o que está na moda", afirma. "Para nós, o que mais importa é ter uma cara conhecida. Se o AC/DC entra em um estúdio para tocar, vai sair aquele som típico. É isso que esperamos do Mötley Crüe. Mas é claro que o som pesado tem muita demanda por aqui, como comprovam a Ozzfest e a excursão atual do AC/DC."

O terceiro Rock In Rio está nos planos do grupo. "Vamos tentar um contato", promete ele, antes de saber que Red Hot Chili Peppers, Foo Fighters, Silverchair e R.E.M. (Iron Maiden, Queens Of The Stone Age, Rob Halford e Deftones ainda não haviam fechado) estavam escalados. "Ah, é? Então ainda não tem nenhuma banda de rock acertada."

## O PONTO DA FRITURA

A tal volta do hard rock dos anos 80 ao topo das paradas não aconteceu – pelo menos por enquanto –, mas os grupos e suas bandanas estão longe de desaparecer. Além da Mötley Crüe/Megadeth, outra turnê quente no verão americano foi a do Poison (com sua formação original), que carregou consigo nada menos do que três bandas de abertura, Cinderella, Slaughter e Dokken, e vinha enchendo arenas com a mesma capacidade, em torno de 12 mil pessoas, toda noite. Ratt (com apenas dois membros originais, o guitarrista Warren DeMartini e o baterista Bobby Blotzer) e Warrant, com abertura do Bar7, que tem músicos do Tesla, também estão juntos na estrada, mas em um show de magnitude bem menor. O Skid Row, sem o cantor Sebastian Bach (com o desconhecido John Solinger em seu lugar), é uma das atrações de abertura (ao lado de Ted Nugent) da turnê de despedida do Kiss, que vem lotando estádios americanos há meses. O próprio Sebastian, depois de fracassar em um disco-solo (*Bring 'em Bach Alive*), está dando um tempo na Broadway em Nova York, onde interpreta o papel-título do musical *O Médico E O Monstro*, com muito sucesso, aliás. O Skid Row promete (ou ameaça, dependendo do ponto de vista) entrar em estúdio assim que deixar a estrada, entre outubro e novembro. O Def Leppard, que lançou o bom disco *Euphoria* no ano passado, também anda pelos Estados Unidos. Das bandas mais conhecidas da praia farofeira dos anos 80 e início dos 90, Extreme e White Lion são das poucas que encerraram suas atividades. Dos primeiros, o guitarrista Nuno Bettencourt e o baixista Patrick Badger tocam em outros grupos, o cantor Gary Cherone está no teatro desde que saiu do Van Halen e o baterista Mike Mangini acompanha o guitar-hero Steve Vai. Além das que estão em temporada, o Mr. Big (com o guitarrista Ritchie Kotzen no lugar de Paul Gilbert) também planeja disco novo até o fim do ano ou no princípio de 2001. O Bon Jovi, que surgiu com os outros mas conseguiu estabelecer uma carreira menos ligada ao movimento, segue firme e forte na divulgação do ótimo *Crush*. A banda teve a honra de ser a última a tocar no estádio de Wembley, em Londres, antes de sua demolição (um estádio de última geração será construído em seu lugar). Tiveram de marcar um show extra para atender à demanda dos ingleses. Ah, sim: os irmãos Neilson viraram country.



Paul Gilbert (*segundo de esq.*) saiu, mas o Mr. Big ainda tem fôlego para cantar "To Be With You"

# A banda que virou o Pearl Jam

**Brigas, críticas e comparações com Vedder e cia não impedem o avanço glorioso do Creed e seu grunge pesado**

Por Daniel Oliveira de Los Angeles, EUA

> "Can you take me higher?
> To the place where blind men see
> Can you take me higher?
> To the place with golden streets"

Destacado por um canto melodi co e uma guitarra altamente distorcida, esse refrão atingiu fama incalculável no rock contemporâneo. Como "Bye Bye Bye", do *NSync, ou "The Real Slim Shady", de Eminem, a canção saturou as radios americanas e gerou milhões de discos vendidos. Mas, em vez de vir de um rapper desbocado ou de uma versão reciclada do New Kids On The Block, a musica, "Higher", foi composta por uma banda de rock, o Creed.

O grupo repetiu a proeza de nomes como Metallica, Offspring e Stone Temple Pilots colocar a música pesada no topo das paradas. Só nos Estados Unidos, o segundo disco do grupo, *Human Clay*, do ano passado, vendeu 6 milhões de cópias, desbancando lançamentos de medalhões como Sting, Toni Braxton e Enrique Iglesias. "Essa onda pop esteve quente por tempo demais", diz o guitarrista Mark Tremonti. "As pessoas estavam sentindo falta de rock'n'roll. Preenchemos essa lacuna e estamos vendo o mercado mudar."

Com seu primeiro disco, *My Own Prison* (1997), o Creed emplacou quatro hits – a faixa-título, "One", "Torn" e "What's This Life For" – e foi votado como melhor grupo de rock na premiação da revista *Billboard*. Com *Human Clay*, engatou mais três sucessos – "Higher", "What If" (também incluído na trilha do filme *Pânico 3*) e "With Arms Wide Open" – e passou a lotar estádios americanos. "Sabíamos que tínhamos talento para arrumar uma gravadora e entrar nas rádios, mas jamais esperávamos atingir tantos fãs", observa o vocalista Scott Stapp.

## CÓPIA DESLAVADA

Se, por um lado, o grupo conquistou respeito do público, por outro tornou-se alvo da acidez da imprensa. Na visão de muitos críticos, a banda é cópia pura de Pearl Jam (hoje, o Creed vende mais discos do que eles, produz vários clipes que obtêm alta rotação na TV e não é motivo de dor de cabeça para a Sony), Alice In Chains e outros grupos dos anos 90. Um jornalista do site da MTV americana escreveu: "Pode-se fechar os olhos escutando o primeiro disco do grupo e imaginar Eddie Vedder no lugar do vocalista Scott Stapp. Não há a menor diferença". Uma repórter da revista *Rolling Stone* adicionou: "A técnica simples do guitarrista Mark Tremonti deve muito a Jerry Cantrell, do Alice In Chains. Mas copiar essa banda de metal não é uma escolha ruim".

Como os membros do Creed reagem a esse tipo de comentário? "Acho que somos todos influenciados por grupos de rock'n'roll de várias épocas, do Led Zeppelin aos Beatles", defende-se Mark. "Após os anos 80, as bandas de Seattle foram as primeiras a rejuvenescer o rock, a dar uma cara nova para ele. Na metade da década de 90, fomos nós quem conseguimos isso." Scott opina: "Nossa base é guitarra, baixo e bateria. Não somos grunge, punk, ska ou metal. Somos apenas uma banda de rock. Mas essas comparações são até boas, pois estes são grupos famosos que contribuíram bastante na música".

Scott Stapp (*à frente*) foi acusado de ser "estrela" pelo pessoal do Limp Bizkit

Foto: Divulgação Sony

## NÃO RELIGIÃO

Para sua vantagem, o Creed não vem de Seattle, e sim de Tallahassee, cidade da Flórida. Em 1995, os amigos de adolescência Mark e Scott formaram a banda Naked Toddlers com o baixista Brian Marshall e o baterista Scott Phillips. Depois mudaram o nome para Creed (Credo) e, por causa das referências cristãs nas letras, foram vistos como um grupo religioso. Scott explica que as ideias do grupo questionam apenas os sentimentos humanos. "Estou longe de qualquer organização religiosa", diz. "Fico nervoso e frustrado quando nos rotulam assim."

Fãs de Tool, Slayer, Metallica e outros artistas pesados, os quatro companheiros gravaram *My Own Prison* com apenas 6 mil dólares. Num esquema independente de divulgação, tocaram em clubes e atraíram grandes gravadoras americanas. No entanto, decidiram assinar com o selo independente Wind-up. "Sabíamos que com eles teríamos apoio total, pois fomos a primeira banda de seu elenco", lembra Mark.

A decisão foi correta: relançando *My Own Prison* com nova mixagem, a Wind-up elaborou uma fortíssima campanha de rádio e internet. A gravadora nem contratou outro grupo para não afetar a promoção do disco, que, consequentemente, explodiu nas rádios americanas e abriu as portas do mercado internacional. O grupo acabou fechando um contrato de distribuição mundial com a Sony Music.

Como a maioria dos artistas de rock, o Creed continuou na estrada para promover seu álbum, expandindo sua audiência a cada show. A turnê de *My Own Prison* culminou na terceira edição do festival Woodstock (1999), diante de 200 mil pessoas. O guitarrista Robby Krieger, dos Doors, tocou com o quarteto "Roadhouse Blues" e "Riders On The Storm", clássicos de sua banda, e "What's This Life For", single do primeiro álbum do Creed. A recepção do público foi calorosa.

## AVALANCHE DE ÊXITOS

Já na turnê de *Human Clay*, o Creed enfrentou dois momentos negativos. Este ano, num megafestival em Nova York, o vocalista Fred Durst, do grupo rap-metal Limp Bizkit (outra figura carimbada nos postos mais altos das paradas), disse no microfone: "Esse vocalista do Creed é um egocêntrico. É um babaca que, no backstage, age como se fosse Michael Jackson". O grupo respondeu num comunicado à imprensa: "Estamos decepcionados que Fred manipule a mídia e a verdade nos usando em ações imaturas e egoístas".

Pouco tempo depois, o Creed anunciou a saída do baixista Brian Marshall, citando diferenças pessoais e profissionais. A separação foi amigável. "Queremos agradecer a Brian por participar de nosso sucesso e lhe desejar um futuro próspero", comunicou o grupo em seu site oficial (www.creednet.com). O baixista Brett Hestla está preenchendo a vaga até a confirmação de um membro fixo.

Ignorando os problemas, o Creed continua firme e forte, multiplicando seus fãs como uma bola de neve. Qual seria, então, sua fórmula de sucesso? "Não somos uma banda ofensiva e temos canções de identificação universal", opina Mark. "Qualquer pessoa pode curtir nossa música – há um pouquinho de tudo para todos."

Scott acrescenta: "A única explicação é que amamos muito o que fazemos. Além disso, nossas letras tocam a sensibilidade das pessoas. Esse é o caso de diversas bandas famosas: o público encontra nelas profunda identificação".

Nova linha Energy.

Para quem sabe o que significa "power".

Energy 4200 com subwoofer ativo.

gradiente.áudio revolução

# Discofagia

*Para quem se alimenta de música*

## IRA!
comemora duas décadas de mod'n'roll ao vivo

Rumbora
Deftones
Everclear
Saint Etienne
Jairzinho
Zeca Baleiro
D'Angelo
Apartment 26
Doctor MCs
Guided By Voices
Wyclef Jean
Herbert Vianna
Mark Knopfler
Underworld
Robbie Williams
Roxy Music
Jay-Jay Johanson
brincando de deus
Nixons
PM Dawn
Appliance
Peter Gabriel
Twilight Singers
De La Soul
Phoenix

Oh, não:
O **Devo** também
deixou seu
clássico

**Zeca Camargo**
receita os
álbuns para
quem está
**no limite**

Edgard, Nasi, André e Gaspa: vinte sucessos para comemorar vinte anos de carreira

# Gritos na multidão

★★★★☆

**Ira!**
**MTV Ao Vivo**
*Abril*

No clima pós-olímpico, o Ira! poderia reclamar seu lugar no pódio do rock nacional de todos os tempos. Primeiro Mutantes, seguido de Sepultura e, logo depois, Edgard, Nasi, André e Gaspa disputando o bronze com Roberto e Erasmo. Lobão e (vá lá) Raul Seixas (categoria carreira, não álbum – nesse quesito, nada lira o ouro de *Nos Vamos Invadir Sua Praia*, do Ultraje). Em vez de um disco ao vivo, a banda deveria produzir um filme. Desde o início pós-punk, passando pela virada mod, pelo trabalho antecipador e incompreendido (*Psicoacústica*), à decadência regada a drogas e ao renascimento, são vinte anos de uma trajetória que espera roteiro.

E para quê serve, afinal, um disco ao vivo? Não sei (ou não gosto de pensar na resposta). É claro que o Ira! se encontra num momento de reconquista e, até, de afirmação. Aproveitando o espaço que a mídia lhe ofereceu em função do soberbo disco de versões *Isso É Amor* (1999), o grupo foi cometer aquele pecado para o qual os deuses do rock'n'roll fecham os olhos: prensar uma apresentação. Não, eles não abandonaram a cartilha da sinceridade que moldou sua existência. O disco tem composições médias, músicas que eles não tocavam há muito ("Coração", "Receita Pra Se Fazer Um Herói") e resgata Fábio Golfetti (Violeta De Outono) quebrando violão em quatro faixas.

Mas é desconfortável ouvir um show do Ira! sem estar na platéia. Porque o que Nasi tem de melhor para oferecer é seu carisma. A mudança que aconteceu em sua voz através dos anos é impressionante. Há quem diga, inclusive, que hoje ela casa bem melhor com seu trabalho paralelo, Nasi & Os Irmãos Do Blues, que acaba de lançar o terceiro álbum, *O Rei Da Cocada Preta* (Polythene Pam/RDS). Quanto a Edgard Scandurra, fica até chato escrever sobre. Um dos melhores guitarristas do mundo, compositor genial, inteligente, de bom gosto.

E como essa banda é a responsável pelos hinos "Núcleo Base", "Pobre Paulista" e "Envelheço Na Cidade", ela pode – e deve – fazer o que quiser. Tal, descobri uma serventia para o ao vivo do Ira!: aumentar a rotação dessa trinca de canções perfeitas nas FMs. Já está demais.

Agora, um apelo aos fãs: por favor, parem de gritar "porra, caralho, cadê meu baseado?" no solo de "Dias De Luta". Isso foi registrado no disco e ficou horrível.

**José Flávio Júnior**

★★☆☆☆

**Rumbora**
**Exército Positivo Operante**
*Matraca/Trama*

**Para invadir as rádios no verão que se aproxima**

Ao contrário do rock que dá sinais de recuperação no mundo todo, esbanjando vitalidade, o "roque" está com hipertensão. A ansiedade para que ele volte a ocupar o espaço devido no mercado fonográfico e na mídia agrava o caso. Todos que fazem parte da cadeia alimentar do gênero no Brasil são culpados: músicos, imprensa, gravadoras, fãs. E, então, nascem atropelos como esse CD do Rumun... ops, Rumborá. Feito sob medida para tomar de assalto as rádios no verão que se aproxima, *Exército Positivo Operante* pode até atingir seu intento. O que está longe de representar qualidade. A vontade de atingir o sucesso está explícita na repetição da fórmula que já deu certo para a turma de Brasília, o hard pop (com ska): guitarras marcantes, músicas pegajosas e letras perfeitamente adequadas ao gosto do adolescente que cresceu assistindo a Xuxa ("Born To Be Alive", hit do tempo da discoteca, virou "Viste O Uniforme"). Infelizmente, os caras erraram na dose. Mas vamos lá. Não baixemos a cabeça. Para começar a recuperação, recomendo um tratamento profilático que pode evitar aborrecimentos futuros. É simples e indolor: ler um livro de vez em quando. Aumenta o vocabulário e desenvolve a criatividade, além de relaxar.

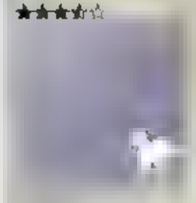
**Guilherme A. Hungria**



# Novo metal cerebral

Chino Moreno (*de branco*) pirou com Joana Prado

★★★★☆



**Deftones**
**White Pony**
*Maverick/Warner*

Junto ao Korn, Limp Bizkit e mais recentemente ao Soulfly de Max Cavalera, os californianos do Deftones deram as caras no meio da explosão da onda chamada nu-metal. O termo, hoje, é um clichê da mistura maçante do rap com guitarras distorcidas, música sem cérebro e repetitiva e a velha fórmula: a canção começa devagarzinho, vai ganhando velocidade... velocidade... até estourar em gritos tresloucados. Como poucos de sua cambada, o grupo liderado pelo desleixado Chino Moreno demonstrava, desde *Adrenaline* (1995), ter um gosto especial pelo desconhecido. Nesse aguardado terceiro trabalho, o Deftones chuta o hip-hop para escanteio e resulta quase como um encontro do Helmet com o Faith No More. Os climas densos, "deprês" às vezes beirando o minimalismo, dão vazão a discursos críticos e eróticos. Chino deixa aos poucos os berros em segundo plano e continua a experimentar suas cordas vocais como na arrasadora "Feiticeira" – não uma cover da canção do brega Carlos Alexandre, mas uma "singela homenagem" à nossa siliconada (Max mostrou uma gravação do programa *Ó+* para Chino, que ficou indignado com o que viu).

Há ainda o duelo com a mais enigmática garganta do metal moderno, Maynard J. Keenan (Tool, A Perfect Circle), na psicótica "Passenger", enquanto o DJ Delgado ataca com bits e texturas a avalanche sonora dos riffs e percussão. Se o nu-metal quiser perdurar por mais alguns aninhos, vai depender de álbuns como esse *White Pony*, ou do novo do Soulfly (*Primitive*), que demonstram ainda a possibilidade de existir vida inteligente no meio de tanto barulho.

**Marco Bezzi**

★★★★½

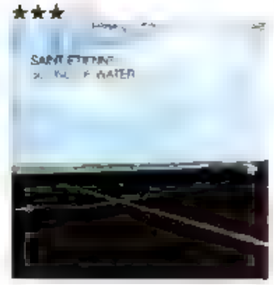
**Everclear**
**Songs From An American Movie, Vol. One: Learning How To Smile**
*Capitol/EMI*

**Nostalgia para curar os males do coração**

Tem gente que sucumbe ao sofrimento e mete o pé na jaca. Mas também há os que convertem a barra pesada em música. É o caso do guitarrista e vocalista Art Alexakis, cabeça pensante do trio americano Everclear. O sujeito pautou o próprio divórcio como prumo para este quarto CD da banda. Em vez de ficar amaldiçoando a adversária, Alexakis apelou para as boas recordações, colocando tudo na deliciosa estética pop dos anos 60 e 70, o que resultou em belas canções, com arranjos mesclando cordas e o trinômio baixo/guitarra/bateria. OK, nas letras há alguns ressentimentos embutidos aqui e ali, mas o clima é na base do "levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima". "Here We Go Again" fala do recomeço da vida após o fim de uma relação. Em "AM Radio", o funk serve de pano de fundo para lembrar o passado. Os bons tempos se fazem presentes, ainda, em "Otis Redding", homenagem ao grande soulman morto em 1968, e na releitura de "Brown Eyed Girl", de Van Morrison. Em suma, o Everclear prova que dá para tirar açúcar de tal limão encarando as coisas de peito aberto. Grande receita, grande disco.

**Toninho Spessoto**

★★★



**Saint Etienne**
**Sound Of Water**
*Sum*

**Puro pop inglês em trabalho menos inspirado**

Todos os pratos principais já foram servidos, e os ingleses puderam se fartar de Saint Etienne no começo da década de 90. A sobremesa veio açucarada em 1998, com *Good Humor*. Agora é a hora do cafezinho. O clima de fim de festa fica claro em *Sound Of Water*. Especialistas em misturar o rock-pop britânico dos anos 60 com a dance music produzida nos clubes londrinos durante os últimos anos, o ex-jornalista musical Bob Stanley e seu amigo Pete Wiggs foram responsáveis por uma dúzia de canções indie-dance cheias de melodias ingênuas, batidas contagiantes e refrãos fáceis de decorar, reforçadas pelos vocais suaves de Sarah Cracknell. Faixas mais abstratas ou vinhetas introdutórias completavam os discos. Em *Sound Of Water* tudo parece meio indefinido. A tentativa de unir os dois lados deixou o trabalho nem rápido nem devagar. Com exceção de dois momentos, "Heart Failed (In The Back Of A Taxi)" e "How We Used To Live", que lembram ótimas passagens da carreira de dez anos do grupo. De resto, pode acender o cigarro e pedir a conta.

**Fabiana Batistela**

**Para quem gosta de:**
Stereolab, Everything But The Girl, Björk, Morcheeba

# E isso que dá

★★★★☆

**Jairzinho Oliveira**
**Dis'Ritmia**
*Trama*

O ex Balão Mágico e o novo artista reunido a botar as musiquinhas da fora

*Samba Raro*, de Max de Castro, *Volume Dois*, de Wilson Simoninha, *Voz No Ouvido*, de Pedro Camargo Mariano *Assim Que Se Faz*, da irmã Luciana Mello. *Dis Ritmia*, de Jairzinho Oliveira, é o quinto produto a sair da série iniciada com o CD homônimo dos Artistas Reunidos. Como Ed Motta anda apregoando por aí, o rapaz sabe tudo de música, produção, harmonia e o escambau. Compõe como um doido. Transita por vários estilos, da bossa ao soul. Inventou um belo jogo de palavras para definir seu som, "S de Samba" ou "acid samba". Imprimiu nuances, quebras de ritmo e timbres muito bem escolhidos ao longo das 12 faixas (e um remix) do álbum. Porém trata-se do filho de Jair Rodrigues, tangendo disco no mesmo esquema que já rendeu trabalhos de dois herdeiros de Wilson Simonal e do filho de Elis Regina. Nada contra a iniciativa da Trama, agrupar nomes que querem renovar a música brasileira. Mas, no fundo, dá um pouco de bode notar que, até agora, só a descendentes de gente famosa foi confiada a tarefa. É só isso que acaba atrapalhando Jairzinho, que tira de letra qualquer comparação com seus colegas de panela, excluindo-se o momento Arnaldo Antunes ("Música É. ") escolhido para abrir *Dis'Ritmia*, que quase põe toda a esperança a perder. Daqui a pouco, o(s) preconceito(s) termina(m) e todo mundo vai curtir a bela balada pop "Você Por Perto". Enquanto esse momento não chegar, serão dias de maldade e despeito.

**Emerson Gasperin**

★★☆☆☆

**Zeca Baleiro**
**Líricas**
*MZA Universal*

**MPBista deixa claro seu intuito a partir da capa**

O salário mínimo no Brasil é 151 reais, um CD custa em média 20 reais e boa parte das lojas recusa-se a trocar o disco em caso de cliente insatisfeito. Então, ponto para Zeca Baleiro, pois não se via caso tão claro de respeito ao consumidor e determinação em não vender gato por lebre desde a capa do disco de estreia de Wilsom Sideral. Afinal, todo mundo sabe que Baleiro canta agradando Pelé, que ele gosta de excursionar com Lenine, Marcos Suzano, Paulinho Moska e Chico César e faz parte da geração da MPB que chegou para garantir que tudo continue igual. Para não haver a menor possibilidade de alguém gastar nesse disco o dinheiro que poderia usar para comprar peças de artesanato em Tauá-poxu ou empanadas de brócolis nas cantinas das faculdades de comunicação e depois se sentir tapeado, Baleiro teve o cuidado de chamar o disco de *Líricas* e tascar na capa uma foto sua em tom sépia (para dar um ar de antiguidade), olhando para o infinito de modo reflexivo. Quanto à versão de "Proibida Pra Mim (Grazon)", do Charlie Brown Jr. esse não é o espaço adequado para analisá-la, pois seria exercício ilegal de medicina. Isso não é caso para a crítica musical, e para a psiquiatria.

**Fabio Bianchini**

★★★★

**D'Angelo**
**Voodoo**
*EMI*

**O cantor negro vai à festa como se fosse... 1979**

Dois tipos de artista sacodem a música negra. O primeiro é composto de rappers e baladeiros insolentes, que usam calças arriadas até o joelho. Dessa leva fazem parte impostores como o rapper Puff Daddy e nulidades do quilate de Dru Hill, Boyz II Men, etc. A outra comunidade é formada por revisionistas. Eles até se utilizam das facilidades do hip-hop, chamam alguns rappers para fazer participações especiais, mas sua principal influência é a soul music dos anos 70. D'Angelo pertence à segunda categoria com maestria em *Voodoo*. O álbum é repleto de jams longuíssimas com participações de manos da pesada (integrantes do Wu Tang Clan), e poderia perfeitamente figurar na discografia de um Prince – algumas canções são pau a pau com as melhores coisas de *Parade*, de 1986. O melhor do álbum, no entanto, ainda é a voz do moço, tão suave e cheia de mas intenções que já foi classificada como "resposta das mulheres ao Viagra" por uma revista americana. Ouça "Untitled" e a releitura de "Feel Like Makin' Love", de Roberta Flack, e comprove.

**Sérgio Martins**

**Para quem gosta de**



★★☆☆☆

**Apartment 26**
**Hallucinating**
*Roadrunner*

**Mix de eletrônica com rock previsível demais**

O CD está devidamente acomodado dentro do micro system. Feixes de laser zigueza-gueiam lá dentro e em segundos ouve-se um loop de drum'n'bass. Tu-rucha-rutu-ru-ra. Por um segundo, você imagina: "Caramba! Outro desses DJs recém-metidos a modernos da Trama..." Em seguida, camadas e camadas de batidas eletrônicas se sobrepõem a uma avalanche de guitarras distorcidas e vocais de megafone. Daí você se espanta e sua opinião muda: "Caramba. Mas uma banda metalóide de butique..." O Apartment 26 é exatamente isso. Adolescentes criados com cases cavalares de Nine Inch Nails, Sepultura, Prodigy e Pearl Jam, um poderoso conjunto sonoro nas mãos e nenhuma ideia brilhante de como utilizá-lo. Tudo soa previsível. A glorificação da tecnologia como instrumento musical, a capa pós-apocalíptica estampada com os mais batidos códigos binários (0 e 1) e músicas intituladas "Death", "Evils" e "The Fear". Mas estão bem cotados entre as bandas do mesmo gênero, velhas e novas como Godsmack e Fear Factory, e caíram nas graças de Sharon Osbourne, que os escalou para o Ozzfest 2000, festival que só um imbecil completo não consegue integrar.

**Renato Yada**

★★★½

**Doctor MC's**
**Malokeragem Zona Leste**
*BMG*

**Rappers festeiros em produção luxuosa**

A absorção do rap brasileiro pela indústria fonográfica é, finalmente, pega no flagra. Lançado pela gigante BMG e produzido pelo mudas do pop Dudu Marote (Skank, Pato Fu, Jota Quest), *Malokeragem Zona Leste* poderia ter ainda significado o declínio da resistência verbal dos manos. Com estilo e experiência, o Doctor MC's soube aproveitar o traje de gala para cantar suas rimas. "Tik Tak", construída sobre a melodia de "Linha do Horizonte" (do Azymuth), é a cama de gato que Marote aplica nas rádios. Se elas carem, vão encontrar uma produção de qualidade nunca antes despendida para um disco de rap. Outra faixa que entraria como uma luva na programação radiofônica é "Sexta-feira", trilha para baladas com graves poderosos. Pode não pegar bem para o "movimento", mas é essa abordagem festiva que tornou o rap americano milionário. Com old schools, bate-cabeças (gênero que só existe no Brasil) e batidas secas ao estilo de Nova York (a masterização é de Tom Coyne, que já trabalhou com o Wu Tang Clan), *Malokeragem* faz bonito. O único pecado do trio é utilizar citações de músicas recentes do próprio estilo: onde está a graça em descobrir a procedência dos samples?

**Luciano Marsiglia**

# Baixa fidelidade de alta qualidade

★★★★½

**Guided By Voices**
**Alien Lanes**
*Matador/Trama*

★★★★☆

**Guided By Voices**
**Under The Bushes Under The Stars**
*Matador/Trama*

★★★½☆

**Guided By Voices**
**Mag Earwhig!**
*Matador/Trama*

Três discos do Guided By Voices lançados no Brasil e você, marinheiro de primeira viagem, deve fazer o seguinte: adquira o precioso, o fantástico, o clássico *Alien Lanes* (1995) e programe as seguintes faixas: "Game Of Pricks", "Closer You Are", "Motor Away" "My Valuable Hunting Knife" (a melhor de todas), "Bumps Go 90" "Strawdogs" e "Little Whirl". Só depois, ouça o disco inteiro e parta para caçar bons momentos nos sucessores *Under The Bushes* (de 1996, que tem "The Official Ironmen Rally Song") e *Mag Earwhig!* (de 1997, com os hits "Bulldog Skin" e "I Am A Tree"). Quem fizer a lição direitinho vai conhecer uma banda veterana do underground americano, liderada pelo beatlemaníaco Robert Pollard, empenhada em fazer curtas canções "lo-fi" pop e que merecia um espaço bem maior nesta revista. Com os três CDs chegando ao mercado nacional, também da para acompanhar o declínio de criatividade do grupo, que atingiu o extremo no péssimo *Do The Collapse*, do ano passado. Mas o fascínio que o GBV desperta em sua audiência é inacreditável. Para aguçar ainda mais sua curiosidade, vou contar o processo de criação de Pollard. Ele vai dormir, sonha com nomes esdrúxulos de músicas, acorda e escreve as letras partindo dos títulos sonhados. Inusitado é pouco.

**José Flávio Júnior**

Robert Pollard (*de vermelho*) sonhos que viram sons

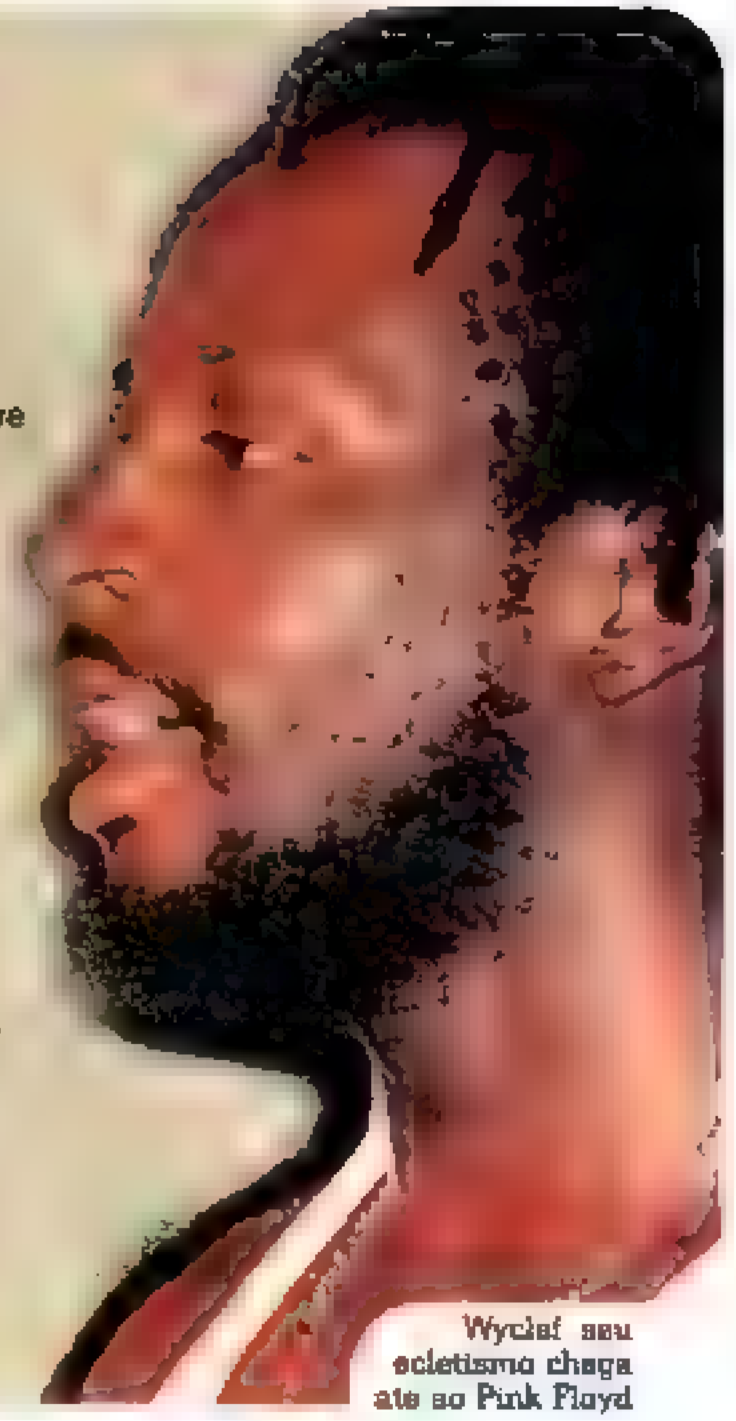
# Rap de mil faces

★★★★☆

**Wyclef Jean**
**The Ecleftic – 2 Sides II A Book**
*Sony*

Wyclef Jean não tem escondido sua aflição em reativar o Fugees. Após Lauryn Hill faturar uma penca de Grammys, seus olhos devem ter brilhado: pronto, sua parceira se daria por satisfeita com o projeto-solo paralelo. Ledo engano. Ele, então, lançou um álbum-solo. Esperou mais um pouco, e nada. O "gelo" surtiu efeito e Wyclef resolveu investir num novo trabalho. Ao contrário do que seu nome sugere, *The Ecleftic* não se assemelha a *Presents The Carnival Featuring The Refugees All Star*, este sim de um ecletismo capaz de unir dance music ("We Trying To Stay Alive") e bolero ("Guantanamera"). Logo na abertura, Wyclef fala da volta de seu grupo como se fosse uma grande preocupação dos empresários. "Where Fugees At?" insiste no tema com pancadões de hardcore rap. Sorte que ele exorciza a carência por aí e mostra por que é o multi-homem do título. Produtor, compositor, cantor e guitarrista, ele utiliza sua veia latina (é nascido no Haiti) e o profundo conhecimento da música negra para fazer toda diferença. Encarnando Bob Marley ("Diallo"), arriscando-se no drum'n'bass ("Thug Angels"), homenageando a velha-guarda (a ótima "It Doesn't Matter"), Wyclef compôs um álbum orgânico, pulsante e quente. Funks da pesada como "Runaway" com o Earth, Wind & Fire, e "Low Income" revivem a época de ouro da black music, ali por meados da década de 70. A surpresa vem com "Wish You Were Here", do Pink Floyd, numa interpretação singular. Se Lauryn Hill ouvir, é capaz de voltar correndo para o Fugees (o que deve acontecer em breve). Agora é a vez de Wyclef se fazer de difícil.

**Luciano Marsiglia**



Wyclef: seu ecletismo chega até ao Pink Floyd

★★★☆☆

## Herbert Vianna
**O Som Do Sim**
*EMI*

**Paralama-solo grava só pelo prazer de gravar**

Herbert Vianna está envelhecendo e não tem a menor vergonha disso. Desde que os Paralamas encontraram sua identidade musical em *Selvagem?* e *Bora Bora*, suas composições e arranjos amadurecem cada vez mais. Aqui o caso é outro. Mais do que maduro, *O Som Do Sim* é um disco adulto, com as virtudes e defeitos inerentes a esse adjetivo, aquela mistura de despreocupação de agradar aos outros e de ar responsável em que cabe, como uma luva, o clichê "fiz o disco para mim mesmo, se agradar a mais alguém, é um extra". O álbum não pretende ser o próximo passo na carreira dele, declaração artística, é apenas a desova de canções que, de outra maneira, esperariam no mínimo até o próximo CD dos Paralamas. A grande quantidade de músicos convidados reforça essa impressão de gravar pelo prazer de gravar. Não que a desencanação signifique autoindulgência: os arranjos são de bom gosto e caprichados, às vezes até demais. E aí está o problema do requinte do projeto. Para cada balada eficiente como "Vamos Viver", há uma bossa nova de pizzaria, como a versão de "Inbetween Days", do Cure. Claro, deve ser divertido brincar assim com as músicas, mas, poxa, tem coisa que não se faz.

**Fabio Bianchini**

★☆☆☆☆

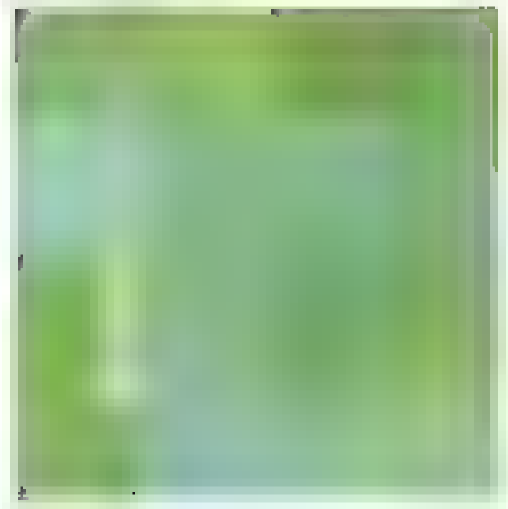
## Mark Knopfler
**Sailing To Philadelphia**
*Universal*

**Mais um artista que não machuca ninguém**

Dá-se uma chance a Mark Knopfler? Apesar da bandana para cobrir a careca e dos ternos em cores pastel (que horror), de lembrar coisas como Supertramp, yuppies, MTV e o caretismo nacional impresso pela Globo à simples menção do nome Dire Straits; daquele maldito sax de "Your Latest Trick". Apesar de tudo isso, dá-se uma chance a Mark Knopfler? Em seu sétimo solo (contando as trilhas), Knopfler está completamente preso ao universo criado no auge de sua banda, como se o sucesso lhe criasse um autismo que o deixasse imune a tudo que acontece ao seu redor. Não é à toa que o cara está parecendo Paul Simon na foto do encarte. *Sailing To Philadelphia* é seu disco americano, onde entra nas veias dos Estados Unidos pelas trilhas sonoras de Ry Cooder (claramente, uma inspiração). As participações de James Taylor e de Van Morrison (que há um tempão só queima o próprio filme) não ajudam em nada, apenas a enfileirar o guitarrista em uma categoria bizarra, a de cantores-compositores que não machucam ninguém. Que graça? Qual motivo? Para os fãs, o disco soará como uma continuação natural de seu trabalho e blablablá. Mas esse rock de sofá não é para mim.

**Alexandre Matias**

★★★★☆



## Underworld
**Everything, Everything**
*V2 Som*

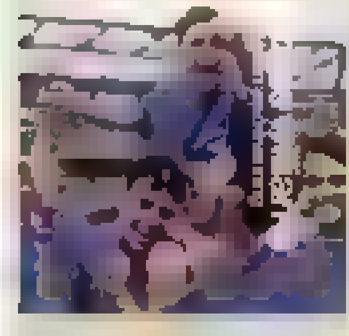
**"Nova" música recorre a velho recurso do ao vivo**

Uma a uma, vão caindo as características que diferenciavam a eletrônica das formas "convencionais" de música. Era o som sem rosto, sem refrãos e que veio para acabar com os outros estilos. Hoje todo mundo conhece Chemical Brothers, cantou "Praise You", de Fatboy Slim, e não se assusta ao ouvir ritmos digitais com rock. Agora, mais uma prática da indústria fonográfica chega às hostes digitais, o disco ao vivo. E do mesmo jeito clássico que costuma rolar desde sempre: quando o futuro da banda é incerto. Lançado depois que o DJ Darren Emerson pediu o boné, *Everything, Everything* funciona como uma minicompilação dos dois últimos álbuns do Underworld, *Second Toughest In The Infants* e *Beaucoup Fish*. Não fosse pelo barulho do público e pelas pequenas alterações nas canções, passaria por um bom CD de estúdio. Dá o negócio e roubar e cortar os barulhos de "Juanita: Kiteless", "Jumbo" ou "Born Slippy Nuxx". Porque se o sujeito pensar um pouco, o caldo entorna. São esses os caras que vão revolucionar tudo aí? Como diz um amigo meu, daqui a pouco os shows dos eletrônicos terão backing vocals gostosas, naipe de metais e uma super banda de apoio. E vos vos ficarão em dúvida se sair do gueto foi um bom negócio para o gênero.

**Emerson Gasperin**

# Pop em boa hora

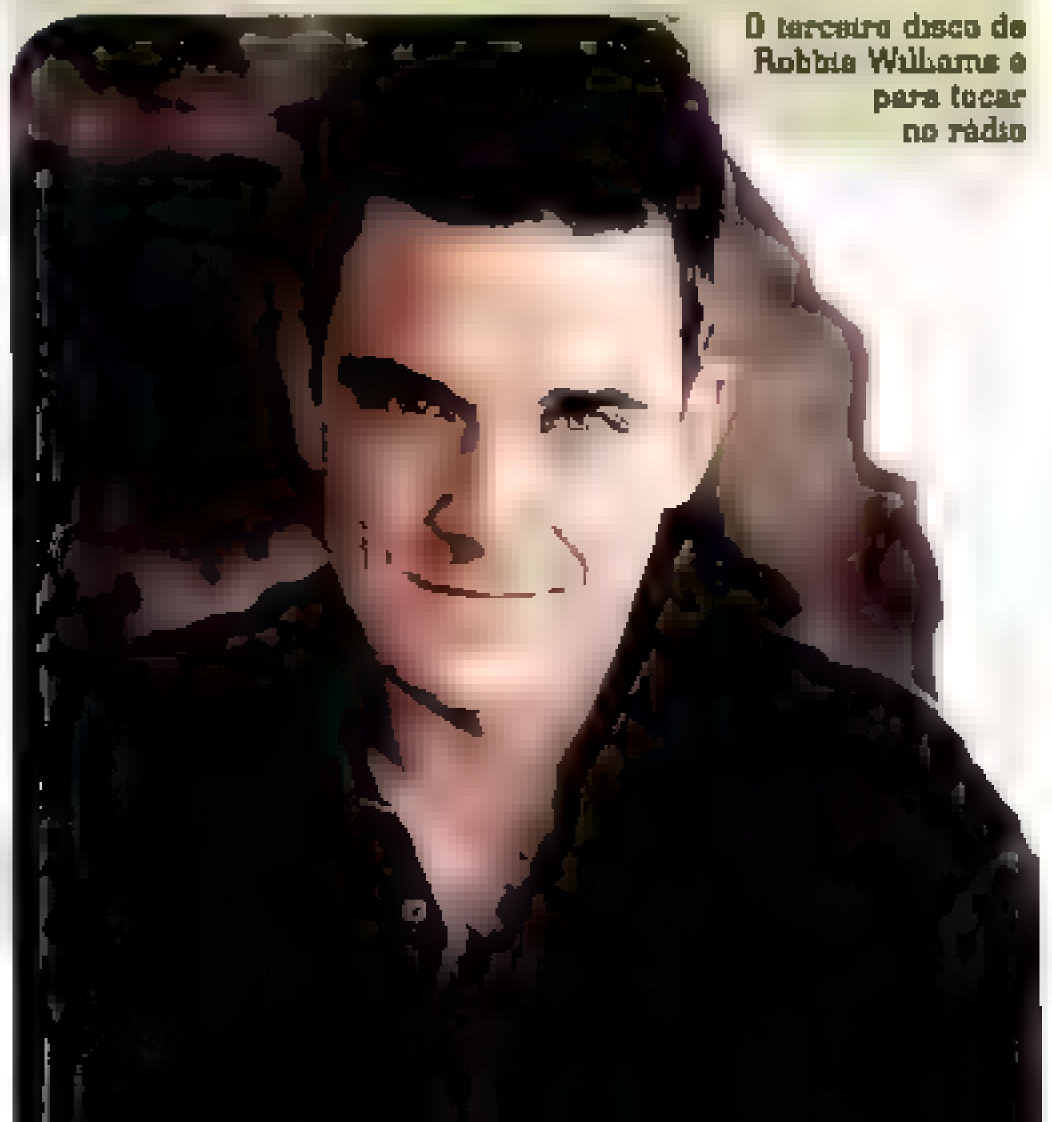
★★★☆☆



## Robbie Williams
**Sing When You're Winning**
*EMI*

Como será que é viver num país onde o cantor pop de maior sucesso entre a juventude é Robbie Williams? Imagino que seja uma bênção. Levantar de manhãzinha com o rádio sintonizado na "Joven Pan II" inglesa e ouvir "Rock DJ". Melhor que isso só acordar com "Millennium", "Lazy Days", "No Regrets", "Strong", "Win Some Lose Some", "Old Before I Die" ou outro hit de seus dois discos anteriores. É, ele fazia parte do Take That — assim como Ricky Martin era do Menudo e George Michael foi do Wham —, e daí? Entra aqui a sua capacidade de escutar uma música pop construída para agradar a uma manada de adolescentes e se deliciar. Quando o Oasis não passa por uma fase tão interessante e os grupos de power pop começam a ter seus discos lançados apenas por microsselos japoneses, é legal poder contar com "Lucky", de Britney Spears, "Larger Than Life", dos Backstreet Boys (essa é deles?), "Come On Over", de Cristina Aguilera e aquela do 'NSync, que me foge o nome agora... Five, Spice Girls, sem falar no último disco do Hanson, que fica melhor a cada nova audição. Robbie é da mesma estirpe, praticamente. Assina todas as músicas de seus álbuns, mas sempre em parceria com bons produtores. E, provavelmente, são esses tiozinhos que ninguém vê os verdadeiros responsáveis por pepitas como "Supreme". Não importa. O que vale é acordar num domingo com "Rock DJ" rolando no rádio. Ou talvez isso só seja um devaneio de quem não vive a história de perto.

**José Flávio Júnior**



O terceiro disco de Robbie Williams é para tocar no rádio

★★★★★

## Roxy Music
**The Early Years**
*Virgin*

**Primórdios do maior expoente do glam rock**

Um dos nomes que mais abalou os anos 70 foi o Roxy Music, quinteto britânico que introduziu na festa muita purpurina, capas e roupas estilosas e a cara-de-pau de pegar velhos clichês musicais e fazer preciosas reciclagens. Na primeira fase do grupo, este álbum reúne o melhor dos três primeiros discos, lançados entre 1972 e 1973, quem brilhava mais não era o vocalista Brian Ferry, que depois se tornaria o sujeito mais cool do planeta. A grande estrela, um cadete espacial andrógino de nome Brian Eno, jogava fora todos os manuais dos sintetizadores, subvertendo a ordem da época. Ele criava diversos efeitos futuristas e ainda confrontava a predominância da técnica exacerbada ampliando noções de textura até então inéditas no rock. Nos primórdios da música roxy, a exuberância e o glamour se dividiam entre hits chiclentos, "Virginia Plain", "Re-Make Re-Model", "Pyjamarama", "Ladytron", "Do The Strand", e minissuítes hiperdramáticas e taras ("Mother Pearl", "If There Is Something", "A Song For Europe", "In Every Dream Home A Heartache"). E a sensualidade, como sempre, estava elevada à flor da pele.

**Abonico R. Smith**

**Para quem gosta de:**

★★★★½

## Jay-Jay Johanson
**Poison**
*RCA/BMG*
**Mistura sombria do crooner que esteve no país**
Jatje Johanson, 31 anos, sueco, multinstrumentista, três álbuns e um extenso fã-clube. Esse é o currículo de uma grata revelação do pop mundial, que veio ao Brasil para o Free Jazz Festival. Jay-Jay constrói uma sólida carreira mesclando suas quatro maiores influências: o jazz, o pop clássico americano, os climões de filmes noir e o trip hop. Suas letras, sempre escritas na primeira pessoa, são exageradamente confessionais, fazendo sangrar dores, amores, desilusões e reflexões de uma voz frágil, porém com sobrecarregados tons de emoção. Em *Poison*, a faceta sombria se acentua nas explícitas homenagens a Hitchcock (no encarte, o artista reproduz cenas de alguns clássicos do diretor) e se mistura à verve ganchuda, que faz grudar no cérebro versos e refrões de "Believe In Us", "Keep It A Secret", "Escape", "Colder", "Anywhere Anytime", "Alone Again" e mais as outras seis faixas.
**Abonico R. Smith**

★★★★☆

## brincando de deus
**brincando de deus**
*Emergentes da Madrugada*
**Baianos que poderiam ter nascido em Manchester**
Eles são o que nove em cada dez bandas independentes brasileiras (consumidoras do rock pop britânico dos anos 80 e 90) querem ser. Fazem direito o que a maioria quer fazer. Suas composições têm lindas melodias e possuem aquele jeito inglês plácido e melancólico de ser. Fazem isso brincando (de Smiths, Ride, My Bloody Valentine, Stone Roses, Primal Scream). É impossível escutar uma faixa sem achá-la parecida com algum ícone da música alternativa internacional. A velha discussão sobre identidade. Não é para ninguém adicionar batuques na música só porque nasceu em terras tupiniquins. Porém falta uma certa contagem de experimentar. Mas o terceiro trabalho da banda é muito bem gravado e produzido, apesar de todo o transtorno (em julho de 1999, um incêndio destruiu o estúdio do grupo e tudo que estava lá dentro: instrumentos, material gravado, etc).
**Fabiana Batistela**

O melhor do mês passado

## IDÉIA

***The Mirror Conspiracy*, Thievery Corporation** Eletrônica light da dupla americana que adora o Brasil. Com toque especial de Bebel Gilberto.

***Lulu Acústico*, Lulu Santos** O deus do pop brasileiro fazendo com seus sucessos o que a MTV já queria ter realizado há tempos.

***The Hour Of Bewilderbeast*, Badly Drawn Boy** Inglês de várias facetas que estreou após uma série de EPs, compactos e participações especiais. "Disillusion" é uma das melhores músicas do ano.

Lobão, sempre ligado, mostra o caminho das pedras

## O QUE ANDA OUVINDO

***Samba Raro*, Max de Castro** "Genial. Fizemos uma jam num programa de TV em que ele desconstruiu 'Vida Bandida'. *Samba Raro* é soberbo e o discurso do Max é excelente, tem esse lance de ruptura. E o legal é que ele faz uma ruptura com amor. Até que enfim chegou, essa galera nova, com a qual me identifico muito: Max, Otto, Planet Hemp. É aquela coisa: 'Foda-se Caetano, se afoga narciso'."

***LadoB LadoA*, O Rappa** "Disco primoroso. As letras, as levadas. Gosto muito do que o Yuka fala na primeira música ('Tribunal De Rua'). A liga da banda está boa, com identidade. Eu vejo o Rappa e o Planet Hemp, que também fez um discão, e só consigo dizer 'é isso aí'."

***Rated R*, Queens Of The Stone Age** "A primeira vez que ouvi fiquei meio com o pé atrás. Mas depois é que fui perceber. Tudo é gravado lá atrás e só fica aquela guitarra chapada na frente, com uns efeitos muito bons. Vai do barulhinho ao silêncio. Estou ouvindo direto."

★★★☆☆

## Nixons
**Latest Thing**
*Abril Music*
**O líder do Nirvana morreu, mas o grunge...**
Alguém por aí está interessado em um disco de rock competente, cheio de melodia e refrãos para se assistvar? Então vá até a loja e comprar os Nixons (algo como se uma banda brasileira se chamasse Collors). Agora, se o seu negócio é surpreender os ouvidos, conhecer novos timbres de guitarra e um cantor que se destaca em sua geração, pode desistir. Essa banda neogrunge traz um cantor de voz umtantemente igual à de Mr. Vedder do Pearl Jam (um pouco menos de emoção e de ovo na boca, talvez), e aquele som sujo de guitarra típico do saudoso movimento de Seattle. Algumas diferenças básicas: mais dedilhados e violões (como o Pearl Jam com o passar dos anos) e um feeling mais popzinho, como quem diz "sim, rádio, pode tocar a gente".
**Bernardo Araujo**

★★★☆☆

## P.M. Dawn
**The Best Of**
*GeoStreet/Sum*
**Balanço bom não impede dupla de soar datada**
Nada mais antigo do que o passado recente. Você pega "Set Adrift On Memory Bliss" e parece que ela foi feita há uns 30 anos. No entanto, é do primeiro disco da dupla americana, de 1991. Na época, os irmãos Prince Be e DJ Minute Mix invadiram as paradas com um rap suave, com toques de soul e R&B – alternativa mais do que saudável aos tiros e palavrões que começavam a mandar no hip-hop. Quatro álbuns depois, o PM Dawn ingressou na mesma categoria que o grunge ou o funk-metal: de tão associado a determinado período, ficou impossível não soar datado. Restou essa coletânea recheada de outros sucessos, como "Paper Doll" e "Gotta Be... Movin' On Up", para sacramentar a lógica fria do mercado: não vendeu, babau.
**Emerson Gasperin**

★★★★☆

## Appliance
**Six Modular Pieces**
*Rhombrunner*
**Trio larga guitarra, baixo e bateria para ser moderno**
A influência do krautrock (a música de vanguarda alemã, que angaria fãs desde os anos 60) é inegável no rock atual. Aparece em grupos tão diferentes quanto Stereolab, Elastica, Mouse On Mars, a atual fase do Sonic Youth e Spiritualized. Uma boa amostra do teor neomodernista que o kraut está exercendo no pop de hoje é o EP *Six Modular Pieces*, dos ingleses do Appliance. A princípio, um grupo revivalista do próprio krautrock, o trio de Exeter foi submetido a uma lavagem cerebral conduzida pela elite do novo kraut (Tarwater, Pole, Krieder e To Rococo Rot – o tal grupo para ficar de olho) no EP *D4*. Se antes puxavam para o rock (eram uma banda "normal", com baixo, guitarra e bateria; hoje usam só pickups), em seu novo disco cedem à vertente mecânica da repetição alemã – um andamento automato que os alemães chamam de "motorik", como se a música fosse o som de um motor. O resultado é um som angular e hipnótico, frio por fora e quente por dentro, menos dramático que o trip hop e mais apaixonado que o trance. Se fosse um disco importado, era viagem pedir para comprar, mas já que saiu no Brasil, não custa nada dar uma espiada. Pode surpreender.
**Alexandre Matias**

★★★☆☆

## Peter Gabriel
**Ovo**
*Real World/Virgin*
**Antes de adentrar o paraíso, ele bota mais um**
Se tem uma pessoa que merece ir para o céu, esse sujeito é Peter Gabriel. Pois veja bem: quem mais se preocupa com meio ambiente, direitos humanos, agüentou durante anos Phil Collins, se casou com a Sinead O'Connor e ainda consegue arrumar tempo para tentar salvar o mundo? O cara é um santo. Nesse trabalho concebido para uma peça de teatro ou coisa que o valha, para ser exibida no Millennium Dome, em Londres, o ex-Genesis misturou o folk com elementos culturais da Ásia, Oriente Médio e África na trilha sonora (a salada característica do selo Real World). E o resultado é surpreendente. Ao contrário do que acontece sempre com o politicamente correto, *Ovo* não é chato. É meio chato. Padece do problema de ter sido concebido como audiovisual. Quer dizer que para entender o que é, ou quem é ovo, é preciso fazer parte do privilegiado grupo de donos de computador (para rodar a parte interativa). Na realidade, uma história de amor com caráter educativo, papo-cabeça para criança, com pano de fundo ecológico. A participação da divina Elizabeth Fraser (do Cocteau Twins), Pau Buchanan e Neneh Cherry contribui para tornar o produto mais interessante.
**Guilherme A. Hungria**

Ah, sei lá, mil coisas...

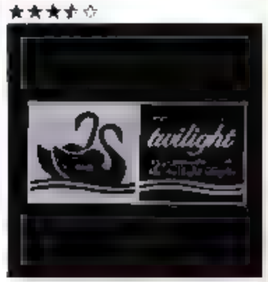
## BARRACO

Se todo ano sai uma coletânea do **Black Sabbath**, em 2000 não poderia ser diferente. *The Best Of Black Sabbath* (Ab Music) se diferencia das demais por ser dupla, possuir 32 faixas remasterizadas e embalagem luxuosa. São aquelas mesmas de sempre, mas nunca é demais ouvir os riffs de "Supernaut" e "Sweet Leaf". ● **Não confunda *Vavoom!*, o novo disco da Brian Setzer Orchestra, com o epônimo disco de estréia do ex-Stray Cats, que saiu só agora no Brasil. *The Brian Setzer Orchestra* (Sum), de 1994, é cheio de rock, rhythm & blues e swing, mas não tem o apelo pop dos três álbuns que Brian lançou depois.** ● E por falar em pop, quem tem o maior apelo é o **Corrs**, cujo disco *In Blue* (Warner) é sucesso mundial. As irmãs que lideram a banda fazem jus à expressão "bonitinhas mas ordinárias". ● **Sete discos da última fase de Tim Maia estão sendo relançados pela Paradoxx. O melhor é o que traz o gordo cantando clássicos do cancioneiro americano, como "On Broadway".** ● Uma volta às raízes é a proposta de *Destino* (Universal), de **Claudinho & Buchecha**. O sabiado Claudinho insiste em tocar violão, mas seu parceiro voltou a escrever letras com palavras caçadas em dicionário e exaltações às comunidades mais pobres do Rio de Janeiro. Você compra os funks-chicletes da dupla e ganha uma aula de geografia dos morros. ● **Quatro são os destaques entre as dezenas de trilhas sonoras lançadas neste mês. *Fica Comigo* (Virgin) tem a única música do Barenaked Ladies que você precisa ter ("It's All Been Done"), além de gracejos de Matthew Sweet e The Donnas. A de *Pânico* (Sum) vale ter só por "Red Right Hand", de Nick Cave & The Bad Seeds, que toca nos três filmes da série. Seja lá o que for *All Over Me* (Sum), as atrações da trilha são sensacionais: Amps, Remy Zero, Drugstore, Cornershop, Sleater-Kinney com "I Wanna Be Your Joey Ramone" mostra por que é o melhor "grupo de mulher" da atualidade. *MTV's The Real World – New Orleans* (Sum) tem as músicas que fizeram cama para os conflitos da moçada em uma temporada do programa que aqui se chama *Na Real*. De bom tem "All I Want", do Toad The Wet Sprocket, "Keep Hope Alive", do Crystal Method, "Glass House", de Peter Tosh, e "Who'd She Coo?", do Ohio Players.** ● **Vitor Ramil**, que sai com *Tambong* (Satolep), produzido por Pedro Aznar. Pensando no Mercosul, o moço também registrou suas baladas num álbum idêntico, só que todo em espanhol. ● **Agora, você decide. O troféu de pior estréia de um grupo nacional em 2000 vai para Colapso ou Hiperfly? Em *O Castelo Dos Destinos Cruzados* (Líderes/Universal), os primeiros fazem um pop rock bunda que deságua numa cover de "Para Não Dizer Que Não Falei De Flores". Irc! O segundo, em *Hiperfly* (Virgin), cometeu versões de Skunk Anansie e Joan Osborne ("One Of Us", lembra?). Irc ao cubo!!!**

# IMPORTE-

Os lançamentos gringos que estouraram nosso cartão de crédito

★★★★☆




**The Twilight Singers**
**Twilight As Played By**
*Columbia*
**Vocalista do Afghan Whigs em projeto calminho**

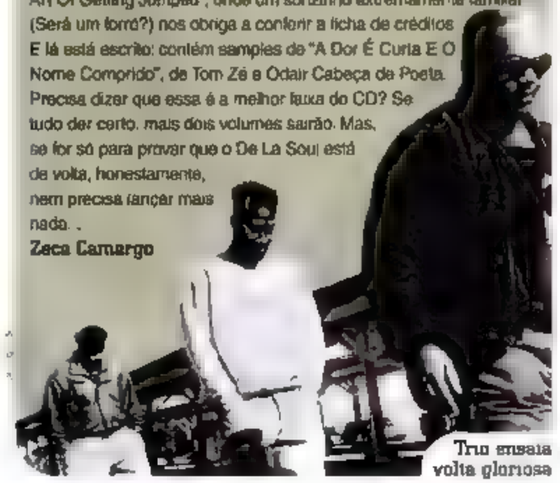
Desde *Congregation*, de 1991, Greg Dulli e seu Afghan Whigs davam sinal de vir na contramão da estética grunge e iniciar o flerte com o melhor da soul music – o vocalista e junkie de ocasião revelava o intuito de seguir o legado de nomes como Marvin Gaye e Barry White. Agora, em seu primeiro vôo-solo, em vez de suas tórridas letras surgirem vestidas de guitarras e climas festivos, Dulli, de 35 anos, expõe seu lado mais introspectivo, levando o ouvinte para uma madrugada qualquer, regada a alcool e pensamentos lascivos. Para ajudá-lo, chamou a dupla de neo-trip-bossa Fila Brazilia. Calma, não é mais um deslumbrado que descobriu no tecno um sinônimo de grana: os ingleses dividem com ele a produção do CD de forma limpa e enxuta, enquanto Harold Chichester e Shawn Smith (Brad, Pigeon Head) emprestam suas vozes para compor belíssimas harmonias, como na segunda faixa, "That's Just How That Bird Sings". Só não espere a excelência do Afghan Whigs de discos como *Gentleman* (1993) e *1965* (1998). Apesar de destemperar grooves, baladas sexuais e deixar claro por que Dulli é um dos grandes letristas e interpretes de sua geração, *Twilight As Played By The Twilight Singers* é uma obra mais calminha, com tratados de esperança e finais felizes.
**Marco Bezzi**

# Agora, sim!

★★★★☆

**De La Soul**
**Art Official Intelligence: Mosaic Thump**
*Tommy Boy*

Quando um artista cria algo tão genial que é capaz de mudar o jeito de as pessoas ouvirem (e fazerem) música, todo mundo torce para o trabalho seguinte ser tão bom ou melhor. Infelizmente, quase sempre a decepção é certa. Foi assim com Beck, depois de *Odelay*; Belle and Sebastian, depois de *If You're Feeling Sinister*; ou, se quiser ir mais longe, Prince, depois de *Parade*. Mas nenhuma decepção foi maior do que a do De La Soul. Após *3 Feet High And Rising*, o esperadíssimo *De La Soul Is Dead*, embora bastante original, agradou pouco. Desde então, todo mundo recebe os discos do trio com entusiasmo pré-fabricado, elogiando, mas sabendo que, no fundo, eles poderiam fazer melhor. Assim, é com enorme alívio que aqui vai um sonoro "agora, sim!" para *Art Official Intelligence: Mosaic Thump*, o novo trabalho do grupo – na verdade, a primeira parte do que deve virar uma trilogia de colaborações a ser lançada por inteiro até o próximo ano. Brilhante, divertido e, quem diria, inovador (talvez até mais que o tal *3 Feet ..., Art Official...*), é ainda de uma refrescante criatividade. Ah, e simplicidade também. Basta dizer que o primeiro single, "Oooh", grudável em sua memória sonora com apenas uma escutada, faz milagres apenas com duas variações sobre um tema musical e um refrão feito só do próprio título – isso mesmo, "oooh"! (o convidado especial aqui é Redman). Logo de cara, eles sampleiam a menor fração possível do corinho de "Le Freak" (para os nascidos antes de 1985, um clássico do Chic) e fazem uma bela introdução sensual. Em seguida, as batidas ficam mais malandras ("All Good?", com Chaka Khan) ou até mais secas ("I.C.Y'All", com Busta Rhymes), e as surpresas vão se superando. Até chegar "The Art Of Getting Jumped", onde um sorrisinho extremamente familiar (Será um forró?) nos obriga a conferir a ficha de créditos. E lá está escrito: contém samples de "A Dor É Curta E O Nome Comprido", de Tom Zé e Odair Cabeça de Poeta. Precisa dizer que essa é a melhor faixa do CD? Se tudo der certo, mais dois volumes sairão. Mas, se for só para provar que o De La Soul está de volta, honestamente, nem precisa lançar mais nada.
**Zeca Camargo**



**Trio ensaia volta gloriosa**

★★★½☆

**Phoenix**
**United**
*Source/Astralwerks*
**Pop refinado domina a estréia do quarteto francês**

Só o fato de ser francês e não ir na cola dos artistas que tem saído de lá já faz o Phoenix ser digno de atenção. Mas as diferenças entre o quarteto e seus colegas de cena não param por aí. Em vez de batidas da época da discoteca, climas etéreos ou breguices cult que viraram lugar comum na música daquele país, o grupo prefere investir em um pop refinado, fruto de quem tem um gosto muito diversificado e sabe filtrar as referências para o formato canção. Tanto pode ser som estradeiro movido a teclados que remetem a "Jump", do Van Halen ("Too Young"), ou melodias perfeitas com algo de R&B ("Honeymoon", "On Fire"): em *United*, as fontes mais díspares estão dispostas de modo que evidencia a "normalidade" das composições. Os únicos toques que lembram a origem da banda são os teclados de Thomas Bangalter (Daft Punk) em "Embuscade" – ainda assim, marcada pela suavidade – e a mixagem de Philippe Zdar (Cassius) na maioria das faixas. Com quase dez minutos, "Funky Squaredance" resume a bagunça: primeiro, country sob vocais com efeito, depois funk eletrônico e rap velha-guarda, culminando em solo metaleiro de guitarra. Que disposição! **EG**

**Para quem gosta de:**
Sidney Van Eet
Serge Gainsbourg

# Para quem está no limite...

**O jornalista Zeca Camargo, comandante do programa de TV *No Limite*, apresenta sua lista de álbuns para situações extremas. E nem precisa estar na Praia dos Anjos para querer uma igual**

Pergunta clássica: quantos discos você tem na sua coleção? Resposta clássica (que eu já me acostumei a dar para ficar meio livre): parei de contar quando cheguei a 2 mil. A verdade é que não tenho muita idéia de quantos CDs tenho em casa. Muitos é a medida mais razoável. Muitos, no sentido de "mais do que cabe no espaço limitado do meu apartamento". Por isso mesmo, há pouco tempo, tomei a decisão de não permitir que a coleção continuasse crescendo.

Fiz um enorme pente-fino e dividi todos eles em três categorias: "Nunca mais vou ouvir na vida"; "Talvez eu ainda ouça um dia na minha vida"; e "Quero ouvir para o resto da minha vida". Na primeira categoria, para a minha surpresa, acabei separando mais de 600 CDs. Conclusão lógica: a gente acaba guardando muita porcaria em casa. E, mesmo na segunda categoria, ainda acho que vou dar uma revisada. O fato é que, a essa altura (da vida), aos 37 anos, ouvir alguma coisa nova e realmente se deliciar, confesso (ainda que isso vá decepcionar você, com menos de 30), é difícil.

Desculpe-me, mas o trocadilho é inevitável: chega-se num ponto onde sua paciência já está no limite – e sua capacidade de se surpreender também. E então, atingimos o propósito dessa seção, que, infelizmente, tem um nome com o numeral 10 nela (mas que poderia facilmente esticar-se para 20 ou 30).

São dez discos que nunca me aborrecem. Que quando ouço algo novo e totalmente estupendo, sem nenhuma novidade, volto para a inspiração que eles me trazem – cada uma por um motivo, como está descrito a seguir. E, como disse, dez motivos são poucos para eu não me aborrecer. Ainda tenho na manga dis cos para quem está no limite das vocalistas, da euforia, da no tada, dos guitarristas, da cha mada "world music". Mas isso já é outra lista.

O Cure, de Robert Smith (*centro*): indicado para quem está estourando de depre

**da animação**

**Chemical Brothers**
Dig Your Own Hole
Viagem absoluta, capaz de fazer você dançar quando suas forças já o abandonaram. E, quando os músculos não atendem mesmo aos comandos mentais, as duas últimas faixas vão direto ao cérebro para uma sensação de satisfação imediata. Nada que eles fizeram antes, nem o álbum que lançaram depois supera esse trabalho – talvez "Hey Boy Hey Girl" consiga façanha semelhante, mas, para um efeito mais duradouro, vá direto a *Dig Your Own Hole*.

**do remix**

**St. Etienne**
Casino Classics
Chega de reclamar que remix é nada mesma coisa, pois geralmente é mesmo. Mas essa coleção de convidados a "retrabalhar" faixas do St. Etienne é uma fonte infinita de esperança no poder do remix. Tudo bem que em alguns casos ("Who Do You Think You Are", por Aphex Twin) a faixa original beira o irreconhecível, mas não é para isso mesmo que se remixa alguma coisa? Sem dúvida, o trabalho mais original no gênero, apesar de ser de 1996.

**da inspiração**

**The Shaggs**
Philosophy Of The World
Igual a nada que você ouviu na sua vida, esse disco único (recentemente relançado em CD, com faixas-bônus, inclusive) prova que dá para se tirar ouro de pedra. Ou melhor, tirar ouro de praticamente nada, pois as noções de música das irmãs Wiggin aparentemente se resumiam apenas à maneira certa de segurar os instrumentos. Não obstante, registraram, ainda que não tivessem essa intenção, um dos momentos mais originais (e talvez, assustadores) do pop.

**do escracho**

**Inspiral Carpets**
Cool As Fuck
Nem chega a ser um álbum. É só um maxi-single com cinco faixas dessa banda que deixou poucos registros que tenham valido a pena no pop inglês (circa 1989/90), mas que felizmente registrou esse momento de total desencanação musical. Da faixa inicial (a superretrô "Joe") à final (a hiperpsicodélica "Plane Crash"), os alucinadesencanados Carpets tocam levando as últimas consequências a promessa do título original (corra para seu dicionário de Oxford).

**do tesão**

**Isaac Hayes**
Greatest Hits Singles
A prova de qualquer frigidez, uma música de Isaac Hayes é o que se pode chamar de golpe baixo. Mas se o seu objetivo é claro e preciso (levar alguém para a cama), sua performance está garantida com essa trilha sonora. Na verdade, qualquer álbum de Hayes funciona horrores nesse setor, mas já que você gosta de arriscar tudo, vá direto ao assunto e fique com essa coletânea, que já vi pegando poeira em lojas de departamento no centro de São Paulo. Ah, se eles soubessem...

**do alternativo**

**Violent Femmes**
Violent Femmes
Esse é o primeiro disco desse grupo magistral, freqüentemente esquecido, ou melhor, injustamente esquecido. Lançado em 1982 (sim, há 18 aninhos!!!), Violent Femmes é até hoje uma lição para quem acha que o adjetivo "alternativo" cai bem para bandas como Pavement ou Eels. De Sonic Youth a Yo La Tengo (e Beck, por que não?), todo mundo bebeu nessa fonte. E ninguém ainda fez igual. Nem eles, já que o álbum que soltaram este ano é uma grande decepção.

**da depressão**

**The Cure**
The Top
É até estranho recomendar música para quem está se sentindo mal, mas esse disco geralmente pouco ouvido (e, com certeza, pouquíssimo entendido) do Cure é um convite à amargura. O que o Nine Inch Nails tentou fazer a vida inteira (especialmente agora, no álbum *Fragile*), está lá. A faixa-título, então, é perigosa – talvez até seja melhor ouvi-la quando você estiver no estado de espírito oposto, ou seja, bem alegre. Senão, pode ser fatal.

**do romance**

**Ben & Jason**
Emoticons
Mesmo que quem você ame desesperadamente não entenda uma palavra de inglês, coloque *Emoticons* para essa pessoa ouvir. Sente-se a seu lado, bem perto. Mas não procure intimidade maior do que ter as mãos dadas. Aperte um pouco mais forte na hora de "Air Guitar" e segure firme até chegar "Romeo And Juliet Are Drowning". Pode chorar, então. Se for o caso, comente *en passant* que os ingleses Ben Parker e Jason Hazeley são namorados.

**do pensamento**

**Talking Heads**
Remain In Light
Se você quiser passar desse plano espiritual para o próximo – sem abandonar as amenidades terrestres – ouça *Remain In Light* de uma só vez. Depois, ouça de novo. Se necessário, ouça ainda mais uma vez. Só então você vai entender porque David Byrne é um enviado divino e que sua missão musical na Terra acabou com o fim dos Talking Heads (e que, depois disso, ele funciona apenas como um anjo catapultador de talentos como Tom Zé e Shoukichi Kina).

**do rap**

**Basehead**
Play With Toys
Basehead não é exatamente uma novidade, mas na primeira audição já dá para sacar que se trata da coisa mais original que poderia ser feita depois de o rap ter dado inúmeros sinais de cansaço. Cantando como se não tivesse a menor obrigação de entreter e trabalhando só com instrumentos acústicos, o Basehead, que ainda esprirrara o ótimo single "Do You Wanna Fuck Or What?", fez uma obra-prima. O som do futuro construído com coisas do passado.

DISCOFAGIA

# Apocalipse sonoro em versão ideal para nerds

**O Devo juntou ficção científica com humor negro e Krafwerk com Giorgio Moroder para fazer de sua estréia, *Q: Are We Not Men? A: We Are Devo*, um manifesto contra a burrice**

**Ano de lançamento:** 1978
**Produção:** Brian Eno e Chuck Statler
**Musicas:** "Uncontrollable Urge" • "I Can't Get No) Satisfaction" • "Praying Hands" • "Space Junk" • "Mongoloid" • "Jocko Homo" • "Too Much Paranoias" • "Gut Feeling/Slap Your Mammy" • "Come Back Jonee" • "Sloppy (I Saw My Baby Getim)" • "Shrivel Up"

Depois de gravar seu último disco inédito, em 1990 (*Smooth Noddie Maps*), os integrantes do Devo estenderam sua demência a outras áreas do entretenimento. Mothersbaugh tocou teclados para os Rolling Stones e fundou a empresa Mutato Muzica, passando a produzir jingles e temas musicais para a TV. Casale dirigiu o clipe de "I'll Stick Around" dos Foo Fighters.

Corria o ano de 1974. Mark Mothersbaugh e Jerry Casale cursavam arte na Universidade Kent State, em Ohio (Estados Unidos), quando um evento macabro mudou a vida dos dois: naquele ano, a polícia invadiu o campus para reprimir uma manifestação estudantil. Os tiras distribuíram bordoadas e tiros. Quatro estudantes morreram. O fato ganhou manchetes em todo o mundo e inspirou Neil Young a escrever seu clássico "Ohio", gravado pelo Crosby, Stills, Nash & Young.

A morte dos alunos mexeu muito com Mothersbaugh e Casale e convenceu-os da veracidade de uma teoria maluca que há muito vinha remoendo seu cérebro: a tese da "de-evolução". "Começamos a perceber que o homem estava andando para trás", disse Casale certa vez. "Atingimos o ápice do avanço tecnológico e, em vez de evoluir, passamos a retroceder, a voltar à época das cavernas."

Fanáticos por Kraftwerk, música eletrônica e artes plásticas, os dois juntaram tudo isso à teoria da de-evolução e formaram o grupo que, sozinho, fundou a new wave. O Devo era mais um conceito do que uma banda. Antes de lançar qualquer disco, já tinham pensado num visual, uma mistura engraçada de roupas à *Jornada Nas Estrelas* com ridículos capacetes de peão de obra. Em 1974, isso era o futuro.

O grupo nasceu com o puro espírito punk do "faça você mesmo". Casale e Mothersbaugh começaram a gravar demos num porão. A música era minimalista ao extremo: orgãozinho vagabundo, bateria eletrônica de quinta, uma ou outra guitarra, vocais quase falados. Apesar da precariedade, essas demos (editadas anos depois nos dois CDs da série *Hardcore Devo*) são obras-primas absolutas.

O primeiro disco do Devo, *Q: Are We Not Men? A: We Are Devo!*, de 1978, juntava todas as influências da banda: futurismo kitsch, George Orwell, *Planeta Dos Macacos*, *2001*, ficção científica barata, o humor negro do Monty Python, Kraftwerk, Giorgio Moroder, cinema experimental. Era uma experiência audiovisual, uma trilha sonora do Apocalipse, versão nerd. E a música era subumana: batidas eletrônicas capazes de sacudir até os mais enferrujados dos mortais, refrãos pop pegajosos e letras espertas.

O trabalho causou comoção: o festejado Brian Eno produziu o álbum; David Bowie fez questão de apresentar a banda num show de Nova York. Grupos como Pere Ubu, B-52's e até o Talking Heads se inspiraram no pop cibernético de Mothersbaugh, Casale e cia.

Como a maioria dos grandes discos da história, a estréia do Devo não vendeu bem. Sucesso comercial, o quinteto só obteria em 1980, quando a faixa "Whip It" estourou nas rádios. Mas a teoria da de-evolução se espalhou, influenciando muita gente: Kurt Cobain era um dos maiores fãs; Trent Reznor e Billy Corgan também; grupos como Man or Astro-Man? e Atari Teenage Riot nem existiriam sem o Devo. E até os Simpsons usaram a banda como prova da teoria da de-evolução em Springfield. Homenagem maior, impossível.

**André Barcinski**

DEMOCRACIA

# O descobridor que se achou

[illegible] , explica. [illegible] *[illegible] De 50 Cen-* [illegible] agosto e o manteve dentro [illegible] por seis meses. Todas as músi- [illegible] são próprias, com exceção de uma, "Rouxinol Secreto", feita em parceria com Fernando Chui (autor de "Tubaína", do Festival da Música Brasileira da Rede Globo) e misturam rock-pop com MPB de forma bem elaborada e produzida. Suas influências viajam pelos arranjos aparentemente simples (Beatles), pelas letras com personagens (Chico Buarque, Bob Dylan) e pelas melodias que exploram caminhos diferentes (Radiohead). Se todo crítico musical é um músico frustado, pode-se dizer que Danilo, profissionalmente falando, saiu do armário e está muito feliz por isso.

**Quando você começou a compor as músicas do álbum?**

Tudo foi crescendo em segredo, como um monstro que você deixa trancado no quarto dos fundos, joga uma tigelinha de comida uma vez por dia, uns dias coloca mais, outros dias não põe nada... E assim

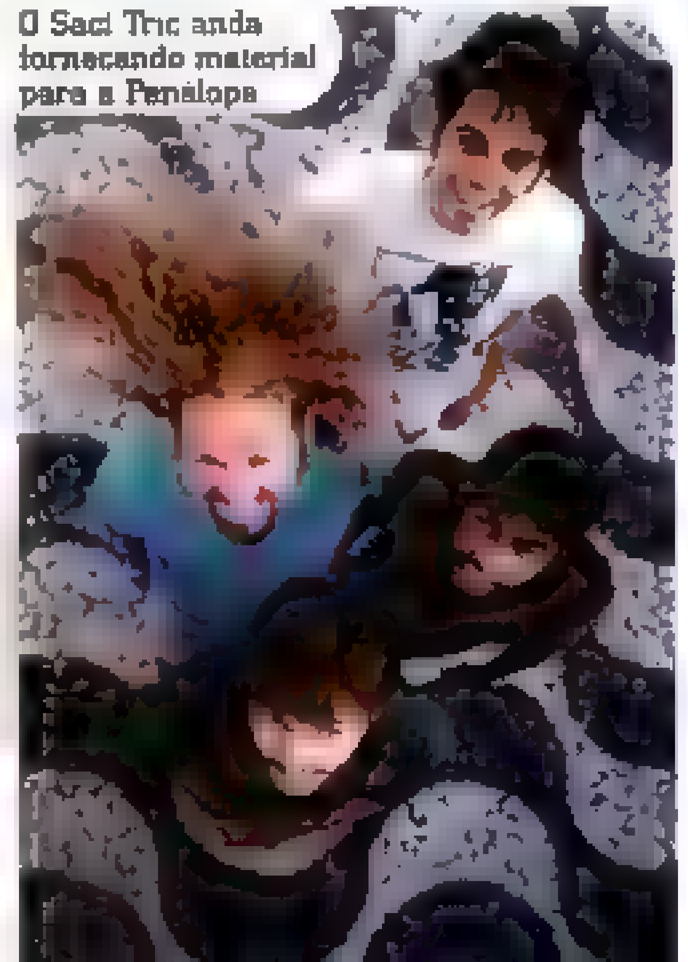
Beto Só *(à frente)* e os Incríveis Solitários: gosto por rock inglês e Cazuza

## Não repartição

No começo, **Beto Só** era realmente solo. Cansado de tentar montar uma ban[illegible] resolveu encarar a carreira musical sozinho. [illegible] para mostrar as 12 composições [illegible] no repertório, convidou o irmão [illegible] (29 anos), [illegible] que trabalha no Ministério da Saúde, e dois amigos para acompanhá-lo nos palcos [illegible] Os dois irmãos sempre fizeram música juntos e desde o início do projeto, em 1997, começaram a se dar muito bem. [illegible] a autoria da maioria das canções, enquanto os arranjos [illegible] Marcello [illegible] do Sertão [illegible] (1999) e a segunda e mais nova demo do quarteto. [illegible] baladas acústicas cheias de decepções amorosas [illegible] zadas, além de duas covers para deixar ev[illegible] [illegible] "[illegible] Moon" (Echo & The Bunnymen) e "The Man Who Sold The World" (David Bowie). "Cresci [illegible] ouvindo rock inglês e nacional dos anos 70 e 80 e sempre gostei [illegible] de Cazuza", afirma Beto. A produção é impecável, incluindo a capa charmosa, no estilo dos antigos compactos de vinil. A intenção para o futuro, segundo ele, é "conseguir escapar da sina dos brasileiros: morrer [illegible] funcionários públicos". **Contatos: (61) 344-9750; e-mail: solitarios@ig.com.br**

## Amigos da Charmosa

Tudo começou ainda na adolescência, em Salvador. Pajé, Ronei, Toni e Erika Martins (da banda Penélope), além de terem uma predileção especial por música, estudavam no mesmo colégio. Pajé e Ronei formaram o Mutter Marie; Erika e Toni tocavam no Macumba's Day. Em 1994, com todos já formados, Toni juntou-se aos colegas do Mutter Marie e um quarto integrante não demorou a chegar, pois estava literalmente na porta ao lado. Mario Jorge, um vizinho baterista de Ronei, entrou batizando a banda. "O nome original era Wilson Grey, mas quase ninguém gostava. Foi aí que Mario (hoje no Penélope) veio com **Saci Tric**, um primo do Saci-Pererê, que apareceu uma vez no *Sítio do Picapau Amarelo*", conta o estudante de Composição e Regência Pajé. "Todos os integrantes ouvem de Jimi Hendrix a Luiz Melodia, passando por Walter Franco e Pixies. No fim das contas, o que fica é a maneira rock'n'roll de tocar, com algumas pitadas de música brasileira. Principalmente dos anos 70: de Jards Macalé, das guitarras de Lanny Gordin, da Jovem Guarda de Roberto e Erasmo Carlos", comenta Pajé. A banda já lançou três demos nesses seis anos de carreira e um CD ao vivo, gravado no Teatro XVIII, na capital baiana, em novembro de 1998. Algumas composições de Ronei podem ser ouvidas na voz da amiga Erika: "Naqueles Dias" e "Circo" foram gravadas pelo Penélope e estão no álbum *Mi Casa, Su Casa*, e "Canal 100" é tocada nos shows. **Contatos: (71) 331-4253 ou (71) 9147-8691; e-mail: sacitric@sacitric.art.br**



O Saci Tric anda fornecendo material para a Penélope

Zines, selos, festivais e o escambau

### UDIGRUDI

Conferimos a **Bidê Ou Balde** ao vivo dia 6 de outubro, na festa da Rádio Ipanema em Porto Alegre (RS). As 2 mil pessoas que lotavam o local ficaram impressionadas com a apresentação do septeto, que fica maior no palco e contagia todo mundo. O show durou apenas 40 minutos e começou com "Sr. Promotor", depois vieram "Melissa" (já consagrada em terras gaúchas), o novo single "E Por Que Não?", a versão em português para "Buddy Holly" (do Weezer), "Spaceball" e "K 7". Todas estão no primeiro álbum do grupo, *Se O Sexo É O Que Importa, Só O Rock É Sobre Amor*, já disponível no Rio Grande do Sul e que terá lançamento nacional pela Abril Music no começo de 2001 ● **Músico independente, além de artista, é administrador do seu próprio negócio. É preciso correr atrás de tudo sozinho: estúdio, instrumentos, direitos autorais, etc. Mas o Nostrademos nasceu para ajudar. Em www.nostrademos.com.br você encontra várias dicas sobre legislação e um guia de serviços. Dá também para anunciar o show de sua banda e fazer consultas de graça por e-mail com advogados e produtores da área** ● Para quem gosta de rock-pop britânico no estilo Belle And Sebastian, a dica é **The Tamborines**. A banda, de Maringá (PR), lançou em outubro sua primeira demo – *Dressed Up To Better Feel The Sun*, com quatro músicas – pela Candy Records, microsselo da mesma cidade que já editou, entre outros, trabalhos do Foolish e da extinta Hellen Bisker, banda que abriu shows para Superchunk e Make Up no Paraná em 1998 ● **O site som.submarino.com.br realizou um concurso virtual entre bandas independentes de todo o país. Dos 745 inscritos, trinta foram escolhidos pelos músicos Otto e Fred (Raimundos) para a etapa final: a votação popular. As dez melhores músicas, segundo os internautas, participarão de um CD a sair pela gravadora Trama. Os primeiros colocados foram: Banda K2 (MG), com "Musica Musik2"; Monokini (SP), com "Riviera"; e Mamelucos Orbitais (PR), com "A Menina Rodou"** ● No final [illegible] o e-zine e selo London Burning (www.londonburning.cjb.net) comemorou 2 aninhos com uma festa na Torre do Dr. Zero, em São Paulo, com as bandas Walden, Blemish, Som Tomé e Maybees. Mas o ponto alto da noite foi a discotecagem da dupla paulistana **Golden Shower** (que ganhou melhor clipe de música eletrônica no último VMB). Vestidos de preto e usando máscaras, Markus Karlus e Kevin Rodgers tocaram uma hora de pérolas dos anos 80, como "Tarzan Boy", de Baltimora, e "Theme From S'Express", do S'Express, além de "Video Computer System" e outros sucessos próprios. Uma loucura!

## Do punk ao pop

**Não sei nada da banda e não tenho internet para procurar informações. Então, por favor, publiquem para mim a discografia do Goo Goo Dolls.**

**Lilian Martins – Sete Lagoas, MG**

O grupo americano, formado em 1985 (quando era bem punk e nada pop), já lançou seis albuns: *Goo Goo Dolls* (1987); *Jed* (1989); *Hold Me Up* (1990); *Superstar Car Wash* (1993); *A Boy Named Goo* (1995); *Dizzy Up The Girl* (1998)

## Geral nos mancunianos

**Qual a discografia do New Order e quais foram as bandas ou projetos paralelos de seus integrantes?**

**Eliane B. B. – Rio de Janeiro, RJ**

Para não haver confusão, Eliane, vamos do começo: o New Order nasceu em 1980 da união dos três membros remanescentes do Joy Division, após a morte do vocalista Ian Curtis, no mesmo ano. Eram eles: Bernard Summer (guitarra/vocal), Peter Hook (baixo) e Stephen Morris (bateria). Gillian Gilbert assumiu os teclados. Lançaram: *Movement* (1980); *1981-1982* (EP – 1983); *Power, Corruption And Lies* (1983); *Low-Life* (1985); *Brotherhood* (1986); *Substance* (1987); *Technique* (1989); *The Peel Sessions Album* (1990). Em 1990, sem decretar um fim oficial, os integrantes partiram para projetos particulares. Summer juntou-se ao ex-Smiths Johnny Marr para formar o Electronic. O primeiro disco, de mesmo nome, saiu em 1991. Ainda lançaram *Raise The Pressure* (1996) e *Twisted Tenderness* (1999). Revenge foi o projeto solo de Hook, que pariu o album *One True Passion*, em 1990, enquanto Morris e Gilbert reconheceram papel de coadjuvantes e formaram o The Other Two (em portugues, Os Outros Dois). Soltaram *The Other Two & You* em 1993 e *Super Highways* em 1999. Em 1993, o New Order se reencontrou para gravar o último trabalho, *Republic*. Dois anos depois saíram duas coletaneas: *(The Best Of) New Order* e *(The Rest Of) New Order*, esta só de remixes. Fora isso, Peter Hook continua na estrada com o Monaco, banda que surgiu em 1997 com o album *Music For Pleasure*. Acabou de sair na Europa o segundo trabalho do grupo, eponimo.

## Filhos do aborto

**Qual a discografia do Capital Inicial e quanto vendeu o primeiro album?**

**Rogério Duarte – Santos, SP**

O disco de estréia do Capital Inicial, que levou o nome do grupo, foi lançado pela PolyGram, em 1986, e chegou a vender 250 mil copias. Isso, graças a faixas como "Fátima" e "Musica Urbana", herdadas do Aborto Elétrico, grupo anterior dos irmãos Flavio (baixo) e Fê Lemos (bateria) e que tinha Renato Russo no vocal. Seguiram-se: *Independencia* (1987); *Você Não Precisa Entender* (1988); *Todos Os Lados* (1990); *Eletricidade* (1991). *Rua 47* (1994) e *Ao Vivo* (1996) são dois discos independentes, da época em que Dinho Ouro Preto estava afastado do Capital Inicial. Depois, ainda vieram *O Melhor Do Capital* (coletanea, 1996); *Remixes* (1998); *Atrás Dos Olhos* (1998); *Acustico MTV* (2000).

## Americanos superlegais

**Gosto muito dos CDs *Regretfully Yours* (1996) e *Head Trip In Every Key* (1998) do Superdrag. A banda lançou algum outro material depois disso?**

**Itamar Xavier – Soledade, RS**

Após *Head Trip...*, o Superdrag (que é muito bom mesmo) lançou uma compilação de demos, versões e algumas faixas inéditas, chamada *Stereo 360 Sound*. Saiu pelo selo dos próprios integrantes da banda, o Superdrag Sound Laboratories.

## Divindades do pop

**Gostaria de saber a discografia das cantoras Natalie Merchant e Fiona Apple.**

**Reinaldo Campos – Juiz de Fora, MG**

Natalie Merchant, desde que deixou o 10,000 Maniacs após o sucesso do *MTV Unplugged* e partiu para a carreira-solo, já lançou três álbuns: *Tigerlily* (1995); *Ophelia* (1998); *Live In Concert* (1999). A bela Fiona Apple tem apenas dois: *Tidal* (1996) e *When The Pawn...* (1999).

## Música para peitões

**Gostaria de saber novidades da cantora Lori Carson, sua discografia-solo e com o Golden Palominos.**

**Cinthia Silva Adati – Vitória, ES**

O Golden Palominos surgiu em 1981 e até agora lançou: *The Golden Palominos* (1981); *Visions Of Excess* (1985); *Blast Of Silence* (1986); *A Dead Horse* (1989); *Drunk With Passion* (1991); *This Is How It Feels* (1993); *Pure* (1994); *Dead Inside* (1996). No entanto, Lori Carson só participou de dois deles: *This Is How It Feels* e *Pure*. O primeiro trabalho da cantora, *Shelter*, data de 1990. Depois, vieram *Where It Goes* (1995), *Everything I Touch Runs Wild* (1997) e o mais recente, *Stars*, do ano passado. Atualmente, Carson tem feito algumas canções para filmes e seriados americanos, como *Baywatch* (aquele que fez a fama de Pamela Anderson), e colaborado com colegas musicos. Lori participa do novo trabalho de Hector Zazou, que está sendo finalizado, e de Bill Laswell, um ex-integrante do Golden Palominos, entre outros. Segundo ela, já existem planos para um novo album, mas é impossivel prever quando e como isso acontecera.

Lori Carson: sem saber como será seu futuro

A pedido do leitor Marcelo Alves de Farias - São Paulo, SP

# FICHA

**Importância**

O Teenage Fanclub, mesmo sem nunca ter conquistado espaço no mainstream, é considerado um dos principais grupos escoceses de todos os tempos e um dos precursores do chamado brit-pop. Postura tímida, guitarras harmoniosas, melodias alegres, vocais sóbrios e inalteráveis – quase não dá para saber qual dos três vocalistas está cantando – é o principal legado do quarteto, que influenciou dezenas de artistas na cena indie do mundo todo, mas principalmente na do Reino Unido.

**Biografia**

O grupo foi formado em 1989 nos suburbios de Bellshill, cidade de Glasgow, Escócia. Norman Blake (ex-BMX Bandits) e Raymond McGinley, ambos guitarra e vocal, conheceram-se nos clubes noturnos da região e começaram a ensaiar com o nome de Boy Hairdressers, que logo vira Teenage Fanclub (a idéia inicial era Teenage Fanny) com a entrada do vocalista e baixista Gerard Love e do baterista Francis MacDonald, rapidamente substituído por Brendan O'Hare e mais tarde incorporado aos Pastels. A despeito do americanizado álbum de estréia *A Catholic Education* ter sido a grande sensação indie da época, só o segundo trabalho, *Bandwagonesque*, que vendeu 70 mil cópias no Reino Unido e 150 mil na América do Norte, colocou os escoceses no mapa da música pop. Antes de sair, *Bandwagonesque* já era considerado uma grande promessa e, depois de chegar às lojas, as belas melodias garantiram ao disco um lugar em quase todas as listas de melhores do ano da crítica especializada. Certo desapontamento seguiu-se com o trabalho seguinte, *Thirteen*, que não causou muita comoção nem no velho nem no novo mundo. Mas não demorou para o quarteto voltar à forma. *Grand Prix*, o quarto álbum, apresenta um novo baterista, Paul Quinn (ex-Soup Dragons) e devolve a banda às paradas com o single "Sparky's Dream". *Songs From Northern Britain* mantéve o clima romântico do anterior, com um toque do pop dos anos 60 dos Beatles e dos Byrds. O ex-tecladista do BMX Bandits, Finlay McDonald se junta ao grupo no fim de 1997. Para os próximos meses, está programado o lançamento de um novo disco, intitulado *Howdy*.

**Discografia**

*A Catholic Education* (1990), *Bandwagonesque* (1991), *Thirteen* (1993), *Grand Prix* (1995), *Songs From Northern Britain* (1997)

PROMOÇÃO • PROMOÇÃO • PROMOÇÃO

O que você faria se o ROCK batesse à sua porta?

Responda à pergunta acima e concorra a 10 pacotes oferecidos pela **Warner** com os novíssimos discos de Raimundos, Green Day e Deftones. Envie sua carta para **Promoção Cultural "Rock batendo"**, Rua São Carlos do Pinhal, 60 – 8º andar, São Paulo, SP, CEP 01333-000 ou pelo e-mail showbizz@simbolo.com.br. Os nomes dos mais criativos serão publicados na BIZZ de janeiro. (Atenção: só valerão cartas postadas até 31 de novembro.)

PROMOÇÃO • PROMOÇÃO • PROMOÇÃO

**Fale com a gente:** Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP, CEP 01333-000
**Atendimento ao leitor:** e-mail: showbizz@simbolo.com.br

### Flores... e alguns espinhos

Parabéns pela nova revista! Está realmente melhor do que antes, com um visual mais limpo, sem muitos excessos! A reportagem sobre a invasão britânica estava tão boa que eu nem vou reclamar por vocês terem colocado o U2, minha banda preferida, no meio desse balaio. Abraços para a galera da Redação. Sou estudante de jornalismo e, quem sabe, um dia, estarei aí também.
**Fabricio Renovato – Rio de Janeiro, RJ**

A mudança no visual tornou a BIZZ muito mais prazerosa e excitante de ser lida. Maravilhosa a volta da seção das bandas que temos de conhecer (Até Quando Esperar). Em 1988, por intermédio de vocês, descobri o Cowboy Junkies, que até hoje interfere muito no meu gosto musical. Agorinha mesmo, já estou indo atrás de Beth Orton e Lambchop. Show de bola.
**Caio Matheus Filgueira – Sorocaba, SP**

Primeiro, as flores: sensacional e muito elucidativa a matéria do festival de Reading na última edição da BIZZ/SHOWBIZZ. Deu para sentir bem o clima que rola por lá. Agora, os espinhos: dizer que o Primal Scream significa picaretagem suprema, caras e bocas, e que eles são um arremedo de Rolling Stones é quase o mesmo que dizer que o Radiohead é um arremedo de U2 e King Crimson afetado, lotado de bases e sons eletrônicos contemporâneos.
**Anna Maria Lopes – Salvador, BA**

### Gata honrada

Finalmente a revista fala alguma coisa decente da Cat Power. Até hoje, tudo o que eu tinha lido na SHOWBIZZ a respeito dela era aquele comentário bobo na cobertura da festa de aniversário da Matador, dizendo que a performance de Chan Marshall era "chatinha". Sempre é bom lembrar que nem só de Wilco vive (e bem) o folk na música atual. Agora, querer misturar o Nando Reis com essa turma maravilhosa, como tentou o Pedro Só, é de matar, né?
**Egberto Macedo – Barra Mansa, RJ**

### Musas e musas

Amei a nova BIZZ. A revista mudou para melhor e trouxe na capa uma personalidade a altura na edição de setembro. Apesar de Madonna ser maravilhosa, não gostei de ler que Alanis Morissette só vende discos por causa dela. Ter uma pessoa como Madonna por trás ajuda muito, mas, quando Alanis surgiu, havia uma lacuna na música feminina e ela era a única com talento suficiente para preenchê-la. Não estar na Maverick poderia ter atrasado sua explosão, só que o estrago não seria menor.
**Dóris Cordeiro – São Paulo, SP**

**As palavras que nos comoveram**

## PAPOFIRME

Gostei do novo visual, das mudanças em algumas seções e dos novos "quadros" Detalhes e Que Fim Levou. No entanto, estou escrevendo para comentar a crítica do show da Marisa Monte (edição 182). Lendo o texto (muito bem escrito), uma desconfiança minha se confirmou: a música ficou em segundo plano, dando lugar à imagem e a uma certa burocracia no palco, como se tudo "nesse que seguir uma coreografia. Não estou negando que organização é importante e a imagem faz parte do show (vide nossos amigos David "Ziggy Stardust" Bowie e Marilyn Manson). Mas o que eu percebo hoje, não somente no Brasil, é que as pessoas preferem assistir ao videoclipe a ouvir o disco, ou que é melhor ver as fotos do encarte a ler as letras. Nessas horas, eu sinto uma baita saudade do Nirvana. Pode parecer clichê, mas naquela época, você via no palco três, quatro caras vestidos com a mesma roupa que eles iam ao mercado. O que importava mesmo era a música, a mensagem.
A imagem deve justificar a obra, como na época new wave, glitter ou nos shows do Pink Floyd e Michael Jackson. Hoje, a gente tem punks bonitinhos e bem vestidos, metaleiros preocupados em estar na moda e outras bandas que chamam atenção só pela aparência. O que quero realmente é rock'n'roll, cantado com atitude. Pop feito por grupos que não foram concebidos por empresários ou gravadoras e um disco de MPB só com as letras no encarte. Enfim, música.
**José Luciano – Curitiba, PR**

Marisa Monte: burocracia no palco

**SÍMBOLO**
**Diretora-Presidente** Joana Woo
**Vice-Presidente:** Roberto Melo
**Superintendente de Planejamento:** Sandra Woo
**Superintendente de Finanças:** Pedro Frazão
**Diretora de Circulação e Marketing:** Regina Bucco
**Diretora de Publicidade:** Dilu Freire Huth
**Diretora Jurídica:** Henriqueta Pezelj

**Bizz**

**Diretora da Divisão de Segmentados:** Luli de Castro
**Diretora de Arte da Divisão:** Cláudia Vargas

**REDAÇÃO**
**Editor-Chefe:** Emerson Gasperin
**Editor:** José Flávio Júnior
**Editor de Arte:** Dalton Flemming
**Diagramador:** Roberto Moegan Lopes
**Revisão:** Angela Maria Cruz
**Colaboradores: Texto:** Abonico R. Smith, Alexandre Matias, André Barcinski, Ayrton Mugnaini Jr., Bernardo Araújo, Daniel Oliveira, Fabiana Bianchi, Fábio Bianchini, Fernando Rosa, Guilherme A. Hungria, Luciano Matoglia, Luciano Vianna, Mario Bezzi, Renato Vada, Ricardo Alexandre, Sérgio Barbo, Sergio Maurus, Toninho Spessoto, Valéria Rossi, Zeca Camargo **Fotografia:** Marcelo Vitorino, Mitas Mara, Nino Andrés **Ilustração:** Fábio Cruz, Mariani
**Correspondentes:** Ricardo Woo e Amy Florence Ha (Nova York)
**Produção Gráfica:** Andréa Lemmo
**Símbolo Press:** Ana Carolina Oliveira

**PUBLICIDADE**
**Gerente de Publicidade:** Liliane Ferreira Santos • **Executivas de Negócios:** Fernanda Ferez Costa, Roseni Garcia Mendes. • **Contato Publicitário:** Fabiano Zuanon • **Gerente de Publicidade de Representantes Regionais:** Kleber Gomes • **Gerente de Publicidade (RJ):** Maria Pimentel • **Contato (SC):** Anaide Franco • **Escritórios: Rio de Janeiro:** R. Voluntários da Pátria, 45, GR-801/802, RJ, CEP 22270-000, tel. (0xx21) 579-2210, fax (0xx21) 579-2140 **Representantes** • **Interior de SP:** FaCampos Consultoria e Assessoria S/C Ltda., R. Caramuru, 1.280, cj. 106, Ribeirão Preto, SP, CEP 14020-000, tel./fax (0xx16) 635-5137 • **Brasília:** JCZ - Comunicações Ltda., SRTVS - Qd. 701, Bl. C, s. 330, Brasília, DF, CEP 70.340-907, tel. (0xx61) 322-2034, fax. (0xx61) 314-1541 • **Ceará:** A G Holanda Comunicação Ltda., R. Pedro Borges, 135, 10° and., s. 1001, Fortaleza, CE, CEP 60055-110, tel. (0xx85) 251-4141, fax (0xx55) 231-4761 • **Paraná:** Yahn Repres. Comerciais Ltda., R. Senador Xavier da Silva, 488, cj. 808, Curitiba, PR, CEP 80530-060, tel. (0xx41) 252-3466, fax (0xx41) 252-0737 • **Rio Grande do Sul:** Integrada Atendimento e Mídia, Av. Getúlio Vargas, 1.594, 6° and., s. 605, Porto Alegre, RS, CEP 90150-004, tels. (0xx51) 233-1587 e 233-1343, fax (0xx51) 233-1587 • **Novo Hamburgo:** Integrada Atendimento e Mídia, R. Tupiratinha, 55, s. 4, Novo Hamburgo, RS, CEP 93310-220, tel. (0xx51) 582-4120, fax (0xx51) 594-4089 • **Santa Catarina:** Central de Comunicação S/C Ltda., R. Anita Garibaldi, 79, s. 701, Florianópolis, SC, CEP 88010-500, tel/fax (0xx48) 222-4355

**ADMINISTRAÇÃO**
**Gerente de Produção Gráfica:** Fernanda Leverin
**Gerente Administrativa:** Elmira Faria

**Fotolito Eletrônico:** A. R. Fernandes
**Impressão:** Globo Cochrane, Gráfica e Editora • Viabedo
**Papel:** Impacel

**SHOWBIZZ** é uma publicação mensal da Símbolo Editora e Comunicação Integrada S.A. ISSN 0104-1649. Redação, administração, publicidade e correspondência: R. São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000, São Paulo, SP, tel. (0xx11) 284-2233, fax (0xx11) 287-8879. Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S/A. Edições anteriores (mediante disponibilidade de estoque): solicite através de seu jornaleiro. **SHOWBIZZ** não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

ANER IVZ

ASSINATURAS – (0xx11) 251-1225 (Grande São Paulo, 0800-163022 outras localidades, ou pelo e-mail: assinat@simbolo.com.br
SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE – Para renovar ou tirar dúvidas sobre sua assinatura: (0xx11) 253-8134 ou pelo fax (0xx11) 251-5405

Abril
**PRESIDENTE E EDITOR:** Roberto Civita
**GABINETE DA PRESIDÊNCIA:** José Augusto Pinto Moreira, Ophir Toledo, Thomaz Souto Corrêa
**PRESIDENTE EXECUTIVO:** Ophir Toledo
**VICE-PRESIDENTES:** Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Pastoral, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

MTV ao Vivo
O Show dos Raimundos agora em CD

Incluindo o Bonus Track "20 e poucos anos"

Duplo Vol. 1 Vol. 2

Nas Lojas

wea

**Supremacia inglesa**
Gostaria de agradecer ao pessoal da BIZZ pela ótima revista de outubro. Se havia ficado alguma dúvida a respeito da superioridade musical dos ingleses, esta foi execrada graças às matérias com U2 e Radiohead (para mim, a melhor banda em atividade). E já que a moda é rock inglês, que tal falar do Roger Waters na próxima edição? Soube que o ex-Pink Floyd está com tudo no velho mundo. Só faltou falar dos quatro anos da morte do Renato Russo.
**Vinicius Santos – São Paulo, SP**

**Mais Herbert!**
Fiquei indignada quando recebi a última edição da revista. Quase nada do Herbert Vianna! Só duas páginas, quando ele merecia estar na capa! Estava esperando uma matéria grande, com entrevista e muitas fotos! Espero que na próxima edição vocês façam isso. Quero só ver a nota para o novo disco-solo dele, hein?!
**Gabriele F. Lima – Recife, PE**

**Correções:**
– Na última edição, trocamos o nome do dono da loja London Calling, na matéria das Grandes Galerias (página 59). O certo é Walter, não Valdir.
– Na matéria sobre o Reading Festival, no boxe da página 39, dissemos que todos os álbuns do Primal Scream tinham saído no Brasil. Na verdade, só têm versão nacional os discos: *Screamadelica* (1991), *Give Out But Don't Give Up* (1994), *Vanishing Point* (1997) e *XTRMNTR* (2000).
– Para completar a informação sobre os Meat Puppets (Responde, edição 183), a banda está com nova formação. O líder Curt Kirkwood (guitarra/vocal) é o único que permanece. Os outros integrantes são: Andrew Duplantis (baixo), Kyle Ellison (guitarra) e Shandon Sahm (bateria).

**Vencedores da promoção Yo La Tengo:**

Adriano Frauches (Porto Alegre, RS)
Alex Ferreira (Praia Grande, SP)
Alexsandro F. Corrêa (São José, SC)
Anderson da Silva Chalegre (Campinas, SP)
Antonio Carlos Galetti Júnior (Leme, SP)
Bruna T. L. B. Roncatti (Santos, SP)
Cristiano Marlon Viteck (Ponta Grossa, PR)
Erick Gomes (Teresina, PI)
Guilherme Ramos (São Paulo, SP)
Helio Luis Medina (Paulínia, SP)
Leandro Miguel de Souza (Campo Bom, RS)
Louvane Boulleur (São Miguel do Iguaçu, PR)
Madi Amorim Pacheco (Novo Hamburgo, RS)
Márcio Mário da Paixão Júnior (Goiânia, GO)
Marco Antonio C. Lima (Santos, SP)
Pedro Villegas Araújo (Campo Grande, MS)
Renata Vitta de Freitas (São Paulo, SP)
Rodrigo Lobo Damasceno (Feira de Santana, BA)
Saulo Araújo (Itaquaquecetuba, SP)
Sergio Oliveira de Montes (São Paulo, SP)

**Vencedores da promoção Mama Chan:**

Adriano Zambaldi Silva (São Paulo, SP)
Alessandra Vanessa Cavalcanti Gomes (Recife, PE)
Antonio Camilo (Presidente Prudente, SP)
Claudinei de Souza Lustosa (São Paulo, SP)
Elvis Fernando Zanella (Ibirama, SC)
Gabriel B. (Pouso Alegre, MG)
Julio Cesar Florêncio dos Reis (Curitiba, PR)
Leandro Cesar da Silva Pinheiro (Engenho Novo, RJ)
Leandro Miguel de Souza (Campo Bom, RS)
Luiz Gustavo Leite Souza (Chalé, MG)
Marco Antônio M. Záccaro (Santo André, SP)
Marco Leandro K. Fernades (São Paulo, SP)
Maria Cecília C. Barbosa (Rio de Janeiro, RJ)
Mauricio Araujo Higino (Vitória da Conquista, BA)
Maycon Swain (Campo Grande, MS)
Pedro Antonio Batalha (Mogi das Cruzes, SP)
Rafael Fortes Fonseca (Rio de Janeiro, RJ)
Rafael Minoro Andrade (Ipatinga, MG)
Roberto Queiroz Vieira (Rio de Janeiro, RJ)
Thiago Kaczuroski (São Paulo, SP)

Para o pessoal que quer ter alguém com quem conversar

# ENTRE LEITORES

## CORRESPONDÊNCIA

**Black Sabbath:** Messias B. Júnior – Rua Radialista Viana, 210, Varginha, MG, CEP 37056-210

**Breeders e Pixies:** Janaina da Silva – Rua Artur Bernardes, 187, Contagem, MG, CEP 32310-130

**Clash:** Fernanda Pizzinatto – Avenida 15, 31, Santa Gertrudes, SP, CEP 13511-000

**Depeche Mode:** Fabiana Carreira – Rua João Bragança, 203, São Paulo, SP, CEP 02759-060

**Doors:** Gisele Morrison – Rua Lagoa da Tocha, 456, Jardim Icaraí, São Paulo, SP, CEP 04844-080

**Duran Duran:** Belisia A. L. Sayão – Rua Tab. Ferreira de Carvalho, 261/604, Belo Horizonte, MG, CEP 31170-180

**Iral:** João Carlos B. Moura – Rua Q, 20321, Aviação, Praia Grande, SP, CEP 11724-240

**Led Zeppelin:** Denise Guedes – Rua Barão de Loreto, 396, Santo André, SP, CEP 09131-180

**Marilyn Manson:** Queens Manson – Rua Padre Eustáquio, 1067, ap. 604, Belo Horizonte, MG, CEP 30710-580

**Pearl Jam:** Rodrigo Ribeiro – Rua Laury Tavares, 28, Vitória, ES, CEP 29048-230

**Raimundos:** Raquel F. Braz – Condomínio Petrópolis, Rua D, casa 113, Sobradinho, DF, CEP 73000-000

**Ramones:** Tatiana Machado – Rua Marco Llashi, 109, Sumaré, SP, CEP 13171-540

**R.E.M.:** Danilo Zombie – Rua C, 20, ap. 201, Guarany, Salvador, BA, CEP 40373-210

**Smiths:** Márton César Silvares – Rua Manoel Nogueira de Sá, 545, casa 1, Rio de Janeiro, RJ, CEP 21745-300

**U2:** Renata T. Hewson – Rua Cristiano Palmeira, 120, Campina Grande, PA, CEP 58102-325

## FÃS-CLUBES

**Aviations E Velvolades:** Fã-Clube Eles Ganham Nota Dez! – Rua Barreto Viana, 97, Viamão, RS, CEP 94480-500

**Cure:** Fã-Clube The Cure Brasil – Rua Pedro Neri Schwinden, 998, Santo Amaro da Imperatriz, SC, CEP 88140-000
E-mail: thecurebrasil@bol.com.br

**Iron Maiden:** Piece Of Maiden Fan Club – Rua Flora Souza, 58, São Paulo, SP, CEP 08041-400

**Madonna:** Fan Club Secret Garden – Rua Aigle Medeiro de Oliveira, 203, São Roque, SP, CEP 18140-000

**Pato Fu:** Fã-Clube Tribo Fu – Rua Haroldo Torres, 3.008, Fortaleza, CE, CEP 60357-100
E-mail: tribofu@yahoo.com.br

**Paul McCartney:** Fã-Clube Paul Is Live – Rua Calapos, 152, São Bernardo do Campo, SP, CEP 09850-340

Stamp Rock Wear
CAMISETAS OFICIAIS
ESTAMPAS DE ALTA QUALIDADE
RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR
FRETE GRÁTIS
PROMOÇÃO ESPECIAL VÁLIDA ATÉ 31/12/2000
TEL : 0**11 6979 7344
FAX : 0**11 6979 5456
stamp@uol.com.br
R$ 19,90 cada camiseta

ENVIE O CUPOM AO LADO ( POR CARTA, FAX OU E-MAIL) PARA A STAMP:
RUA HELIODORA, 321 CEP 02022-051 SÃO PAULO, SP

PREENCHA CORRETAMENTE NOME, ENDEREÇO, REFERÊNCIA E TAMANHO ( P,M,G).

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

ACEITAMOS TROCA EM CASO DE DEFEITO OU TAMANHO.

DESCONTO PARA REVENDEDORES

| REF | TAM | REF | TAM | REF | TAM |
|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | |
| | | | | | |

NOME:
END:
CEP: CID: EST:
TEL: ASSINATURA:
BIZZ/NOV/00

# O roqueiro encanta a cantora de bossa nova

**Jerry Adriani levou a fama por ter trazido Raul Seixas para o Sul, mas quem o aconselhou a chamar o baiano para acompanhá-lo foi Nara Leão**

As grandes inovações costumam vir de onde menos se espera – e muitas vezes elas até já chegaram e ninguém percebeu. Um bom exemplo é Raul Seixas. Quando foi aclamado como "novo talento" por todo o Brasil ao aparecer no sétimo e último Festival Internacional da Canção, em 1972, ele mesmo deve ter dado boas risadas. Raul, novo talento? Um artista que havia chegado da Bahia em 1967 e que, na época desse festival, tinha dezenas de músicas gravadas por Renato e Seus Blue Caps, Jerry Adriani, Leno & Lilian e tantos outros?

As grandes idéias também pintam de repente e de quem menos se imagina. Raul gostava de rock'n'roll, bolero, baião e música barroca, entre outros estilos, mas nem podia ouvir falar em bossa nova, para ele tão complicada e chata quanto formulário de imposto de renda. Por ironia do destino, o primeiro grande impulso para o sucesso de Raul veio justamente da bossa nova – ou, precisamente, de uma grande figura do movimento.

Os raul-seixistas arretados já sabem: quem trouxe Raul da Bahia para o Sul foi Jerry Adriani, que no começo de 1967 foi fazer um show em Salvador com uma banda local. Esse show era um "pacote" de várias atrações: além de Jerry, havia Nara Leão e Chico Anysio. A apresentação, numa casa noturna importante e com a lotação esgotada, tinha tudo para agradar. Afinal, estavam lá um dos maiores cantores da jovem guarda, uma das mais importantes cantoras da bossa nova e um dos melhores humoristas brasileiros. Só que a numa contratada para tocar com os artistas simplesmente deu o cano. E agora? Foi o desespero que trouxe a idéia: chamem Raulzito E Os Panteras!

E vamos dar viva aos super-heróis: o grupo veio mais rápido que a luz e salvou a noite. Sim, foi um belo "ensaio ao vivo", com uns errinhos que só músico percebe, mas saiu muito bom. Tão bom que Jerry insistiu para que eles o acompanhassem até o Rio de Janeiro. Um mês depois, apareceram na *Grande Parada*, que Jerry apresentava na TV Tupi, gravaram um LP, mais tarde Raul firmou-se como compositor e produtor e o resto você já sabe.

Raulzito (a frente) E Os Panteras: solução de última hora

**Graças a um show improvisado em Salvador, Raulzito galgou seu primeiro degrau rumo ao estrelato**

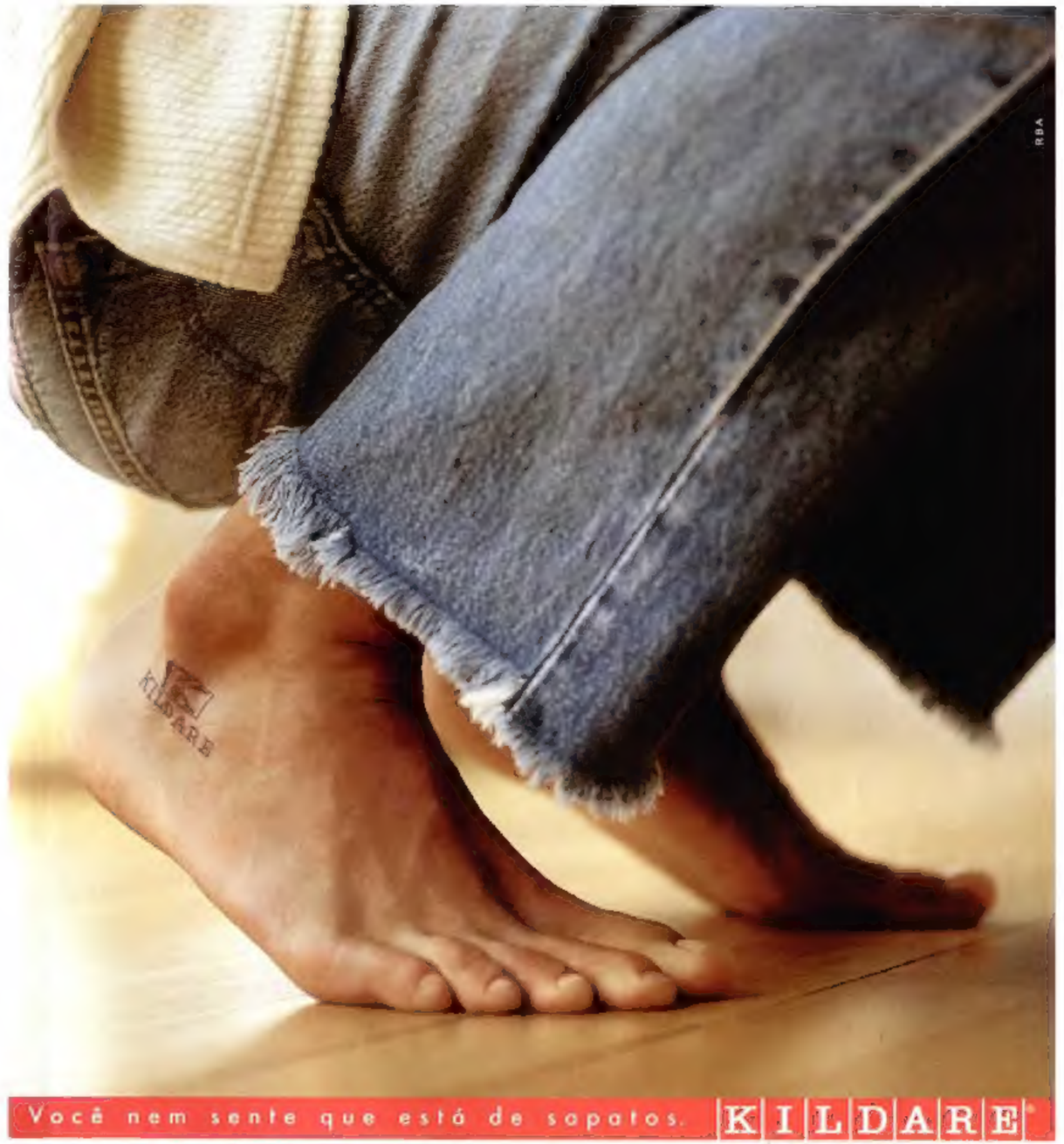
Tudo bem, Jerry tem todos os méritos por ter trazido Raul para o "Sul Maravilha" e para o sucesso nacional. Ou melhor, quase todos. Quem aconselhou o cantor a chamar aquele pessoal esquisitão da Bahia para tocar com ele foi Nara Leão. Ao contrário do que muita gente sempre pensou, ela não era daquelas bossa-novistas bitoladas, de ficar presa no apartamento e só cantar sobre prainhas e barquinhos. Muito menos apenas a Nara Joelhão, figura lindamente decorativa, modelo para Paula Toller 20 anos depois.

Nara foi o que nós hoje chamamos de "antenada". Um dos primeiros (se não o primeiro) nomes da bossa nova a trazer consciência social para o movimento, tendo resgatado sambistas da antiga como Nelson Cavaquinho e Ze Kéti e estrelado o show *Opinião*, inaugurando a "bossa engajada". Sem falar que teve a pachorra de criticar os militares na imprensa em pleno início da ditadura – depois dessa, enfrentar colegas bossa-novistas xiitas era moleza.

Ela nada tinha de radical, sendo fã de pop-rock o suficiente não só para ter engatado um namorico com Roberto Carlos, mas também para gravar um LP inteiro de músicas dele cerca de dez anos depois e, nesse meio tempo, escrever versões em português para sucessos de Georges Moustaki ("José", gravada por Rita Lee), Françoise Hardy e Cat Stevens. De modo que a cantora estava muito bem equipada para discernir o que era bom em qualquer estilo, a ponto de indicar os Panteras para tocarem com Jerry. Que, hoje, além de sempre lembrar de seu grande amigo Raul, fala da também saudosa Nara Leão com o maior carinho: "Foi um dos melhores seres humanos que eu conheci". Por sinal, ela e Raul foram seres humanos e artistas tão especiais que o destino achou por bem tirá-los deste planeta no mesmo ano, 1989. Realmente, surpresas são surpresas justamente por acontecerem quando menos se espera...

**Ayrton Mugnaini Jr**





Finalmente no Brasil todos os álbuns da banda alternativa mais cultuada da atualidade

# BELLE & SEBASTIAN

Tigermilk

If You're Feeling Sinister

The Boy with The Arab Strap

Fold Your Hands Child, You Walk Like A Peasant

jeepster

TRAMA

nas melhores lojas

www.trama.com.br